

REVISTA DA SEMANA

N.º 24

CR\$ 2,00 EM TODO O BRASIL

14-6-47





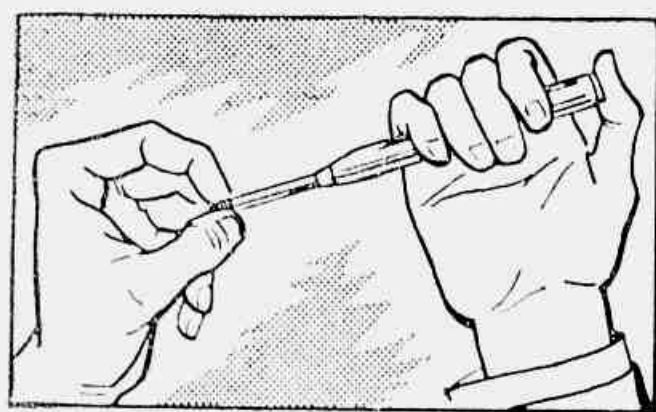
O detalhe que
a consagra
PERFEITA

Uma inovação exclusiva em
todo o mundo!

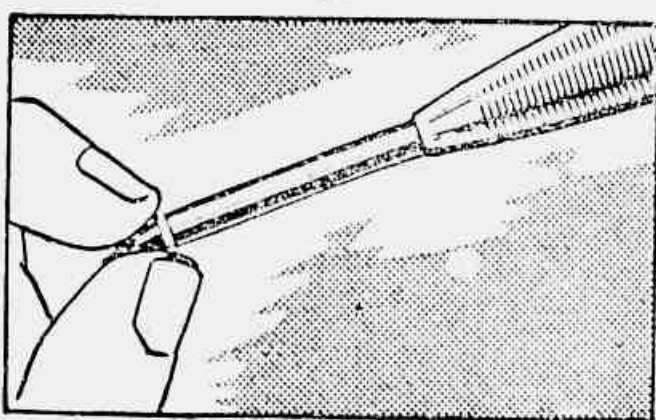
— Agora, V. mesmo poderá recarregar
a sua BIROME, numa operação tão
fácil que até uma criança pode rea-
lizá-la em dois segundos!

ATENÇÃO!: Cada esferográfica com
“Tanque Deslizável” tem direito a
mais um tanque sobressalente. *Exija-o!*

Como se deve mudar AGORA uma carga de tinta:



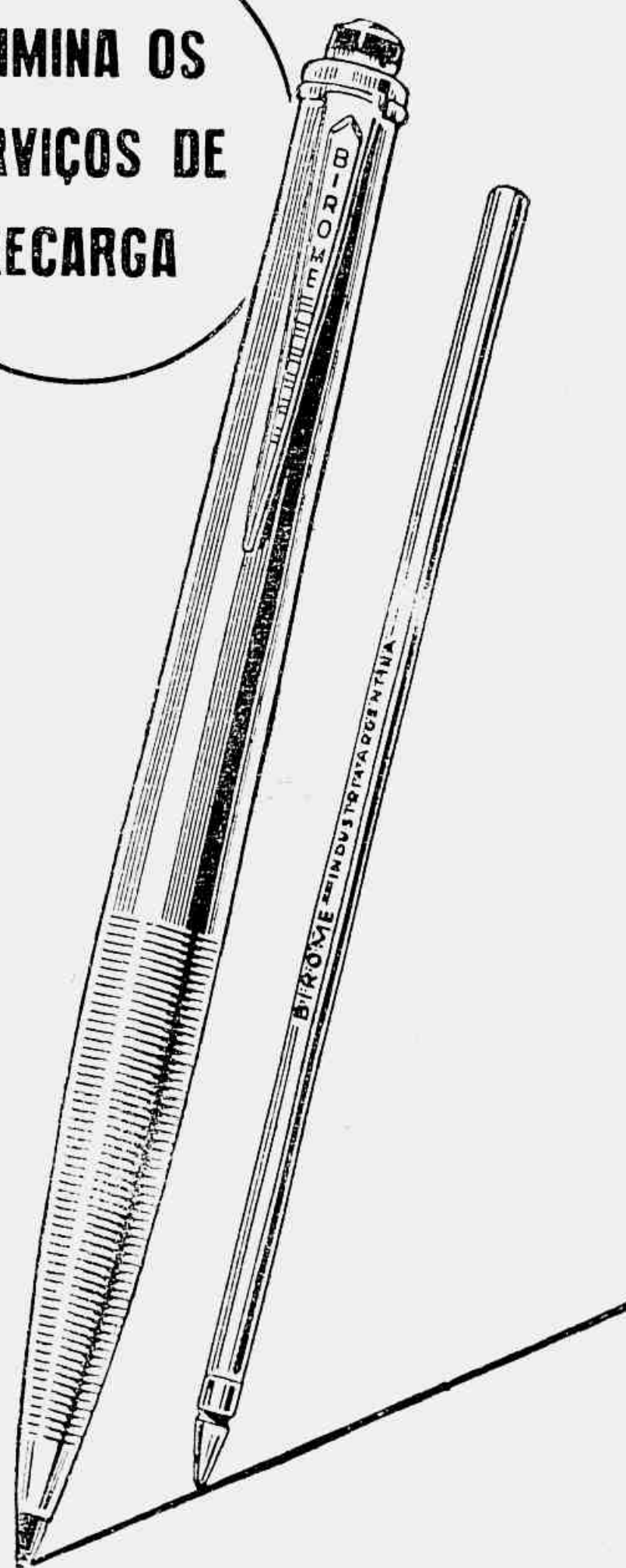
Comprime-se o botão, segura-se
a ponta pela ranhura e puxa-se
o tanque para fora.



Para colocá-lo, basta exercer uma
leve pressão para que deslize sua-
vemente retornando ao seu lugar.

ESFEROGRÁFICA
Birome
RETRÁTIL

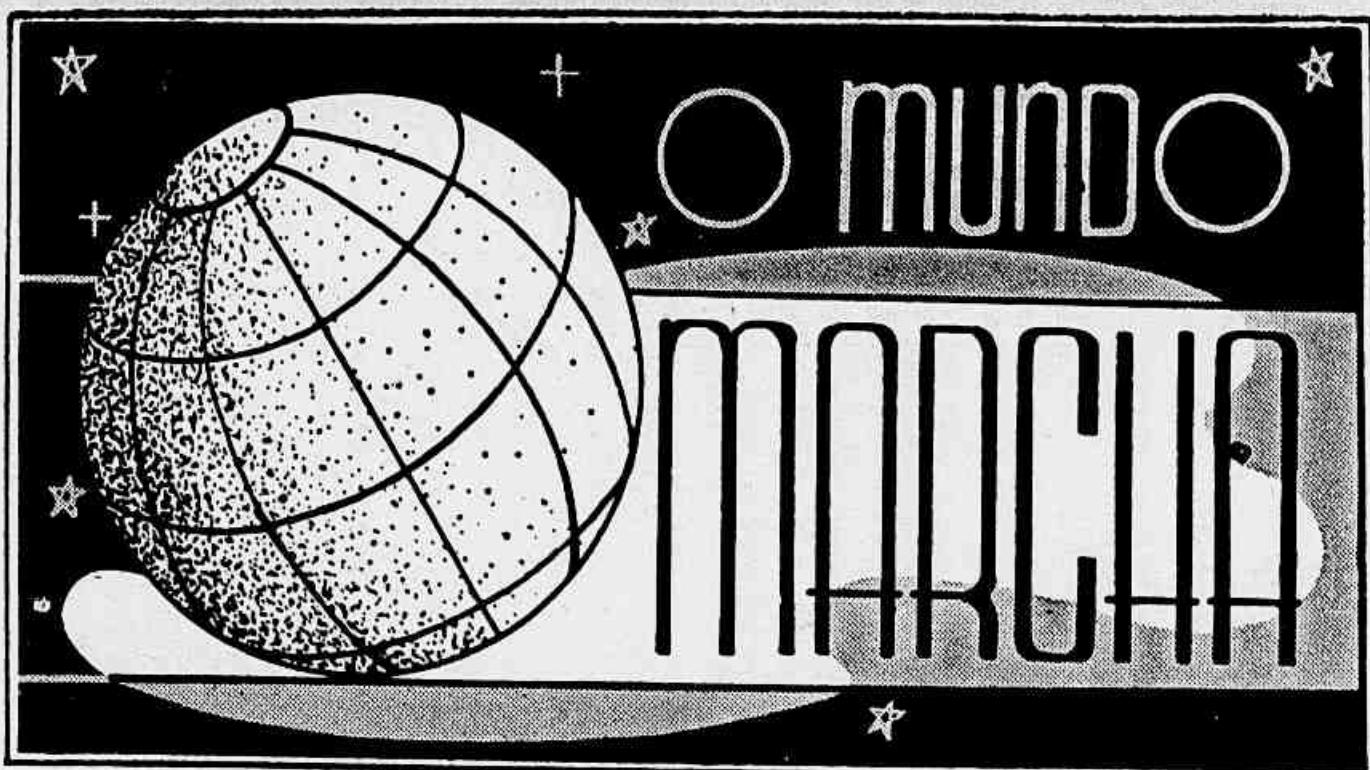
ELIMINA OS
SERVIÇOS DE
RECARGA



Modelos desde
Cr\$ 225,00
a
Cr\$ 2.860,00

O INVENTO QUE CONQUISTOU O MUNDO

BIROME INDUSTRIA E COMÉRCIO S. A.
RUA PEDRO LESSA 35-8º — TEL. 42-9766



Depois de muitas semanas de indecisões e boatos, deu-se afinal a demissão do Sr. Hildebrando de Góes da Prefeitura do Distrito Federal. A hora em que encerrávamos esta edição, esperava-se que o Senado Federal aprovasse a indicação do Presidente da República do nome do general Angelo Mendes de Moraes para aquele cargo. E já se noticiava que o secretário geral da Prefeitura seria o coronel Gilberto Marinho e que o secretário particular do novo prefeito seria o Sr. Augusto de Gregório, nosso confrade de "Folha Carioca". Ao mesmo tempo, o general Zenobio da Costa aparecia nas manchetes dos jornais, como tendo proposto a eliminação, das fileiras do Exército, dos sargentos, cabos e soldados que participaram das confabulações em torno de uma projetada intentona, para repor o ex-ditador Getúlio Vargas no poder. Foi também pedida a prisão preventiva do secretário particular do atual senador riograndense, Sr. Carlos Maciel, e do "tenente" Gregório Fortunato, antigo chefe da guarda de corpo do Sr. Getúlio Vargas. Falta peixe para o carioca comer e o pior é que os peixes deram para vir comer os cariocas... Pelo menos foi isso o que aconteceu no sábado, em plena praia de Copacabana, onde um enorme e voraz peixe, que uns dizem ser um tubarão e outros um tintureiro, abocanhava a perna de um estudante, que devorou. O pobre rapaz, com vinte anos de idade, apenas, faleceu ao ser socorrido num hospital público. A vítima se chamava José Luis Lippiani e residia à avenida Nossa Senhora de Copacabana n. 1143. Em Lisboa, houve grosso sarrabulho por ocasião da permanência, ali, do navio "Santarém", que deixou aquele porto com atraso, em consequência da prisão de seis dos seus tripulantes, que se envolveram em luta corporal com estivadores lusos. O agente do Lloyd Brasileiro disse lamentar o acontecimento, mas afirmou que não acreditava que o pessoal do "Santarém" fosse culpado da briga. O general Lima Câmara resolveu desencadear uma ofensiva em grande estilo contra certas senhoras que exploram a mais antiga profissão feminina do mundo (ainda que quase sempre ilegal) e oculto as ocupantes de trinta e nove apartamentos de um edifício da rua Riachuelo, vulgarmente conhecido pela alcunha de "Treme-Treme". O governador do Ceará, desembargador Faustino de Albuquerque, não concordando com a cassação de sua autoridade pela Assembleia Legislativa que elaborou a nova carta constitucional do Estado, declarou que vai requerer mandado de segurança, afim de que o Supremo Tribunal Federal declare a inconstitucionalidade dos dispositivos parlamentaristas na mesma enxertados por seus adversários políticos... O Supremo Tribunal da Croácia sentenciou à morte Slavko Kvaternik e quase todo o seu gabinete de "quislinas". Todos os acusados foram condenados a serem fuzilados, menos Siero Congresso Internacional de Jornalistas aprovou, por unanimidade de votos, uma gried Kasche, que vai morrer por enforcamento. Em Praga, na Checoslováquia, importante resolução sobre a liberdade de imprensa. Num desastre de automóvel, José Luis Calazans, o popular "Jarama", autor de "Mãe eu quero", fraturou o crânio, ficando em estado gravíssimo. Sua esposa também ficou muito ferida.

Para a galeria dos criminosos bestiais, ou talvez, mais adequadamente, para a dos loucos criminosos, entrou na semana passada o funcionário público Joaquim Manuel de Araújo, que, atacado de mania de perseguição, agrediu a própria mãe, Arminda Maria Viana de Araújo, a violentos golpes de martelo, fraturando-lhe o crânio. Acreditando-a morta, o criminoso foi se apresentar ao 23.º Distrito Policial, dizendo: "Sr. Comissário, acabo de matar minha mãe e não estou arrependido". Os funcionários públicos franceses resolveram entrar em greve e anunciaram que o fariam a 13 do corrente. Nesse mesmo dia, Jayme Costa reaparece ao seu público, depois de uma ausência de dois meses da Cinelândia, apresentando no Glória a peça "O homem que volta", de Celestino Silveira e Berliet Júnior. Ao ator que acaba de voltar ao seu posto, nossos votos de sucesso. Um telegrama da Reuters anuncia que o presidente Eurico De Nicola, chefe da República Italiana, renunciará a 24 do corrente. Desde já aguardamos o desmentido. No "O Jornal", o Sr. B. de Aragão nos agoura com a ameaça de voltarmos a pão misto. Também aguardamos o desmentido. No Senado, o senador Vitorino Freire fez mais um discurso de arromba, pulverizando o discurso de resposta do Sr. Getúlio Vargas. Com discursos tão brilhantes, o senador maranhense é capaz de acabar também na Academia de Letras, como seus colegas de Senado Vargas e Simonsen... Em matéria de telegrama rápido e desafiado, o campeonato passou às mãos do ex-deputado Adalberto Correia, antigo getulista rubro, que enviou ao seu ex-chefe este despacho sibilino, tudo a propósito de um artigo de "Democracia", em que era diretamente visado:

"Eu sabia que V. Excia. não assumiria a responsabilidade das insinuações do artigo referido em meu telegrama. Como, porém, a minha vida pública na parte mais exposta a ataques esteve intimamente ligada a V. Excia., eu, propositadamente, ao declarar "responda ao menos se é a expressão de seu pensamento", quis dar oportunidade a V. Excia. de ter uma atitude nobre, declarando não concordar com essa agressão, pois vivi quase dois anos na sua intimidade defendendo o Brasil, de V. Excia. mesmo, com a exclusiva preocupação do bem público, como é de seu conhecimento. No entanto V. Excia., pequeno e medíocre como sempre, diz "que fuge de seus princípios apreciar conceitos emitidos por terceiros", embora a agressão do jornal que segue sua orientação se refira a um homem sobejamente conhecido de V. Excia., visto como estava a seu lado enfrentando os comunistas e a formidável oposição da Câmara dos Deputados, àquela época composta das figuras mais brilhantes e de mais responsabilidade do país e que tinham repugnância por V. Excia., que aliás depois compreendi que era a mais justificada possível. O que fuge a seus princípios são as noções de respeito à dignidade alheia. É verdade que este país se transformou no "recreio dos piratas", mas estes foram criados e amestrados por V. Excia. e estão entre os que o rodeiam. Não há outros piratas perigosos fora desse ambiente. Todos estão sob as ordens do Chefe, que é V. Excia. Encha-se de coragem, sr. senador, e diga qualquer coisa fundamentadamente contra mim, ao menos para castigar a minha insolência, pois se alguma coisa censurável eu pratiquei, deve ser chegado ao conhecimento de V. Excia. — Adalberto Correia".

Que telegrama! Puxa... Desses não transitam todos os dias pelo telégrafo...

Estômago Sujo

As vezes, sem saber porque, sente-se de repente grande abatimento geral, aborrecimento, moleza, indisposição profunda, mal-estar em todo o corpo, preguiça para fazer qualquer esforço, até dores e peso no estômago, na cabeça e no ventre; em fim não se tem vontade nem coragem nenhuma de trabalhar!



Sempre que estas perturbações aparecem assim de repente, deve-se ter a certeza de que o estômago e intestinos estão muito sujos e cheios de matérias fermentadas e tóxicas, e neste mesmo dia convem usar **Ventre-Livre**, afim de prevenir complicações e moléstias mais graves.

Um Conselho

Evite as medicações violentas e debilitantes!

Para tratar racionalmente a prisão de ventre, use **Ventre-Livre**, remédio brando e suave, que alivia, limpa e tonifica o estômago e intestinos e exerce uma ação muito salutar sobre as funções do fígado.

Todas estas qualidades é que fazem com que **Ventre-Livre** seja largamente usado em tão numerosos e importantes países.

Use **Ventre-Livre**

O NOSSO CONCURSO DE CONTOS

São estas as bases do nosso concurso permanente de contos:

1 — Só serão aceitos no concurso permanente de REVISTA DA SEMANA contos escritos sobre temas brasileiros, sobre os quais os nossos leitores possam discorrer com pleno conhecimento e com facilidade.

2 — Os contos devem ser invariavelmente datilografados, em razão do que não serão tomados em consideração trabalhos manuscritos.

3 — A redação de REVISTA DA SEMANA não dá informações pelo telefone ou por escrito sobre os contos selecionados ou considerados não publicáveis. Os contos julgados bons serão publicados, podendo os seus autores, na mesma semana da publicação, procurar a importância do prêmio respectivo na nossa caixa. Os autores residentes nos Estados serão pagos por via postal, nos lugares em que estiverem.

4 — Os contos submetidos a este concurso devem ter no mínimo três folhas datilografadas, tipo ofício, em espaço dois, e no máximo oito folhas.

5 — Os autores devem escrever com seu nome e residência na tólha de rosto do conto e na página final do mesmo. No caso de usarem pseudônimo e o nome verdadeiro, este será utilizado apenas para efeito do pagamento do prêmio. É desnecessária a remessa de quaisquer cartas encaminhando os contos, bastando a declaração, no envelope: — "Concurso Permanente de Contos de REVISTA DA SEMANA".

6 — As características dos contos selecionados devem ser: dramaticidade, interesse humorístico e pitoresco da narrativa, qualidades literárias do estilo, originalidade, etc. Os concorrentes devem procurar acima de tudo, a correção na simplicidade, fugindo ao lugar comum e à banalidade. Não é aconselhável desenvolverem literariamente anedotas em curso, pois anedota não é conto. O gênero tem características próprias e essas peculiaridades devem ser respeitadas.

OFICINA DE 1.º ORDEM
AVIAME RECIPTAS MÊ-
DICAS COM EXATIDÃO

O PINCE-NEZ DE OURO

OCULOS, PINCE-NEZ, LORÇONS

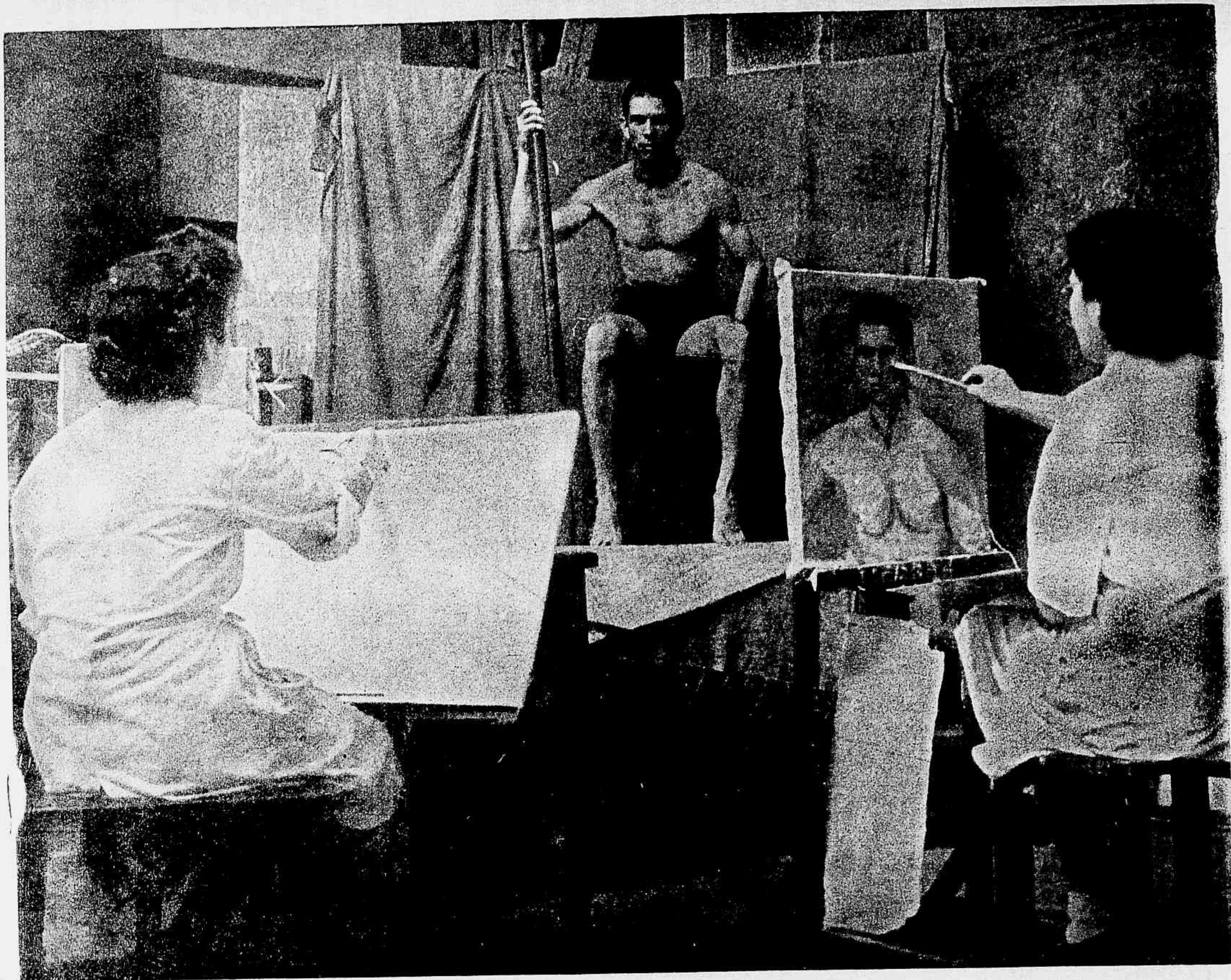
R. CARIOCA N.º 28

Joalheria

LUIZ R. RICART

TEL. 22-4690 — RIO

JOIAS, RELÓGIOS, BRILHANTES
E ARTIGOS PARA PRESENTES



Este é o único modelo masculino que presentemente, "trabalha" na Escola Nacional de Belas Artes. Trabalhar sentado parece ser muito fácil. Mas é fácil apenas para quem nunca ficou imobilizado numa cadeira durante duas horas seguidas.

CRISE DE MODELOS

NA ESCOLA NACIONAL DE BELAS ARTES

OS MODELOS SÃO PESSIMAMENTE PAGOS, GANHANDO APENAS TREZE CRUZEIROS POR HORA DE PÔSE — O PRÓPRIO DIRETOR DA ENBA, PROFESSOR AUGUSTO BRACET, RECONHECE QUE É ANGUSTIOSA A SITUAÇÃO DESSES PROFISSIONAIS — OS JOVENS ARTISTAS SE RESSENTEM, EM SUA FORMAÇÃO, COM A PRECARIEDADE DOS MODELOS.

Reportagem de LIUBA VATINYCK

Foto de ARNALDO VIEIRA, especialmente para REVISTA DA SEMANA

A PUBLICAÇÃO repetida de anúncios nas seções pagas dos jornais, sob o título de "Precisa-se de modelos", despertou nossa curiosidade e levou-nos a visitar a Escola Nacional de Belas Artes, cujo endereço aparecia em tais publicações. Parecia-nos ser o sinal de uma crise. E era. Chegando à secretaria fomos atendidos pelo sr. Heitor Filho que com a melhor boa vontade, prontificou-se a acompanhar-nos à presença do diretor da Escola e diversos professores, para colhermos diretamente as impressões que nos interessassem.

73 degraus

Enquanto atravessamos um largo correndo e subíamos os 73 degraus que conduzem às salas de pintura, o sr. Heitor Filho, explicou-nos que talvez tivéssemos dificuldade em entrevistar os raros modelos existentes, pois, já uma vez colegas nossos, cuja identidade a ética não nos permite revelar, haviam feito sobre os mesmos uma reportagem sensacionalista, ilustrando-a com fotografias e legendas ainda mais sensacionais. A impressão geral na Escola foi constrangedora.

Havíamos chegado a uma das salas de pintura onde fomos encontrar o professor Augusto Bracet, diretor da Escola desde 1938. Ele estava dando aula aos seus alunos e fez um breve intervalo para atender-nos. Explicamos-lhe que havíamos lido os anúncios que a Escola publicara e pedimos sua opinião sobre a crise de modelos que se faz sentir na E. N. B. A.

ACONTECEU EM PARIS...

A situação do modelo em nossa terra, explicou-nos o professor Bracet, é muito precária. Daí a crise. Poucos dos nossos artistas estão em condições de manter um modelo permanente. Em Paris, por exemplo, onde há uma quantidade enorme de artistas trabalhando o ano inteiro, e não somente às vésperas de realizar-se o Salão, é natural que haja muitos modelos. Eles formam uma classe. Vivem exclusivamente da profissão. Isso beneficia o artista, que pode contar com uma variedade imensa de tipos. Quando lá estivera, estudando, o professor Bracet se viu obrigado

a colocar uma placa na porta do meu "atelier". "NAO SE PRECISA DE MODELOS".

COMPRESSÃO DE VERBA

— Quais as outras causas que o sr. atribui à ausência de candidatos à modelo?

— O modelo é mal pago. E' mesmo muito mal pago...

— E por que a Escola não remunera melhor esses auxiliares imprescindíveis?

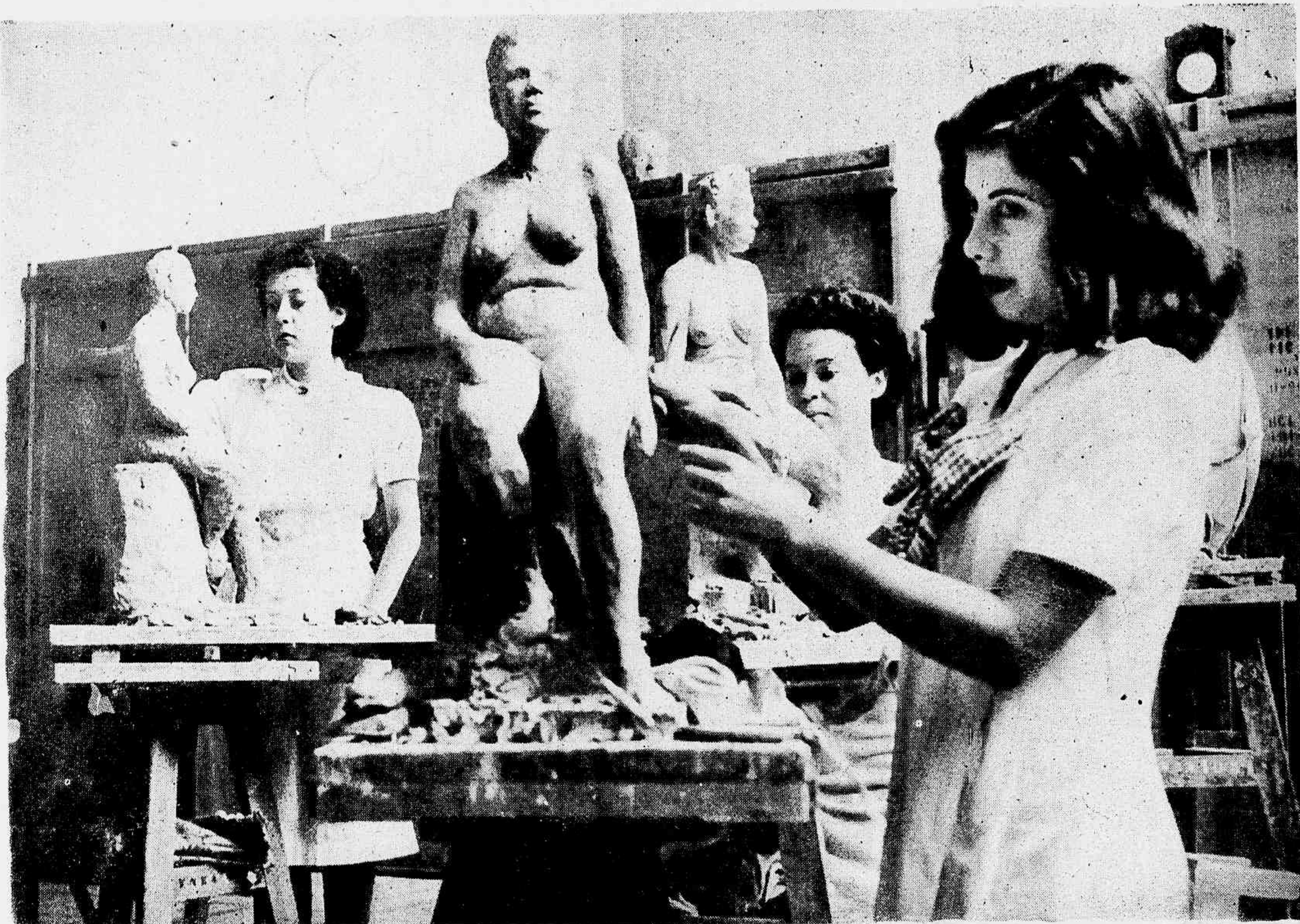
— Vou lhe explicar... E' que temos para isso uma determinada verba anual. Nosso orçamento não comporta aumento sobre a base que pagamos atualmente, pois se assim fizessemos quando chegasse na metade do ano já teríamos gasto tudo e não disporíamos de recursos financeiros para prosseguir os trabalhos. E' esta a principal razão porque não podemos manter um bom conjunto de modelos.

— E vê possibilidade de melhorar a situação?

— Não podemos atualmente pensar em aumentos, pois

Ha crise de modelos na Escola Nacional de Belas Artes. Duas razões para a crise: excesso de pudor e parca remuneração. Aqui está uma jovem aluna da Escola Nacional de Belas Artes, tomando contacto com uma das raras modelos. No cavalete, a tela inacabada, para a qual serviu a póse desta fotografia.





Ao alto: Alunas de escultura, modelando em barro diante de um modelo vivo. Em baixo: Na aula de pintura do professor Augusto Bracet, que é, hoje, o diretor da Escola Nacional de Belas Artes. O tema dos exercícios é um torso de homem. Qual dos alunos se sairá melhor nessa prova?





Da esquerda para direita: Ruth Seecnm, aluna de pintura da ENBA., fotografada durante uma aula com modelo vivo. Nilze Nunes Costa Freitas, uma das jovens alunas da ENBA. fotografada ao trabalho. Alita de Castro Moraes fixa bem o modelo, antes de iniciar seu exercício de pintura.

o govêrno está numa época de compressão de verbas, que nos impossibilita de solucionar esta crise de modelos.

HA APENAS QUATRO MODELOS FEMININOS NA ENBA

Sempre conduzidos pelo sr. Heitor Filho chegamos à tãlas observamos que os alunos pintavam um nú. Só en- sala do professor Marques Júnior. Num rápido olhar pelas tão distinguimos ao fundo da sala um modelo que posava e cuja imobilidade, à distância em que se encontrava nos fizera supor, no primeiro instante, tratar-se de matéria inanimada, pois já nos havíamos habituado a encontrar quadros e estatuas em tamanho natural, espalhados por todos os lados por onde havíamos passado.

Perguntámos ao professor Marques Júnior quantos mo- dêlos-trabalhavam na Escola e ouvimos, surpreendidos:

— Temos apenas 4 modelos femininos. Esses modelos nas aulas de pintura, gravura, e escultura. E' claro que os alunos precisam variar, mas aumentar o número de modelos seria diminuir o número de horas de trabalho dos que posam atualmente e isso tornaria a situação mais di- ficil ainda. A circunstância de serem poucos os modelos assegura-lhes mais tempo de trabalho e, portanto, um or- denado maior.

O professor Marques Júnior convidou-nos a visitar a sala de seu assistente, onde tivemos a surpresa de encon- trar o professor Pacheco, nosso conhecido ha muitos anos, como aluno da Escola Dramática da Prefeitura. Aliás, daí em diante, o acaso nos fez encontrar em quase todas as sa- las diversos ex-alunos da mesma Escola.

QUANTO GANHA UM MODELO

Aproveitando a liberdade que esse conhecimento nos proporcionou fomos dirêtos ao assunto e perguntamos ao professor Pacheco:

— Quanto ganha um modelo?

Desde 1944 a Escola tem feito pequenos aumentos su- cessivos, conforme permite a verba, para acompanhar o aumento do custo de vida. Compreendemos que esses au- mentos são insuficientes, mas não está nas possibilidades da Escola ultrapassar o limite atual.

E o prof. Pacheco ditou-nos os seguintes algarismos:

TABELA POR HORA

1944	6,00
1945	8,00
1946	10,00
1947	13,00

NATUREZA MORTA

Fizemos um breve intervalo em nossa palestra para observarmos as alunas que pintavam um vaso com flôres e consideramos que numa época de crise de modelos vivos, uma natureza morta é uma solução das mais interessantes: A natureza morta não cobra, não reclama, nem foge dos fotógrafos...

MULTIPLICIDADE DA GRAVURA

Encontramos trabalhando a professora Dinorah Azeve- do de Simas Enéas, que, muito solicita, procurou satisfazer

(Continúa na pág. 50)

O professor Marques Júnior explica aos alunos o que êles deverão reproduzir nos seus exercícios. Pessimamente re- munerados, os modelos nada ganham nas férias e estudam comércio, para arranjar profissão mais garantida.





A esquerda: O comendador Alberto Rodrigues inaugurou em 13 de Junho de 1907 a maior casa especialista da época, a Chapelaria Alberto, que mantém ainda hoje a liderança no comércio de sua especialidade. A direita: O senhor Cesar Valente, sócio da tradicional casa desde 1914, sucedeu ao comendador Alberto Rodrigues, por morte deste, na gerência da firma. Na sua gestão foram inauguradas duas filiais na cidade.

HISTORIA DO CHAPÉU NO RIO DE JANEIRO

NINGUÉM mais, depois que Ernesto Senna escreveu "O velho comércio do Rio de Janeiro lembrou-se de retomar o tema sugestivo localizando a história do Rio de Janeiro através das suas velhas casas comerciais. É um tema interessantíssimo para ser explorado. Casas tradicionais como as tantas que existem, guardam, orgulhosamente, relatos pitorescos da vida política, intelectual e social da capital brasileira. Muitas dessas casas foram citadas incidentalmente em livros, como "O Rio de Janeiro do meu tempo", de Luís Edmundo

QUANDO O "PALHETA" ERA O CHAPÉU CARIOCA POR EXCELÊNCIA — O REI ALBERTO I, DA BELGICA, E MEIA DUZIA DE CHAPÉUS DO CHILE — O ORDENADO DE UM SÓCIO HÁ QUARENTA ANOS — À MARGEM DO QUADRAGÉSIMO ANIVERSÁRIO DA CHAPELARIA ALBERTO — DE EPITÁCIO PESSOA AO PRESIDENTE DUTRA.

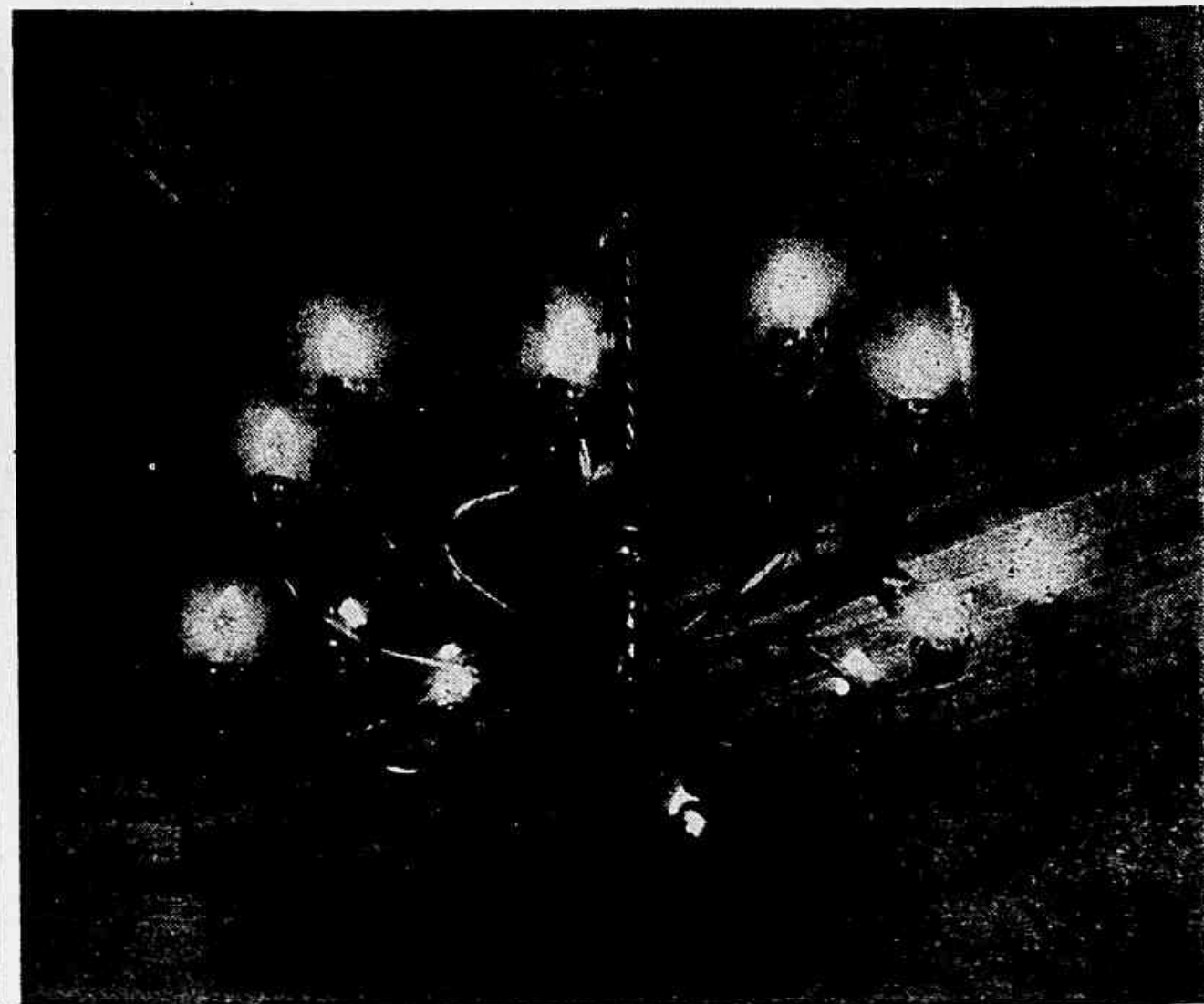
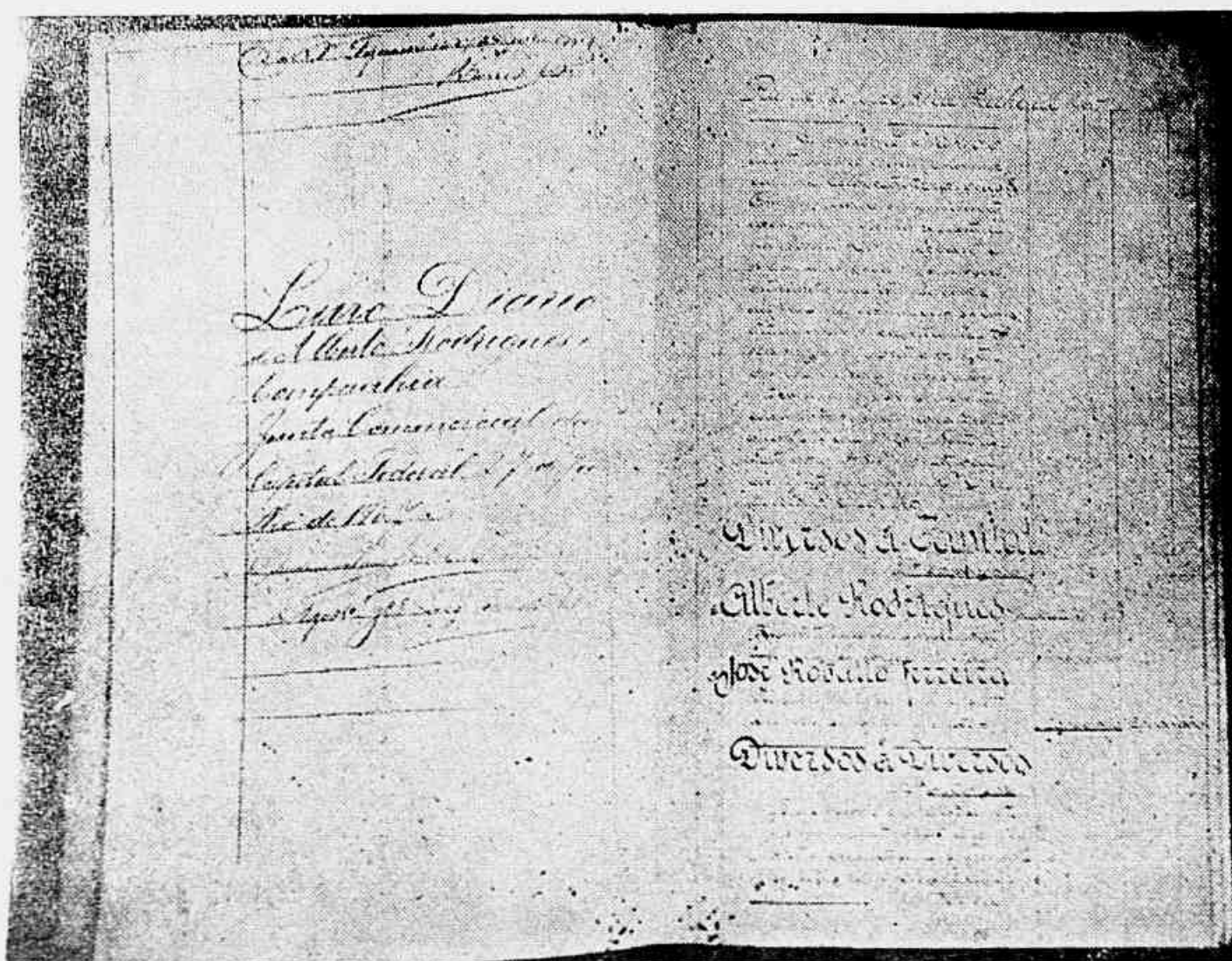
Reportagem de **NEY MACHADO**

Fotos de **ARNALDO VIEIRA**

e "Emílio de Menezes, o último boêmio", de Raimundo Menezes. Outras, porém, ficaram inexplicavelmente esquecidas. Historiar o uso do chapéu no Rio é contar a vida da Chapelaria Alberto, cuja matriz, à rua Gonçalves Dias, a 13 de Junho de 1947 comemora o quadragésimo aniversário de sua fundação. Para maior ordem nesta reportagem vamos também iniciá-la pela data de 13 de Junho de 1907, dia em que o comendador Alberto Rodrigues, fundador da Chapelaria Alberto abriu ao público as portas da maior casa dessa especialidade da época e que até hoje

A esquerda: Os lançamentos iniciais do primeiro diário da firma, datados de 31 de Julho de 1907. Nesse bom tempo a retirada do comendador Alberto Rodrigues era de seiscentos cruzeiros mensais. A direita: Os lustres, que ainda hoje adornam as modernas instalações da matriz da Chapelaria Alberto, foram adquiridos há quarenta anos atrás, juntamente com todos os outros pertences da instalação elétrica,

de 1907. Nesse bom tempo a retirada do comendador Alberto Rodrigues era de seiscentos cruzeiros mensais. A direita: Os lustres, que ainda hoje adornam as modernas instalações da matriz da Chapelaria Alberto, foram adquiridos há quarenta anos atrás, juntamente com todos os outros pertences da instalação elétrica,



A fotografia mostra um modelo de chapéu de côco, tipo "Bowler", que fez sucesso no Rio de Janeiro de 1907. Este exemplar faz parte do arquivo da Chapelaria Alberto, onde o reporter encontrou muita coisa curiosa a respeito da história do chapéu na Cidade Maravilhosa.

— passados quatro decênios — mantem ainda a liderança do seu ramo.

NA CIDADE NOVA, UM COMÉRCIO NOVO

Até 1902 a fisionomia da cidade era quase a mesma que possuía no tempo do Império. Fernão Cardim descrevia o Rio do começo do século como "um aglomerado de ruas estreitas e tortuosas; casas antigas, de estilo feio e forte". No quadriênio governamental do presidente Francisco de Paula Rodrigues Alves (1902-1906), com a escolha do inesquecível Francisco Pereira Passos começou a se transformar o aspecto provincial da metrópole. Pereira Passos, o "Bater, abaixou", sempre prestigiado pelo Presidente da República iniciou planos audaciosos para o embelezamento da cidade. Datam de então o alargamento da rua Estreita de São Joaquim (posteriormente Rua Larga e hoje avenida Marechal Floriano), a abertura da avenida Rio Branco, das ruas Salvador de Sá e Mem de Sá e o início da construção da avenida Beira Mar. Em quatro anos o Rio tomou feições que deviam perdurar por muitas décadas. Quando o general Souza Aguiar sucedeu a Pereira Passos foi obrigado a manter o ritmo progressista iniciado pelo seu antecessor, devendo-se-lhe a inauguração, em fins de 1906, da iluminação elétrica da cidade. Já no ano seguinte a Chapelaria Alberto apresentava em sua fachada o primeiro letreiro luminoso da cidade, estreando também o sistema de portas corredeiras de aço, o que embascou o povaréu da época sendo logo copiado por todos os estabelecimentos comerciais do Rio.

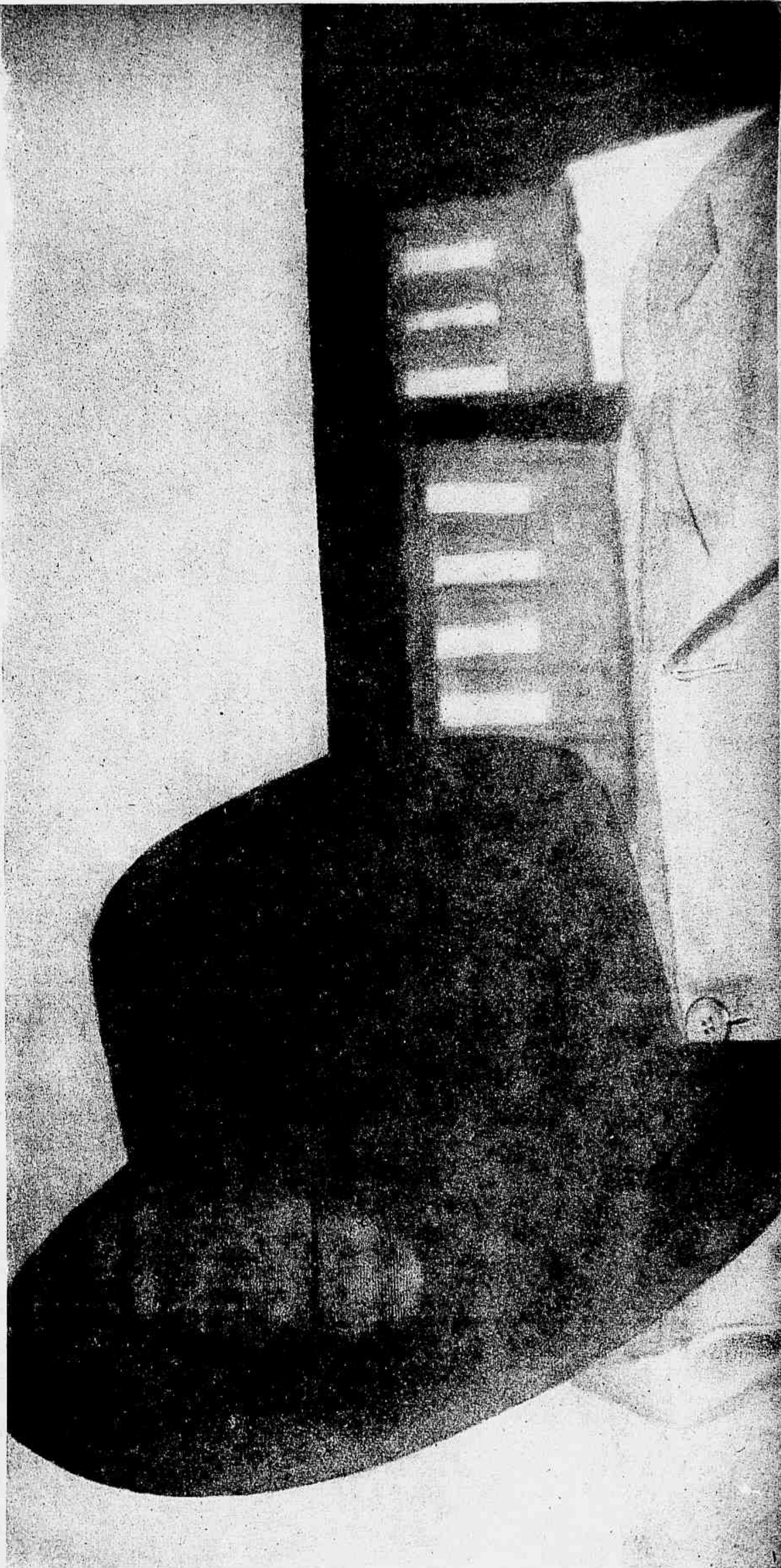
O SALÁRIO MÍNIMO DE HOJE, IGUAL À RETIRADA DE UM SÓCIO, ANTIGAMENTE

Historiadores meticolosos dos fatos do Rio antigo notarão que dois acontecimentos comerciais de grande importância marcaram o início da renovação do comércio da cidade, no seu período de transformação que foi a primeira década do século XX. E eles foram: as inaugurações do Mercado das Flores, instalado primeiramente às ruas Sete de Setembro, Carioca e Travessa São Francisco de Paula (hoje rua Ramalho Ortigão) e da Chapelaria Alberto, ocorridos no mesmo ano. A inauguração dessa casa comercial foi precedida de missa na Igreja de Santo Antônio dos Pobres, à rua dos Invalidos. Santo Antônio é invocado como padroeiro do estabelecimento. Folheando o primeiro diário da firma, encontramos dados curiosíssimos. Por exemplo: a maior retirada mensal, destinada ao dono da casa era apenas seiscentos mil réis. Essa importância, que é hoje em dia a do salário mínimo dos comerciários, nestes tempos de inflação, era o suficiente para sustentar

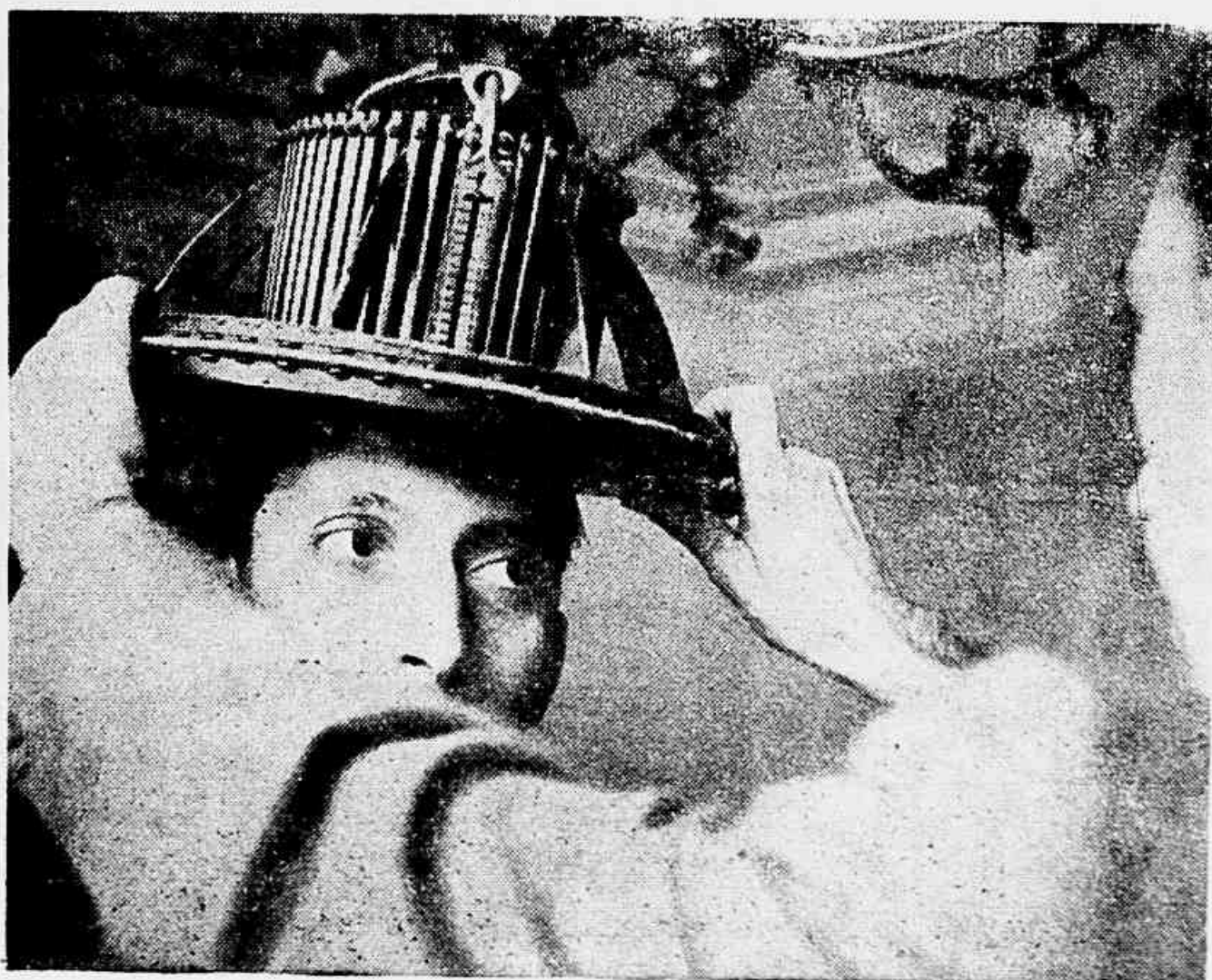
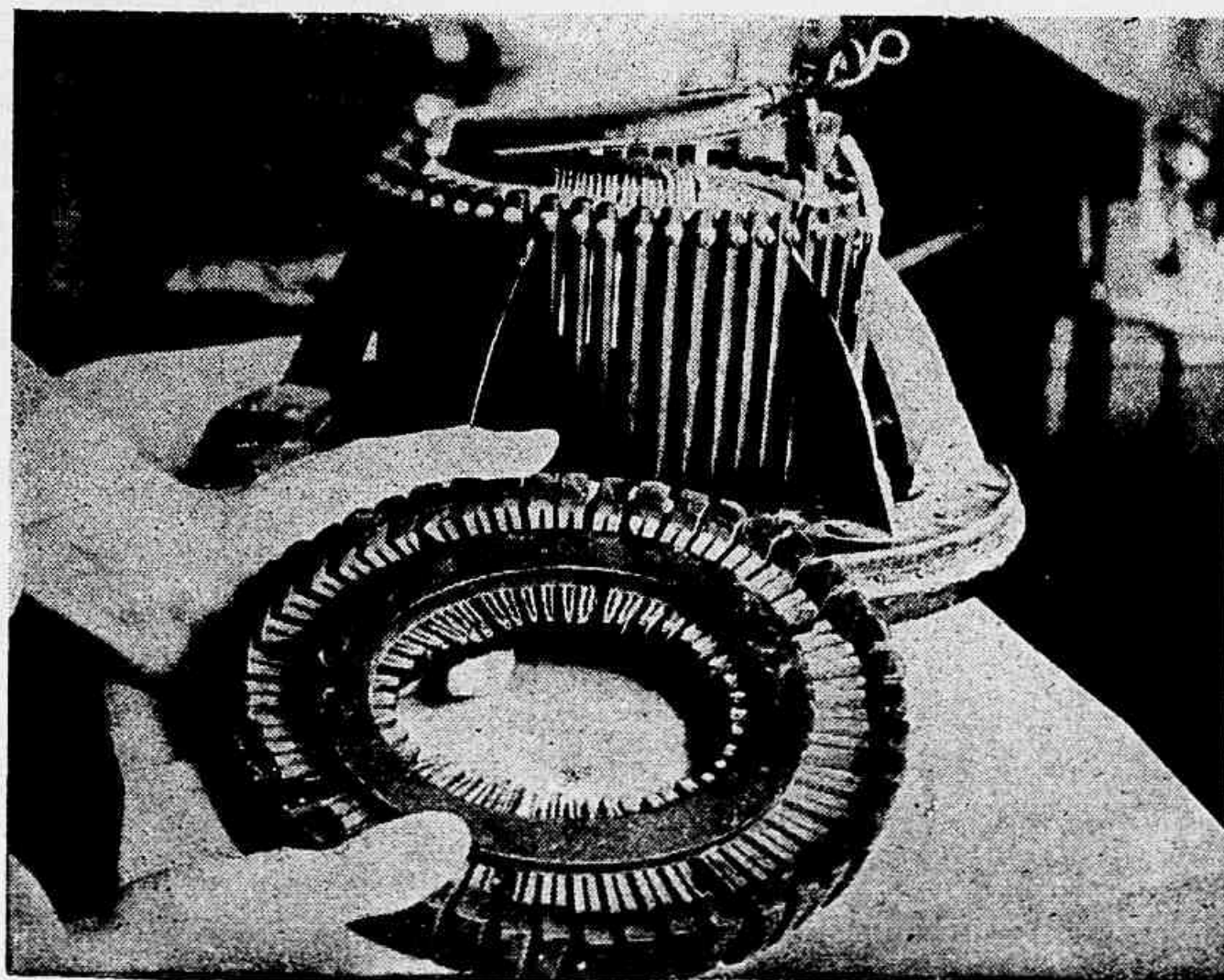
com conforto a numerosa família do senhor Alberto Rodrigues. Esse português empreendedor faleceu em 1927 com a avançada idade de 73 anos. Sucedeu-lhe, seu sócio Cesar Valente que, desde 1-14, fazia parte da organização e deu grande expansão à firma inaugurando em 1932 e em 1934 duas filiais à rua dos Andradas n. 5 e à avenida Rio Branco, esquina da rua Ouvidor. Falecido em 1944 o dinâmico Sr. Cesar Valente, tomou a direção da casa o seu filho, dirigindo-a com o mesmo programa e zelo de seus antecessores. De um quadro modesto de cinco auxiliares, conta a organização atualmente com vinte e cinco; e pretende em 1948 dotar a cidade com mais uma filial em Copacabana, em loja que ali acaba de ser adquirida.

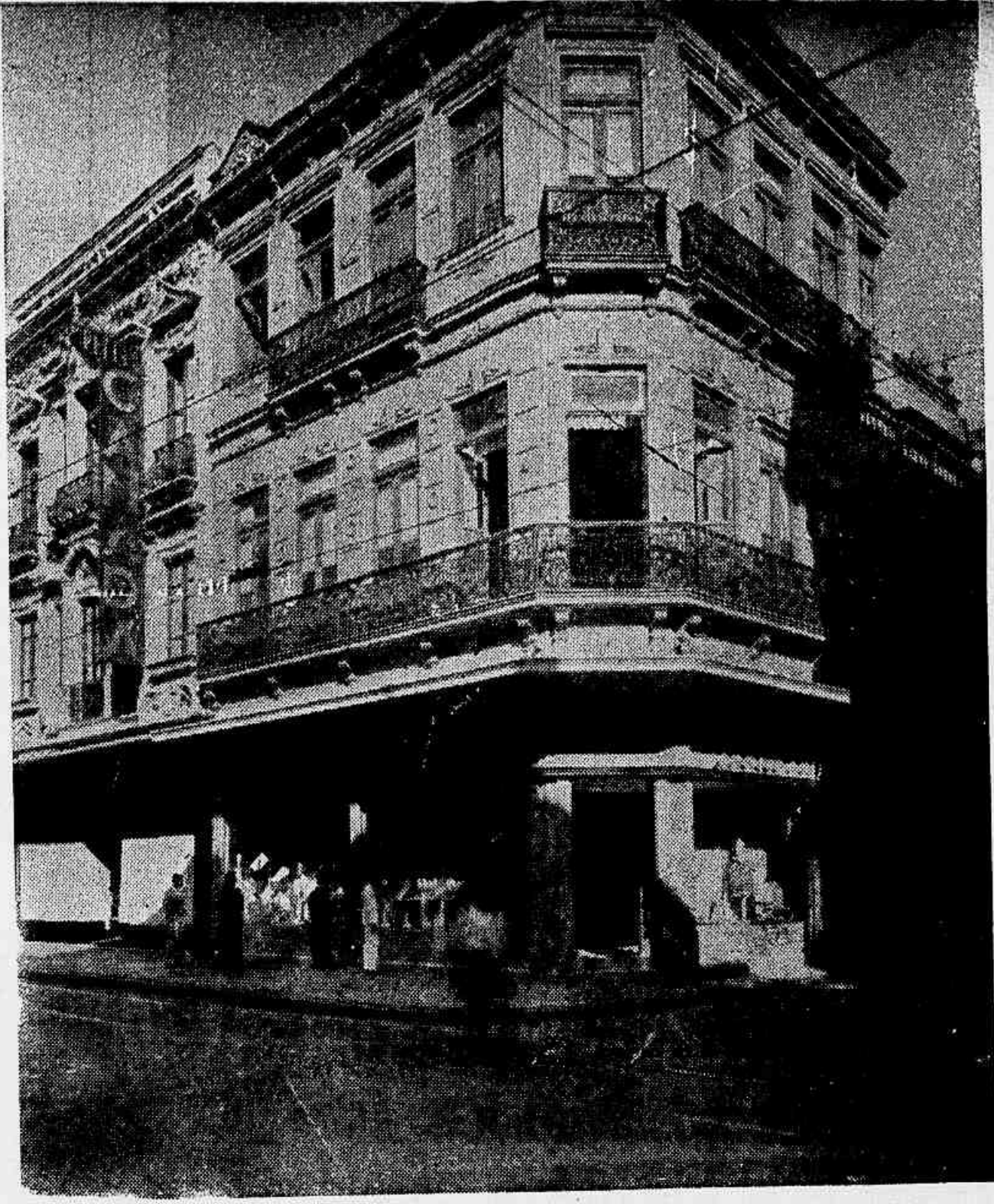
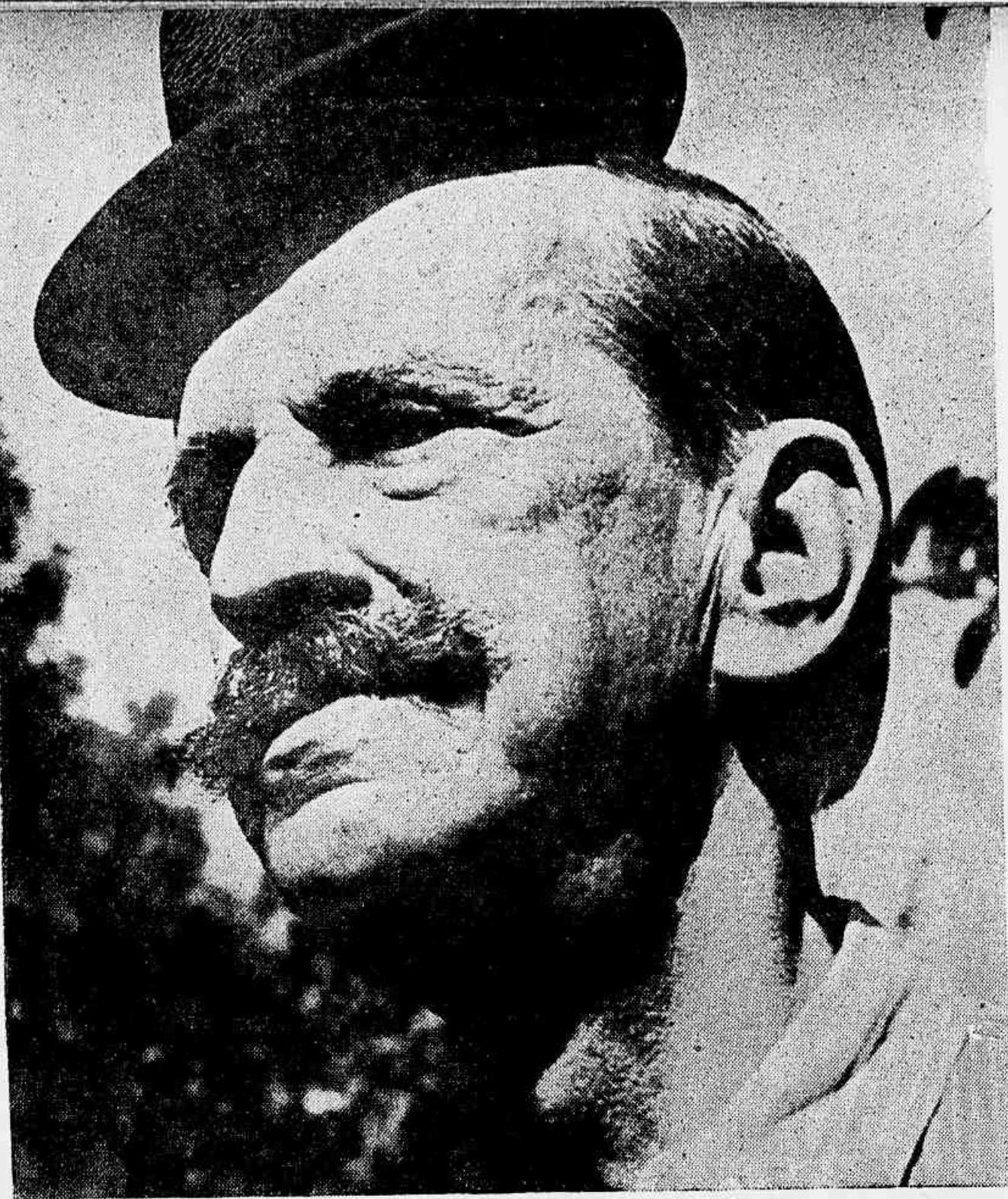
DO CHAPÉU-CÔCO AO MODERNO PANAMÁ

No arquivo da Chapelaria Alberto existe um exemplar do primeiro chapéu côco, tipo "Bowler", apresentando a vênca no seu baco e que foi o sucesso do Rio de nossos avós. O seu formato é idêntico ao chapéu-côco usado ainda hoje por Winston Churchill. Este raro espécime ainda está novo em folha, provando sua insuperável qualidade. Forração da melhor seda japonesa com carneira de legítimo couro da Rússia, recebido em caixas especiais, com armação interior, era vendido pela bagatela de dezolito cruzetiros. Hoje, diz nos o proprietário da casa, somente a carneira de couro da Rússia, de que está guarnecido, custa trinta cruzetiros. Um chapéu similar não poderia ser comprado por menos de trezentos cruzetiros e não são mais entregues com as caixas especiais que acompanhavam os antigos. O Rio, quanto à moda dos chapéus, sofreu diferentes influências e por isso, durante várias épocas, tem havido um determinado tipo de chapéu preferido pelo gosto dos "connoisseurs" e pelo povo em geral. Assim já tivemos o tempo da cartola do chapéu-côco, do de lebre, do palheta, até chegarmos à moda atual dos feltros leves e dos chamados chapéus do Chile e do Panamá. A invasão do palheta — chapéu de palha grossa, duro e lustroso — teve o seu lançamento pelo ano de 1910 e atingiu o cimax de popularidade na Exposição do Centenário, em 1922. Neste último ano a Chapelaria Alberto vendeu duzentos mil palhetas, "record" mundial, nesse espaço de tempo dentro dessa especialidade. Os granfinos da época (chamavam-se então, "almofadinhas") haviam estatuido como o supra-sumo da elegância a substituição semanal dos seus palhetas. Com essa moda a Chapelaria Alberto vendia diariamente centenas de palhetas! Nos dias que correm os chapéus mais procurados, principalmente no Rio, cidade tropical são os finíssimos chapéus chamados do Chile e do Panamá. Esses chapéus recebem o nome dos dois países de onde são distribuídos para o consumo mundial.



A esquerda: A fotografia mostra dois aparelhos especiais da capelaria: o "conformador" e o "formilho". Cabeças lustras do Rio antigo foram mensuradas pelos aparelhos acima como as de Ruy Barbosa, Rei Alberto I, da Bélgica, etc. A direita: Um auxiliar da casa experimenta na cabeça o reporter o veterano "conformador" que já foi assentado, pôde-se dizer, em todas as lustras cabeças do Rio de Janeiro de hoje e de ontem.





A esquerda: O conhecido caricaturista Raul recebeu de presente da Chapelaria Alberto, péu. Raul Pederneiras é um dos antigos clientes da casa tradicional. A direita: Fachada do do Rio a usar um letreiro luminoso em sua fachada, o que

quando comemorou o seu jubileu profissional, a miniatura do seu já famoso modelo de chapéu, onde há quatro décadas funciona a matriz da Chapelaria Alberto. Foi a primeira loja constituiu um acontecimento para o Rio provinciano de 1907.

embora nem o Chile, nem o Panamá os fabriquem. Eles são manufaturados principalmente no Equador e de um modo geral em toda a região do vale do rio Solimões, pois somente nessa faixa equatorial se aclimatam bem as duas palmeiras cujas fibras são tecidos para o seu fabrico, palmeiras denominadas toquilla e jipi-japa. O mais valioso chapéu dessa qualidade é o que se faz na região de Montecristi, provincia do Equador. Um exemplar extra fino, oriundo dessa região, custa em nosso dinheiro nada menos de dois mil quinhentos cruzeiros. São de tamanha finura e flexibilidade que se consegue passar um desses chapéus fenomenos, convenientemente enrolados ou espichados, através do aro de uma aliança comum.

RUI BARBOSA,, O REI ALBERTO I E OS PRESIDENTES

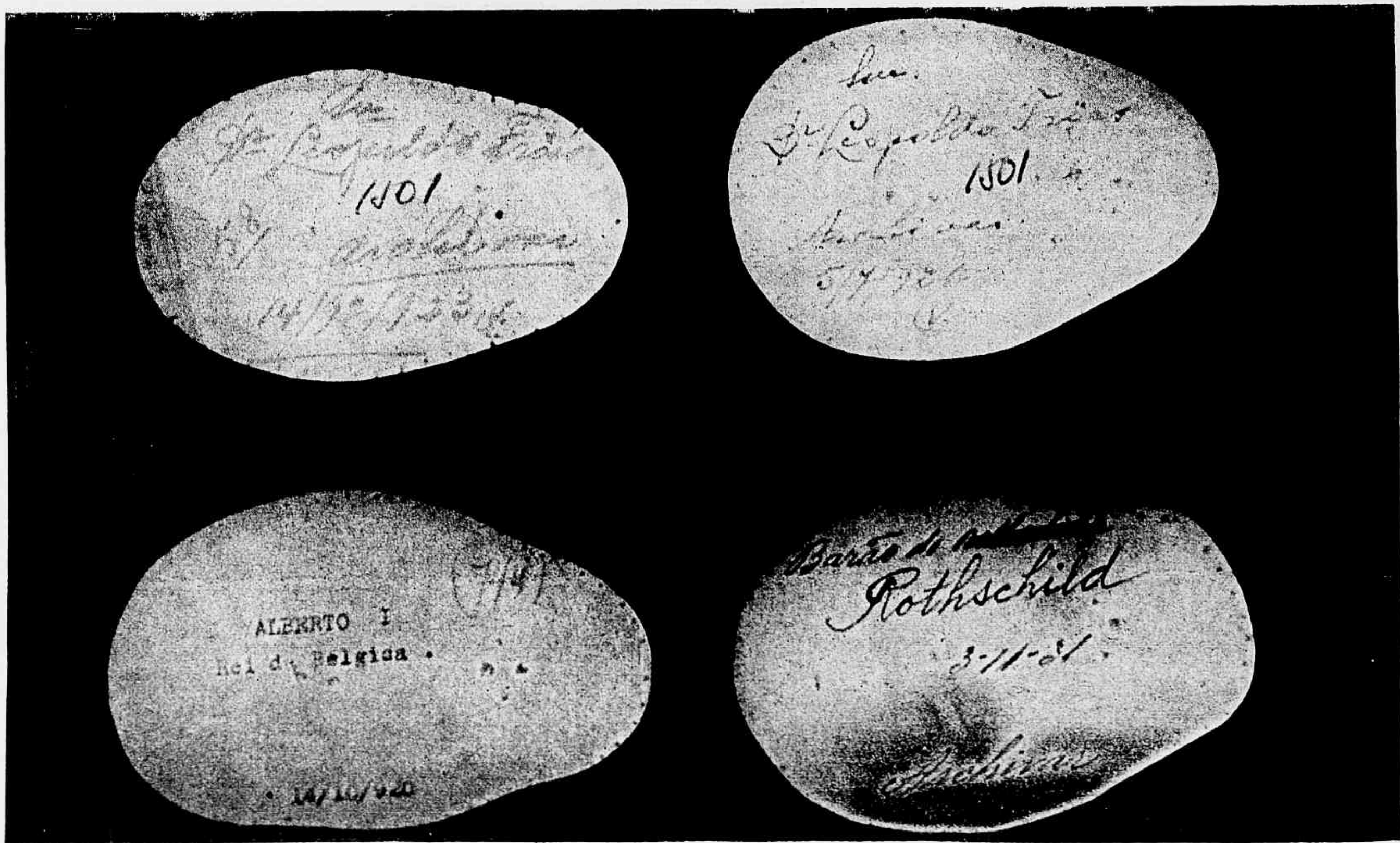
Póde-se dizer,, de um modo geral, que a partir de 1907 todo o Rio de Janeiro tem visitado essa casa tradicional, inclusive muitos dos nossos hóspedes ilustres.

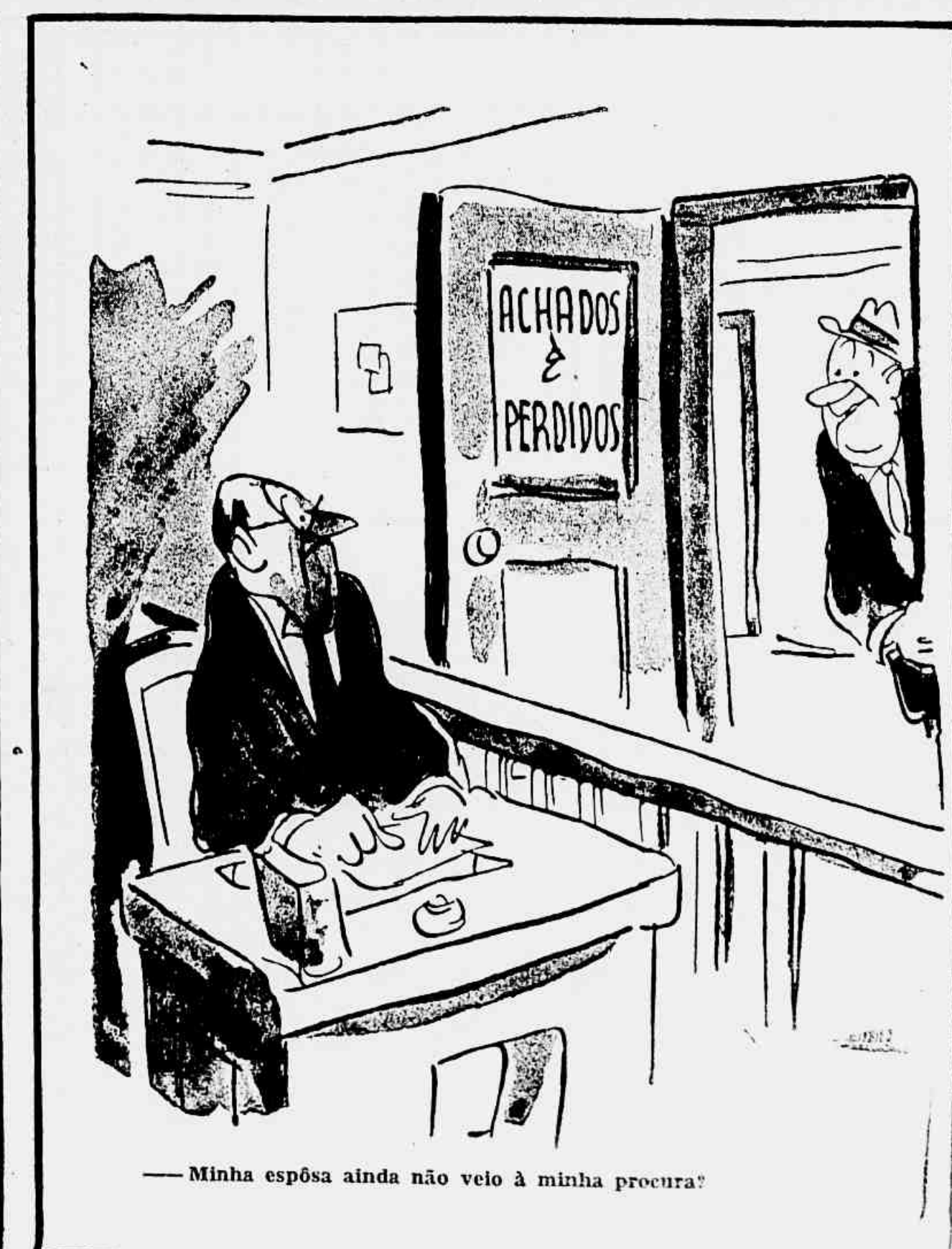
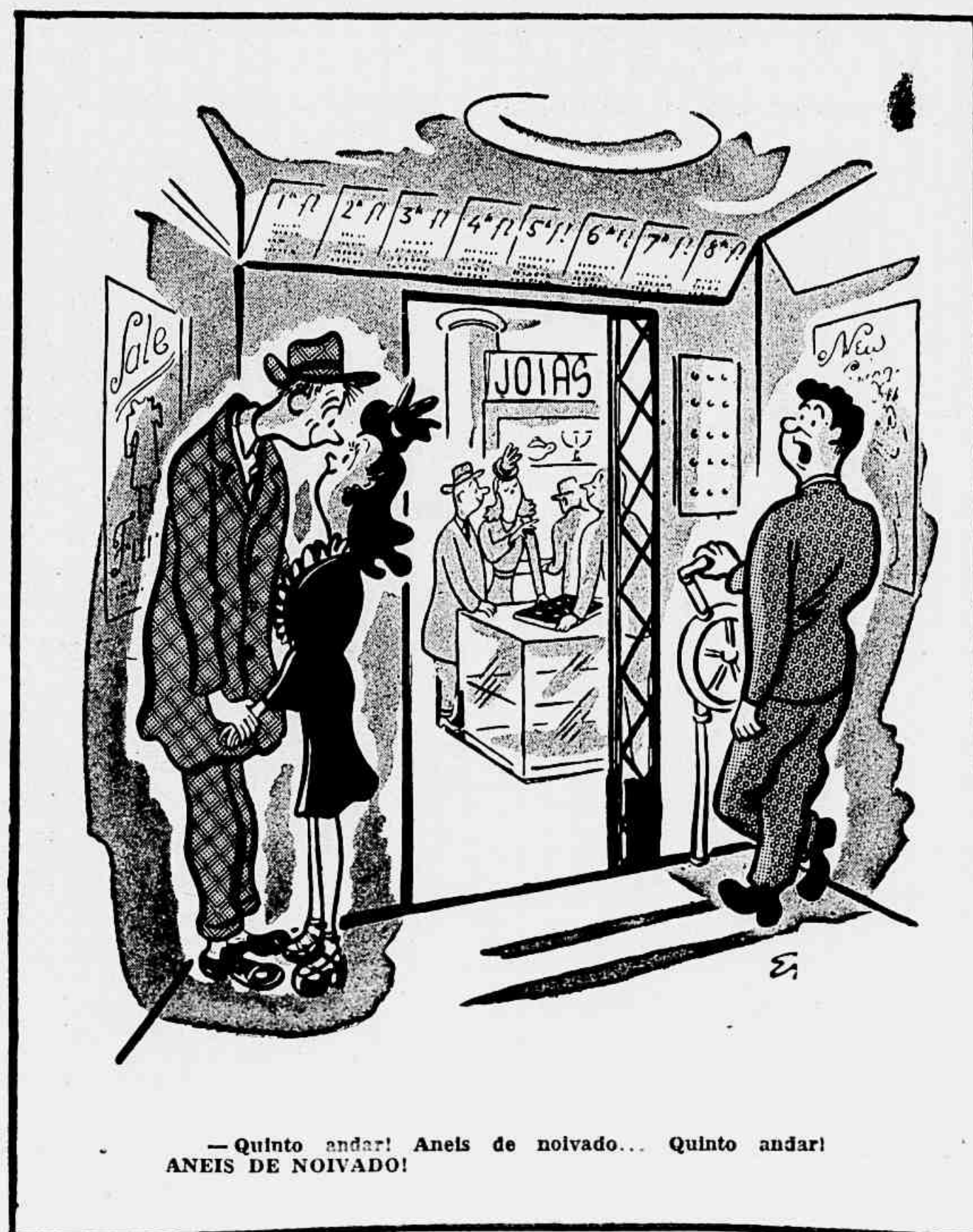
O Rei Alberto I, da Bélgica, quando esteve entre nós, recebeu, entre os muitos presentes com que foi obsequiado pelo nosso povo e autoridades, meia dúzia de chapéus do Chile confeccionados sob medida, pela Chapelaria Alberto, que, para isso mandou um seu auxiliar, ao Palácio Isabel, hoje Guanabara, tirar com o "conformador" as medidas exatas de tão

ilustre cabeça. Ruy Barbosa, Leopoldo Fróes e até o não menos famoso barão de Rothschild, que também nos visitou em 1932 foram seus clientes. Os presidentes da República foram todos fregueses dessa casa tradicional: Epitácio Pessoa, Delfim Moreira, Arthur Bernardes e Washington Luís chamavam sempre a palácio o vendedor Luis Leite Velho para fazerem suas encomendas. Enquanto este vendedor era figura conhecidíssima entre a alta sociedade, a casa possuía outro perfeito auxiliar, não menos estimado: era José Lopes de Barros, ainda hoje lembrado saudosamente pelos seus colegas e fregueses. O senhor Getúlio Vargas foi o primeiro chefe do Governo que, pessoalmente, fez suas compras nos balcões daquela casa

e o mesmo vem acontecendo com o atual Presidente da República, General Eurico Gaspar Dutra, seu cliente há muitos anos. Esta casa, a Chapelaria Alberto ligada por tantos motivos ao desenvolvimento da capital da República, testemunha de grandes polémicas verbais travadas pelos expoentes da nossa literatura dentro de sua loja, terá de ser forçosamente incluída em qualquer livro que estude o desenvolvimento econômico e comercial do Rio de Janeiro, de 1900 para cá. E quando qua quer reporter fizer mais extensa reportagem sobre o uso do chapéu nesta metrópole, seu ponto de partida obrigatório será também a chapelaria da rua Gonçalves Dias que acaba de comemorar seus quarenta anos.

Reproduções reduzidas do formato das cabeças de Leopoldo Fróes, do barão de Rothschild e do Rei Alberto I, da Bélgica. Visitantes ilustres têm visitado a casa fundada pelo comendador Alberto Rodrigues.





UMA EMBAIXADA

MINERVINO ouviu um toque de campainha, levantou-se do canapé, atirou para o lado o livro que estava lendo, e foi abrir a porta ao seu amigo Salema.

— Entra. Estava ancioso!

— Vim, mal recebi o teu bilhete. Que desejas de mim?

— Um grande serviço!

— Oh, diabo! trata-se de algum duelo?

— Trata-se simplesmente de amor. Senta-te. Sentaram-se ambos.

★

Eram dois rapagões de vinte e cinco anos, oficiais da mesma Secretaria do Estado; dois colegas, dois companheiros, dois amigos, entre os quais nunca houvera a menor divergência de opiniões ou sentimentos. Estimavam-se muito, estimavam-se devéras.

★

— Mande-te chamar, continuou Minervino, porque aqui podemos falar mais à vontade; lá em tua casa seríamos interrompidos por teus sobrinhos. Ter-me-ia guardado para amanhã, na Secretaria, se não se tratasse de uma coisa inadiável. Há de ser hoje por força!

— Estou às tuas ordens.

— Bom. Lembra-te de um dia ter te falado de uma viuva bonita, minha vizinha, por quem andava muito apaixonado?

— Sim, lembro-me... um namoro...

— Namoro que se converteu em amor que se transformou em paixão!

— Que? Tu estás apaixonado?!

— Apaixonadíssimo... e é preciso acabar com isto!

— De que modo?

— Casando-me; e tu é que has de pedi-la!

— Eu?!

— Sim, meu amigo. Bem sabes como sou tímido... Apenas me atrevo a fixá-la durante alguns momentos, quando chego à janela, ou a comprimentá-la, quando entro ou saio. Se eu mes-

mo fosse falar-lhe, era capaz de não articular três palavras. Lembra-te daquela ocasião em que fui pedir ao ministro que me nomeasse para a vaga do Florencio? Puz-me a tremer diante dele, e a muito custo consegui expor o que desejava. E quando o ministro me disse: — Vá descansado, hei de fazer justiça —, eu respondi-lhe: — Vossa excelência, se me nomear, não chove no molhado! — Ora, se eu sou assim com os ministros, que fará com as viúvas!

— Mas tu conhece-la?

— Estou perfeitamente informado: é uma senhora digna e respeitável, viúva do senhor Perkins, negociante americano. Mora ali defronte, no número 37. Peço-te que a procures imediatamente e lhe faças o pedido de minha parte. És tão desembaraçado como eu sou tímido; estou certo que serás bem sucedido. Dize-lhe de mim o melhor que poderes dizer; advoga a minha causa com a tua eloquência habitual, e a gratidão do teu amigo será eterna.

— Mas que diabo! observou Salema, — isto não é sangria desatada! Porque ha de ser hoje e não outro dia? Não vim preparado!

— Não póde deixar de ser hoje. A viúva Perkins vai amanhã para a fazenda da irmã, perto de Vassouras, e eu não queria que partisse sem deixar lavrada a minha sentença.

— Mas, se lhe não falas, como sabes que ela vai partir?

— Ah! como todos os namorados, tenho a minha polícia... Mas vai, vai, não te demores; ela está em casa e está sosinha; mora com um irmão empregado no comércio, mas o irmão saiu. Deve estar também em casa a dama de companhia, uma americana velha, que naturalmente não aparecerá na sala, nem estorvará a conversa.

E Minervino empurrava Salema para a porta, repetindo sempre: — Vai! vai! não te demores!

Salema saiu, atravessou a rua, e entrou em casa da viúva Perkins.

No corredor pôs-se a pensar na esquisitice da embaixada que o amigo lhe confiara.

— Que diabo! refletiu êle; não sei quem é esta senhora; vou falar-lhe pela primeira vez... Não seria mais natural que o Minervino procurasse alguém que a conhecesse e o apresentasse?... Mas, ora adeus!... eles namoram-se; é de esperar que o embaixador seja recebido de braços abertos.

Alguns minutos depois, Salema achava-se na sala da viúva Perkins, uma sala mobiliada sem luxo, mas com certo gosto, cheia de quadros e outros objetos de arte. Na parede, por cima do divan de reps, o retrato de um homem novo ainda, muito louro, barbado, de olhos azuis, languidos e tristes. Provavelmente o americano defunto.

Salema esperou uns dez minutos.

Quando a viúva Perkins entrou na sala, êle agarrou-se a um movel para não cair; paralisaram-se-lhe os movimentos, e não pôde reter uma exclamação de surpresa.

★

Era ela!... ela!... a misteriosa mulher que encontrara, havia muitos meses, num bonde das Laranjeiras, e meigamente lhe sorria, e o impressionara tanto, e desaparecera, deixando-lhe no coração um sentimento indizível, que nunca soubera classificar direito.

Durante muitos dias e muitas noites a imagem daquela mulher perseguiu-o obstinadamente, e êle debalde procurou tornar a vê-la nos bondes, na rua do Ouvidor, nos teatros, nos bailes, nos passeios, nas festas. Debalde!...

★

— Oh! disse a viúva, estendendo-lhe a mão muito naturalmente, como se o fizesse a um velho amigo; era o senhor?

— Conhece-me? balbuciou Salema.

— Ora essa! Que mulher poderia esquecer-se de um homem a quem sorriu? Quando aquele dia nos encontrámos no bonde das Laranjeiras, já eu o conhecia. Tinha-o visto uma noite no teatro, e, não sei porque... por simpatia, creio... perguntei quem o senhor era, não me lembro a quem... lembra-me que o puzeram nas nuvens. Porque nunca mais tornei a vê-lo?

Diante do desembaraço da viúva Perkins, Salema sentiu-se ainda mais tímido que Minervino, — mas cobrou animo, e respondeu:

— Não foi porque não a procurasse por toda a parte...

— Não sabia onde eu morava?

— Não; supuz que nas Laranjeiras. Vi-a entrar naquele sobrado... e debalde passei por lá um milhão de vezes, na esperança de tornar a vê-la.

— Era impossível; aquela é a casa de minha irmã; só se abre quando ela vem da fazenda. O sobrado está fechado há oito meses. Mas sente-se... aqui... mais perto de mim... Sente-se, e diga o motivo da sua visita.

De repente, e só então, Salema lembrou-se do Minervino.

— O motivo de minha visita é muito delicado; eu...

— Fale! diga sem reboço o que deseja! seja franco! imite-me!... Não vê como sou desembaraçada? Fui educada por meu marido...

E apontou para o retrato.

— Era americano; educou-me à americana. Não ha, creia, não ha educação como esta para salvaguardar uma senhora. Vamos! fale!...

— Minha senhora, eu sou...

Ela interrompeu:

— E' o senhor Nuno Salema, órfão, solteiro, empregado público, literato nas horas vagas, que vem pedir a minha mão em casamento.

Ela estendeu-lhe a mão, que êle apertou.

— E' sua! Sou a viúva Perkins,

honesto como a mais honesta, senhora das suas ações, e quase rica. Não tenho filhos nem outros parentes, a não ser um irmão, educado na América por meu marido, e uma irmã fazendeira, igualmente viúva. Não percamos tempo!

Salema quis dizer alguma coisa; ela não o deixou falar.

—Amanhã parto para a fazenda da minha irmã. Venha comigo, à americana, para lhe ser apresentado.

Nisto entrou na sala, vindo da rua, apressado, o irmão da viúva Perkins, um moço de vinte anos, muito correto, muito bem trajado.

—Mano, apresento-lhe o senhor Nuno Salema, meu noivo. O rapaz inclinou-se, apertou

fortemente a mão do futuro cunhado, e disse:

—All right!...

Depois inclinou-se, de novo, e saiu da sala, sempre apressado.

—Mas, minha senhora, tartamudeou o noivo muito confuso, imagine que o meu colega Minervino, que mora ali defronte...

A viúva aproximou-se da janela. Minervino estava na dele, defronte, e, assim que a viu, deu um pulo para traz e sumiu-se.

—Ah! aquele moço?... Coitado! não posso deixar de sorrir quando olho para ele... É tão ridículo com o seu namoro à brasileira!...

(Continúa na pág. 57)





A foto acima é bem um símbolo da amizade que une Brasil e Uruguay, cimentada através de todas as manifestações do espírito e da inteligência e agora também por força do ideal comum que anima os homens do fidalgo esporte que é o turf. Representa o dr. Armando Fajardo, diretor e enviado do Jockey Club Brasileiro, entre os presidentes dos Jockeys Clubs Uruguayo e de Las Piedras, num abraço fraternal.

EM LAS PIEDRAS, URUGUAY

CARINHOSA HOMENAGEM AO BRASIL E AO SEU TURF

No dia 22 de Maio último, no Hipodromo de Las Piedras, no Uruguay, teve lugar uma reunião extraordinária em homenagem ao nosso País, sendo distinguidos o Jockey Club Brasileiro e o Jockey Club de Pelotas. Representando a nossa maior sociedade turfista estiveram presentes o dr. Armando Fajardo, seu diretor, e o cel. Luiz Toledo, que foram alvo das mais carinhosas demonstrações de estima e apreço por parte dos turfmen uruguayos e particularmente por parte dos presidentes dos Jockeys Clubs Uruguayo e de Las Piedras. A reunião teve por base o Prêmio Jokey Club Brasileiro, corrido na distância de 1.700 metros, constituindo uma belíssima festa de confraternização interna-

cional, na qual o nosso País foi mais uma vez objeto de entusiasmáticas provas de amizade por parte dos nossos ilustres irmãos orientais.

Agora é, pois, o fidalgo esporte do turf que vem apertar cada vês mais os laços dessa união indestrutível que prende brasileiros e uruguayos. O dr. Armando Fajardo e o cel. Luiz Toledo, representantes do Jockey Club Brasileiro presentes em Las Piedras, tiveram ensejo de verificar o grau de afetividade que nos cerca em terras da República Oriental do Uruguay, de que foi mais uma robusta demonstração a grande reunião turfista de 22 de Maio, em Las Piedras.



O presidente do Jockey Club de Maroñas cumprimenta o proprietário do cavalo vencedor do Prêmio Jockey Club Brasileiro, no momento em que o dr. Armando Fajardo faz ao mesmo entrega da taça instituída pela nossa sociedade turfista. Em baixo — Aspecto da Tribuna de Honra do Hipódromo de Las Piedras, vendo-se, a contar da esquerda, o presidente do Jockey Club local, o dr. Armando Fajardo, o cel. Luiz Toledo e o presidente do Jockey Club de Maroñas.



MÚSICA

O BALLET da Juventude apresentou-se ao público carioca, sob o patrocínio de diversas entidades estudantis e contando com a colaboração de alguns dos mais destacados elementos do antigo corpo de baile dos Teatros Municipais do Rio e de São Paulo. Para a direção artística do conjunto, foi contratado o bailarino e coreógrafo Igor Schwesoff, responsável pelo magnífico sucesso de uma das temporadas oficiais da prefeitura, em ano anterior. O elenco, assim constituído, colheu, entre os profissionais, os principais valores do bailado nacional, agregando, ainda, ao conjunto, figuras internacionais de mérito reconhecido. É impossível, portanto, tratá-lo como um grupo de amadores que tivesse organizado uma série de espetáculos, em alegre e descuidada improvisação, e julgá-lo com benevolência. Trata-se de artistas de renome, sujeitos, portanto, à responsabilidade de suas reputações.

É conveniente observar, logo de início, que as instalações do Teatro Fenix de modo algum proporcionam as condições mais favoráveis à apresentação dos espetáculos. A orquestra soa, ensurdecadora, dentro das instalações acanhadas. Aliás, em primeiro lugar é preciso que se ressalve a inézia do acompanhamento fornecido à dança. O maestro Mignone não foi muito feliz, na direção musical. Houve, mesmo, quem aludisse a "charanga de circo".

Não somos tão severos...

LAGOS DOS CISNES

Logo de início, em homenagem póstuma a três bailarinos que faleceram em desastre de aviação a caminho do Rio, foi evocado o nome de Julia Horwath, que ficou pairando no ar durante toda a primeira parte da récita, enquanto Tamara Capeller e Holland Stoudenmire interpreta-

ESTREIA O BALLET DA JUVENTUDE

"APACHES" NO ANDARAÍ... — VALSAS DAS ESQUINAS DE PARIS... — LAGO DOS CISNES, UMA ESTREIA HESITANTE E UMA EVOCÇÃO — UM CASAL, O LUAR E UMA SONATA

De ROBERTO LYRA FILHO

Especial para "REVISTA DA SEMANA"

AS VALSAS DE ESQUINA

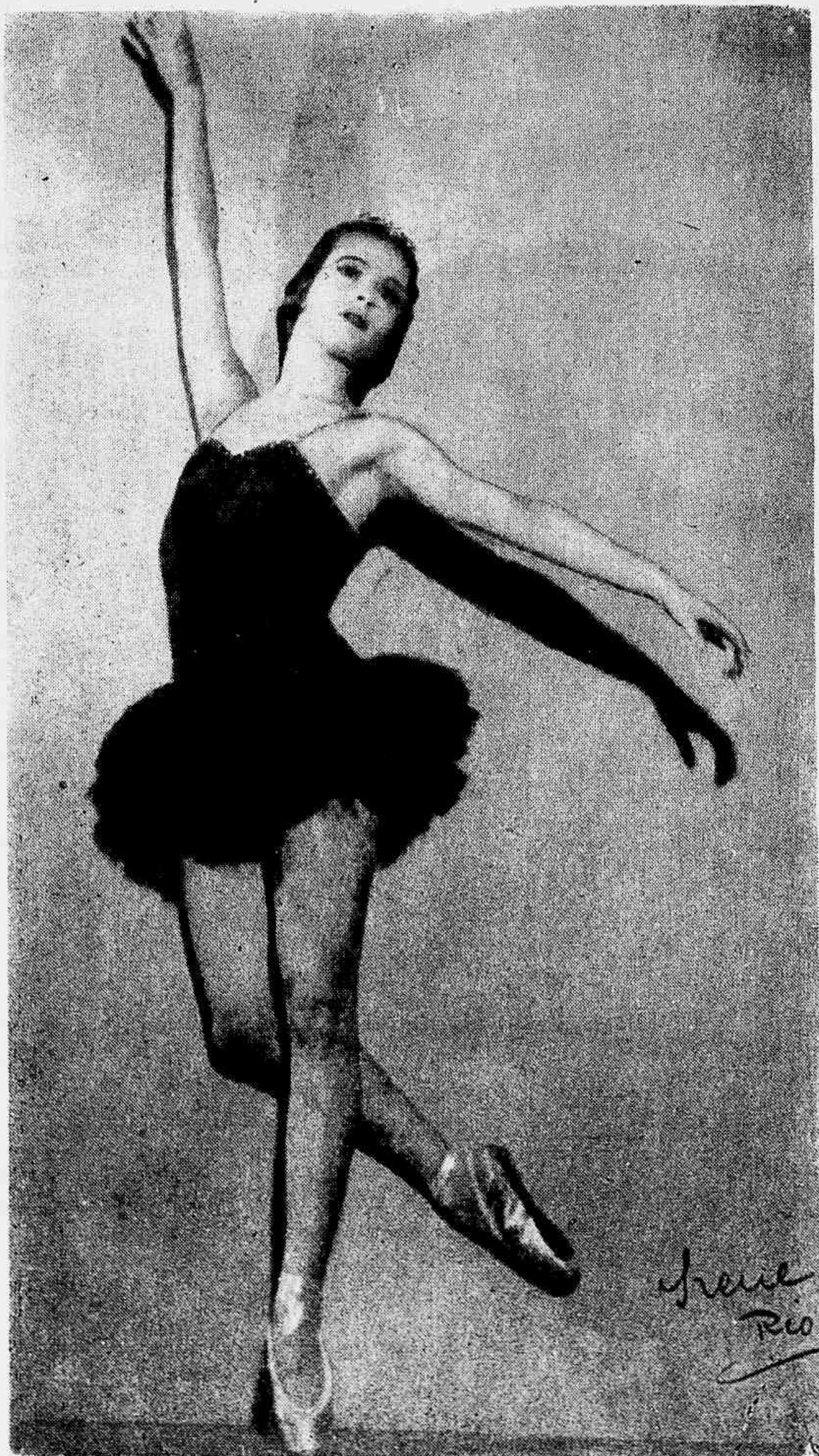
Apesar de anunciado como terceiro número, veio logo a seguir o novo ballet de Schwesoff, com música de Mignone. As Valsas de Esquina. Não é esta a oportunidade adequada para um comentário mais longo sobre a partitura que alinhava algumas peças para piano, orquestradas pelo compositor. Basta dizer que, se, na realidade, não constituem obra excepcional, captam e traduzem, com felicidade, a melosa ternura daquelas melodias que foram o encanto da geração passada e o recheio de muitos serões familiares. Não há tentativa de estilização: é a tradução daquele ambiente tranqüilo e sentimental das ruas de bairro da classe média. Aliás, a própria concepção do bailado obedece a esse convencionalismo que se tingem um pouco de pieguismo, nas suas linhas fundamentais. Uma moça atravessa, pura, todas as tentações e todas as misérias. E a história termina, burguesissimamente, em casamento, não esquecendo o autor do argumento de distribuir uma dama para cada cavalheiro, sem esquecer as "Mulheres do Bar" que é o eufemismo encontrado para que não conste do

(Continua na pág. 50)

Tamara Capeller dansou, com o público preso à recordação de Julia Horwath, cuja finura, precisão e elegância, no mesmo personagem, já foram admiradas aqui. Evidentemente, a nossa jovem estrela ainda não tem aquela segurança absoluta dos movimentos que dão realização plena à harmoniosa construção coreográfica do Lago dos Cisnes. Há, ainda, uma ou outra hesitação, que, aliada ao natural nervosismo da estréia, quebra a firmeza e obscurece a nitidez dos passos difíceis. Calorosamente aplaudida, não obstante, Tamara Capeller não desmereceu as previsões de brilhante futuro, já feitas pela crítica, em outras ocasiões, previsões que continuam a vigorar, à espera do amadurecimento completo do seu inegável talento.

Holland Stoudenmire, cuja estréia, no Rio, se fez, anos atrás, com ruidoso sucesso, desincumbiu-se a contento da sua Variação. Artur Ferreira, no Feiticeiro, extraiu o maior rendimento plástico das suas curtas intervenções, enquanto Berta Rosanova se destacava, na Valsa.

A esquerda: Holland Stoudenmire é aquele mesmo Nathaniel Stoudenmire que estreou no Rio, há 2 anos. A direita: Tamara Capeller cujo futuro promissor ficou aquém das tremendas dificuldades do papel da Rainha dos Cisnes.





Robert Mitchum, como aparece em "Out of the past", filme da RKO Rádio.

ROBERT MITCHUM É ANTES DE TUDO UM RAPAZ MODESTO

QUERO falar hoje de um ator a quem quanto mais conheço tanto mais estimo e que é, acima de tudo, um rapaz modesto, embora se trate de uma das figuras mais interessantes e singulares que militam nos estúdios de Hollywood. Aludimos a Robert Mitchum. É um artista que ama acima de tudo a vida caseira. Quando as suas obrigações para com os estúdios em que trabalha permitem, corre para casa, onde se sente completamente feliz. Quando alguém lhe pede que fale sobre a sua carreira artís-

O MAGNÍFICO ATOR DE "TAMBÉM SOMOS SERES HUMANOS" CONTA-NOS EPISÓDIOS INTERESSANTES DE SUA CARREIRA — "CORRENTES OCULTAS", "SAGRADO E PROFANO", "ANGUSTIA" E "SUA ÚNICA SAÍDA", ALGUNS DOS SEUS ÚLTIMOS FILMES.

POR LUIZ SERRANO

(Correspondente especial de "REVISTA DA SEMANA" em Hollywood)

tica ele comenta invariavelmente:

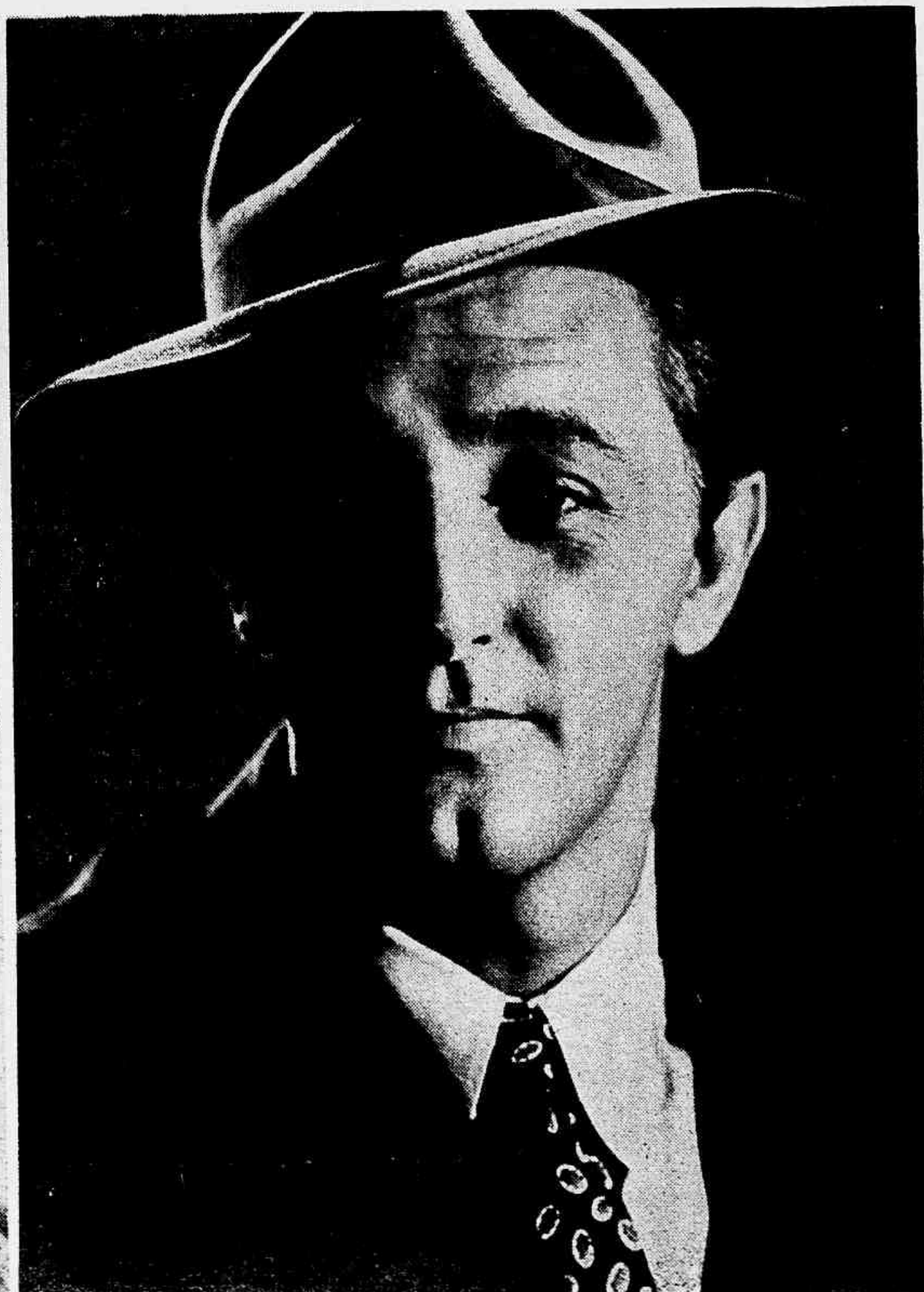
— Entrei para o cinema por um inevitável revez da sorte...

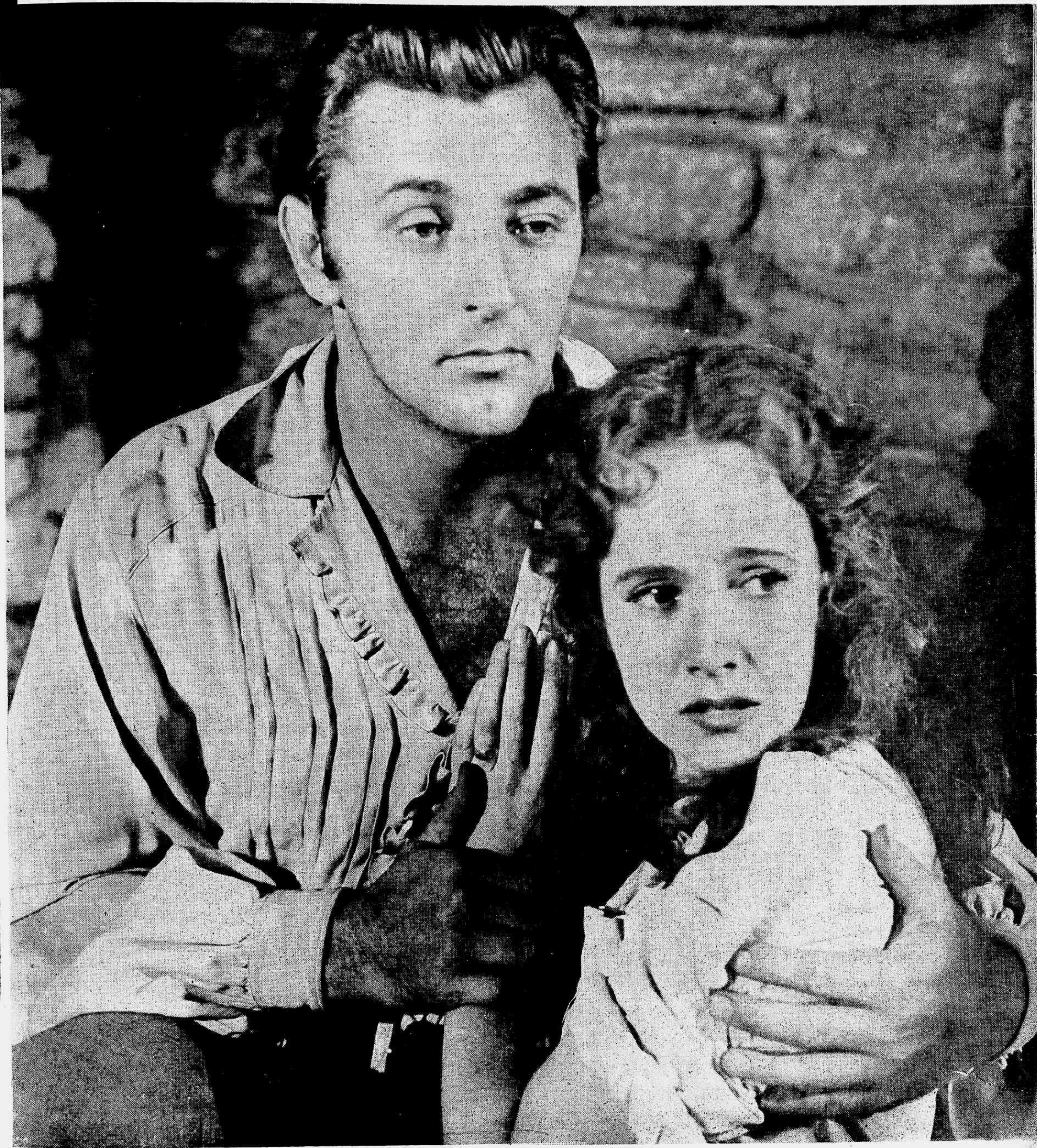
Robert Mitchum nasceu em Bridgeport, no Estado de Connecticut. Em companhia de uma irmã mais velha começou a tra-

balhar num teatro de variedades quando ainda fazia o curso secundário. Logo, que terminou o curso no colégio, Robert começou a sentir um certo desejo de viajar, conhecer outras terras, outras paisagens e outras gentes. Assim foi que rumou para a Califórnia, e embarcou daí para a América do Sul, num cargueiro, na qualidade de marinheiro — marinheiro de primeira viagem, é claro... Voltando à casa de seus pais depois de algum tempo, por insistência da família, Robert Mitchum entrou para a Duk University, onde estudou



Ao alto: Robert Mitchum, no seu lar, tocando vitrola para sua esposa e seu filho. Em baixo à esquerda: Robert Mitchum aparece assim em "Correntes ocultas", com Robert Taylor e Katherine Hepburn. A direita: Robert Mitchum é o ator mais ativo de Hollywood presentemente. O acervo de seus últimos filmes inclui "Correntes ocultas", "Sua única saída", "Sagrado e profano", "Angustia", etc.





Robert Mitchum e Teresa Wright, em uma cena de "Sua única saída" (Pursued), filme da Warner Brothers.

durante o período de dois anos. Depois, seguiu para a Florida, passando-se em seguida para Philadelphia, onde se casou. Passou a lua-de-mel na Califórnia.

Quando surgiu a guerra tentou alistar-se no Exército, mas foi recusado porque o seu físico não era o que exatamente Tio Sam desejava. Portanto, foi trabalhar na famosa fábrica de aviões Lockheed, contribuindo assim tão eficientemente para a conquista da vitória dos Aliados

quanto se estivesse lutando na linha de frente, com uma metralhadora na mão. Foi então que um grande acontecimento em sua vida o persuadiu a entrar para o cinema. Por sorte sua encontrou na fábrica de aviões o mesmo empresário teatral do tempo em que trabalhava no palco em companhia de sua irmã. E o homem garantiu-lhe logo que seria capaz de arranjar-lhe trabalho num estúdio de Hollywood. Ora, Robert Mitchum há muito tempo que ti-

nha vontade de realizar esse sonho dourado que acalentava desde a sua juventude e isso soou aos seus ouvidos como um clarim da sorte, convocando-o para a realização da sua maior ambição na vida. Depois, tinha já um filho, sua esposa estava em vésperas de receber outra visita da cegonha e ele precisava de muito dinheiro. Um bom contrato com uma companhia de Hollywood não seria nada mal. O seu primeiro papel cinematográfico foi num filme de

"cow boy". Em seguida fez mais seis filmes nesse gênero. Depois passou a desempenhar papéis de maior importância, como o de "Capitão Walker" em "The story of G. I. Joe". Foi neste filme que começou a distinguir o seu nome como "astro" de primeira grandeza. A seguir apareceu em "Noite na alma" "Till the end of time" e outras películas, em que apareceu em papéis de igual

(Continúa na pág. 58)

O Tesouro do Raja

NOS pinheiros do Himalaya, entre Jehun e Bimabur, tendo de um lado o bosque e, do outro, os altos planaltos onde os pinheiros e os deodares misturam a sua verde ramagem, reinava o Raja de pouca importância, possuidor do formidável tesouro de que lhes vou falar. Tesouro já bem considerável, segundo dizia o povo, pois o raja não cessara de enriquecer-se.

Quando ele chegou lá, Mindapoore não passava de uma pequena aldeia: ele fizera dela uma cidade. Abaixo do seu castelo construído na rocha bruta, as cabanas de taipa, de cobertura chata, se tinham multiplicado; e erguiam-se agora casas de muitos pavimentos, e, no lugar em que outrora habitara um indígena, um só indígena, surgia então um verdadeiro bazar: tal como a grosseira ostra que, ao abrir-se, apresenta uma bela pérola. Na parte mais elevada da corrente, a multidão se acotovelava no santuário e o caminho que conduzia aos desfiladeiros tornara-se praticável e seguro. Viase grande número de negociantes e de faquires ao redor das fontes, e os habitantes iam e vinham constantemente de um para outro lado. Por duas vezes mesmo, viram-se dois homens da raça branca, que vieram da planície especialmente para atehisar o povo à sombra dos enormes deodares, e as ruas da cidade achavam-se cada vez mais e mais repletas de galinhas, crianças e pequeninos cães de cor amarela, tudo isto exalando o cheiro forte e variado peculiar às grandes aglomerações. Foi durante esta época de prosperidade para a recente cidade de Mindapoore que surgiu a lenda do tesouro do raja.

Era este um homem corpulento, de faces amarelas, longa barba negra, com leves tons de sal e pimenta, os lábios grossos e o olhar desconfiado. Era piedoso, muito piedoso mesmo, nas praticas quotidianas, fútil e incompreensível nas acções. Ninguém ousava resistir na sua presença, ainda mesmo em cousas de pouca importância. Golam Shah, o vizir, não era mais do que um creado seu, um portavoz, e Samud, o mestre da cavalaria, não passava de um official instructor. Com a insolência que lhe dava o poder, dizia-lhes claramente: eles eram simples instrumentos na sua mão, varinhas que ele poderia quebrar quando bem entendesse. Não tinha filhos. Seu primo, o joven Azim Khan, temia-o; e, sómente em segredo, no fundo do seu coração, é que ousava desejar a próxima morte do Raja, a qual o faria subir ao trono.

Seria difficil dizer de que maneira surgiu a idéa de que o Raja da pequena cidade de Mindapoore estava amontoando um tesouro. Ninguém soube como se formou esta lenda, nem de onde saiu ela. Talvez espalhada pelos mercadores a quem o Raja fizera algumas compras. Em todo caso, a origem desta lenda é muito anterior á descoberta do cofre forte. Dizia-se que tinham sido adquiridos muitos rubis, os quaes foram escondidos em lugar seguro; bem depressa já não se falava só em rubis, mas também em pedras de joalheria, depois em perolas, diamantes de Golconda, e toda sorte de pedras preciosas. Chegou a tal ponto que até o Comissário da Rainha em Alapora ouviu falar no tesouro. Por fim, o rumor penetrou no próprio palácio do Raja; Azim Khan, primo e herdeiro do Raja condecorado com o titulo de general em chefe das suas tropas, e Golam Shah, primeiro ministro, falaram entre si, como pessoas de circunspeção.

— Ha qualqúer cousa, disse Golam Shah

com tristeza. Ha qualqúer cousa que ele me esconde.

Azim Khan observava-o astutamente.

— Disse-lhe tudo o que soube por meio de outras pessoas. De minha parte nada sei.

— Ele anda de um para outro lado, como que sonhando, e cantarolando baixinho, acrescentou Golam, pesativo; dir-se-ia uma pessoa obcecada por uma idéa fixa.

— Ha outros rubis, segundo dizem, murmurou Azim como que em um sonho. E repetiu, não sem complacencia, pois ele era o herdeiro: rubis, muitos rubis!

— E sobretudo depois que veio aquêle inglês, ha três mezes, disse Golam. Um velho alto e corpulento, sem rugas, como era de esperar qu tivesse pela idade que parece ter; um sujeito rubro, com cabelos de fogo onde aparecem já muitos fios brancos, a fisionomia ainda fresca, um grande ventre proeminente. Um verdadeiro gigante, cheio da sua pessoa, que ria desbregadamente a ponto de fazer cair varias pessoas na rua. Ele chegou, riu, e, no momento de partir de novo, ouviram-no rir com o Mestre.

— E então? perguntou Azim.

— Era talvez um mercador de diamantes, ou um negociante de rubis. Os ingleses dar-se-ão ao comércio de pedras preciosas?

— Desejava bem tê-lo visto.

— Ele levou ouro.

Calaram-se os dois durante um instante. O ruído surdo da roldana do poço e o borborinho das vozes ao redor dêle, lançavam no ar como que as notas de uma agradável música.

— Desde que passou por aqui o inglês, continuou Golam, ele ficou outro. Esconde-me, certamente, qualqúer cousa que traz sob a vestimenta. Sem duvida alguns rubis! Que outra cousa poderia ser?

— Ele não enterrou o objeto? perguntou Azim.

— Não, mas ha de enterrar-o. Então dará ordem para que cavem no chão afim de revêr a sua fortuna, disse Golam, como homem experimentado... Eu ando levemente, às vezes chego-me a ele quasi que de improviso; ele treme então...

— Ele está envelhecendo, e está ficando nervoso.

Seguiu-se um pequeno silencio.

— Antes da chegada do inglês, continuou Golam, olhando para os anéis dos dedos, enquanto voltava às suas constantes preocupações, o Raja não parecia tão velho, e não era tão nervoso como agora.

Isto passava-se, repito, antes da chegada do cofre forte, que viu metido em uma caixa: nunca se viu outra semelhante nas costas do Himalaya; era tão grande que equivalia á carga de um elefante.

Foram precisos muitos dias para conseguirem trazê-la ao seu destino, e ainda com muito custo e trabalho insano. Em Allapora ocorreu grande multidão para vê-la passar na gare.

Em seguida foram empregados elefantes auxiliados por um verdadeiro exército de operários afim de fazê-la subir a montanha. Quando a enorme caixa foi aberta no salão de honra do palácio, viu-se dentro d'ela uma monstruosa boteta de ferro, tal como jamais foi vista na cidade outra que se lhe assemelhasse.

Fôra fabricada — o boato se espalhou — por feiticeiros, em Inglaterra, expressamente para o Raja; feita sob as suas ordens, afim de poder encerrar nela o seu tesouro e dormir em paz. O metal era tão duro que as mais duras limas embotavam-se e não conseguiam senão arranha-lo; era tão resistente que uma bala

de canhão, disparada bem em face, não produziria sobre ele o minimo efeito. Quanto á fechadura mágica, abria-se por meio de uma palavra que era conhecida sómente pelo Raja. Com esta palavra e uma pequena chave que o Raja trazia sempre ao pescoço, seria possível abrir a fechadura; sem saber a palavra, ninguém poderia jámais abri-la.

O Raja ordenou que fosse encaixado o cofre forte na espessura da muralha do palácio, em um pequeno quarto situado por traz do salão de honra.

Ele mesmo presidiu á instalação, lançando olhares ciumentos ao seu enorme Cofre forte.

fa todos os dias, ao menos uma vez. observa-lo, e, de cada vez, retirava-se de lá com os olhos mais brilhantes.

— Ele vai contar e recontar o seu tesouro, dizia Golam Shah, que se conservava, durante este lapso de tempo, ao pé do trono abandonado.

Foi por este tempo que o Raja principiou a tornar-se diferente do que era antes. Ele que fôra sempre habil e sutil, tornou-se fantastico e intratável. O genio azedou-se-lhe, e, em todas as suas acções, sentiu-se nascer uma influencia que, para todos os que o rodeavam, era evidentemente a da avareza. Ainda mais — e isto parecia desesperador a Golam Shah — ele como que tomara aversão ao sobrinho Azim Kan. Uma ocasião, pronunciando um discurso no salão de honra declarou, diversas vezes, com voz singularmente emocionada, porém muito segura, que Azim Khan não era digno da menor confiança da parte de quem quer que fosse.

Já para o fim desta crise, quando vinham os mercadores, o Raja fechava-se misteriosamente com eles no pequeno quarto, e falavam tão baixo que os que estavam no salão de honra, embora prestassem muita atenção, nada conseguiam ouvir. Golam Shah, Azim Khan e Samud Singh, que se lhes juntára nos concilia-bulos, tinham o coração triste e desconfiado.

— E' verdade o que dizem do tesouro, repetia Azim; tem-se falado nêle ao redor do poço onde se reúnem os viajantes; alguns negociantes do Thibeto ouviram também falar nêle; viêram com carregamento de pedras preciosas e partiram, pouco depois, em segredo, sem falar com ninguém.

E dizem mais que vinha, sem cessar, da planície, um negro mudo, portador de volume para o Raja, e partia mal terminava a sua comissão.

— Mais um diamante!

Era o que se ouvia dizer na cidade inteira, de cada vez que apparecia o negro.

— A formiga entesoura! exclamava constantemente Azim Khan, herdeiro presumptivo do trono, sentado no grande quarto de Golam Shah. Esperemos, nós havemos de vêr.

Azim era mais poltrão do que perfido. Chegou mesmo um dia em que alguns homens habitantes de Deccan, puderam dar detalhes a respeito dos rubis e demais pedras preciosas amontoadas pelo Raja. Este último, porém, era tão reservado que Azim Kan e Golam Shah jámais poderam lançar as vistas sobre as imensas riquezas que ele acumulara no cofre forte.

Ele entrava sempre só no pequeno quarto, e tinha ainda o cuidado do fechar a porta á chave — tinha duas fechaduras — antes de se aproximar do cofre forte e fazer uso da palavra magica. Imaginem quanto os ministros, os officiais e os guardas prestavam ouvidos e olhavam

uns para os outros, quando a porta do pequeno quarto se fechava por traz do reposteiro!

O Raja estava verdadeiramente mudado, não sómente em todas as circunstâncias da sua vida, mas também no aspecto e na fisionomia.

— Ele está envelhecendo muito! como envelhece depressa!

Está acabado! murmurava Samud Singh.

O Raja tinha as mãos tremulas, o andar mal seguro, e, por vezes, tinha singulares distrações, faltava-lhe a memoria. Quando ele saía do quarto em que se achava encerrado o tesouro, vinha tremulo e como que transtornado; vacilava e quasi caía nos degraus do trono.

— Está ficando sem vista, dizia Golam. Vejam! o turbante está colocado de travez. Tem sono até mesmo durante a tarde, antes de cair o dia. Julga as cousas como uma criança.

Era penoso vêr-se um homem tão subitamente envelhecendo e enfraquecido governar os outros.

— Ele pode viver ainda uns vinte anos, dizia Golam Shah.

Ser dado a um soberano o direito de amontoar riquezas, quando deixa as suas tropas sem soldo? perguntava Shere-Ahi, no corpo da guarda.

Era o principio do fim: julgava-se que o tesouro aumentava a expensas dos soldados, dos mollahs e dos eunucos. Por que razão não teria o Raja, a exemplo de seu pae, feito esconder o tesouro em um lugar seguro e imprevisito, matando depois, com suas proprias mãos, os coveiros?

— Ele amontoa riquezas, dizia Samud, com um sorriso o velho Raja o admoestara, outrora, rudemente — só com o fim de poder pagar as suas asneiras.

Golam Shah foi além do que sabia, no intuito de provocar confidencias dos outros: deu a um daqui, a outro de lá, uma idéa vaga dos tesouros do Raja, como se por acaso os tivesse visto.

Foi então que, rapida e subitamente, deu-se uma revolução no palácio. Quando foi morto o velho e solitário Raja, como de costume foi preciso dar um tiro de uma das janelas gradeadas do harem, tocar a chamada e fazer sair para a praça deante do palácio os soldados indios e dar uma descarga para o ar. O assassinato foi cometido em um lugar obscuro, iluminado apenas por uma pequena lampada vermelha, acesa em um canto. Azim Khan pôz o espelho em cima do corpo; levantou a barba humida e cortou o pescoço para maior segurança.

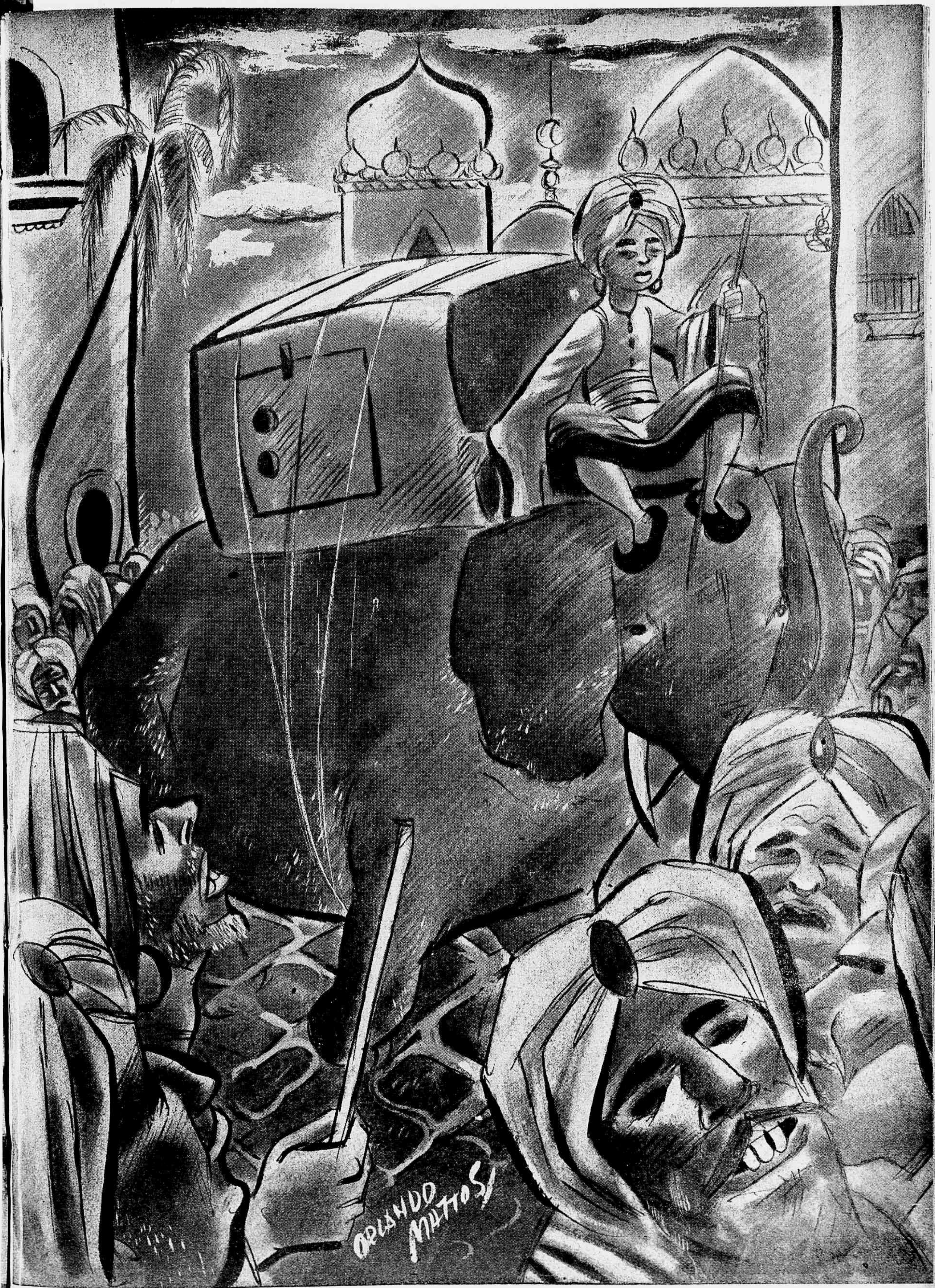
Como foi facil! Porque havia de ter esperado tanto tempo? Pouco depois, com as mãos cobertas de sangue ainda quente, precipitou-se pelo corredor, apenas iluminado pela luz da lua, que conduzia ao salão de honra, seguido de perto por Golam Shah, Samud e os eunucos.

Era enfim Raja! ele, Azim Khan!

Nesta ocasião ouviu-se o ruído de uma arma de fogo detonando, e, poucos minutos depois, chegaram aos ouvidos dêles os primeiros rumores da cidade ao acordar. Um dos eunucos trazia uma enorme barra de ferro, e Samud tinha na mão uma espingarda. Ele deu com força na fechadura da porta que fechava o quarto onde estava encerrado o tesouro, e arrebatou-a; o eunuco pôde então, com um sóco, deitá-la abaixo.

Precipitaram-se todos, ao mesmo tempo, no quarto, não deixando passar Azim. O quarto estava escuro e o outro eunuco teve que ir, embora não sem receio, pro-

(Continúa na pág. 54)





A FEIRA INTERNACIONAL DE 1947 EM PARIS

TEVE GRANDE ÊXITO O IMPORTANTE CERTAME, AO QUAL COMPARECERAM 8.600 EXPOSITORES

Por JEAN BARSACQ

Especial para "REVISTA DA SEMANA"

A FEIRA Internacional de Paris, que foi inaugurada no dia 10 de maio de 1947 e durou até 26 do mesmo mês, constituiu um empolgante acontecimento.

Em 1946 tomaram parte na mesma mais de 7.500 expositores tanto franceses como estrangeiros. Este ano essa cifra foi amplamente ultrapassada, uma vez que 8.600 empresas obtiveram lugar para a montagem de seu "stand", tendo ainda havido indeferimento de muitos pedidos por falta absoluta de espaço.

Ali foi construído um "hall" de 11.000 metros quadrados e o Município fez uma passagem subterrânea unindo a esse "hall" à parte antiga do Parque de Versailles.

Uma exposição de horticultura e seções do artesanato e das invenções, muito desenvolvidas, completam a exposição dos grupos da Fundição e dos Produtos Químicos, que ocupam o novo "hall".

Mas essa extensão, apesar de ser considerável, não foi suficiente e o Comitê da Feira pediu autorização para ocupar as salas do "Grand Palais", andar térreo e 1.º andar, onde foram instaladas as importantes seções de Eletricidade, de Rádio, Radiotelevisão e Música.

SECÇÃO "ESCRITÓRIO MODERNO" E "PUBLICIDADE"

A secção de "Escritório Moderno e Publicidade" ocupou este ano quatro "halls", ao invés de três que existiam o ano passado.

Foi vista pela primeira vez a máquina "Lagabax", invento francês que apresenta a característica de ser, ao mesmo tempo, máquina de calcular e máquina para apurar estatísticas. Foram expostas igualmente muitas novas criações relativas à mecanografia.

A secção de Mobiliário da Feira de Paris tem-se desenvolvido de ano para ano, convertendo-se em um verdadeiro mercado anual de móveis, um dos mais importantes da Europa.

Este ano, apesar de não terem podido figurar na Exposição 150 industriais por falta de lugar, o grupo destinado ao Mobiliário ocupou cerca de 20.000 metros quadrados, sendo constituído de duas partes bem distintas: uma Secção Fechada, cuja entrada era reservada apenas aos negociantes ligados à indústria; e a Secção Aberta, que foi franqueada ao público, e na qual figuram os fabricantes que desejavam aproveitar a imensa publicidade que a Feira representou.

No "hall" Renan foram instaladas todas as máquinas ferramentas, os motores de explosão, os compressores, o material para soldar, os fornos industriais, ferramentas de precisão e finalmente o grupo de Imprensa. Os motores de explosão e as máquinas para madeira, as bombas e maquinismos de serrar foram expostas ao ar livre.

Nessa secção, a proporção de expositores estrangeiros foi muito maior do que nos demais grupos, isso devido ao grande número de expositores dos Estados Unidos, da Inglaterra, da Suíça e da Bélgica. Mais de 5.000 metros quadrados

foram ocupados pelas máquinas de toda espécie procedentes de sete países diferentes.

Ocupando uma superfície de 35.000 metros quadrados, essa secção apresentou numerosos tipos de aparelhos e materiais para trabalhos públicos: escavadeiras, britadores, misturadores, betoneiras, aparelhos de vibração, etc. Além disso, a construção propriamente dita esteve representada pelas empresas especializadas em elementos pré-fabricados e nos modernos processos de construção.

Pela primeira vez, um "hall" inteiro foi destinado ao alumínio e às ligas leves, tendo por objetivo demonstrar suas imensas possibilidades. O alumínio tem hoje vastíssima aplicação industrial e é natural que tivesse merecido esse especial interesse.

O novo "hall" construído este inverno e unido, por uma passagem, à antiga parte do Parque das Exposições, comporta todos os aparelhos em que a fundição entra como elemento principal. Nele se encontra tudo quando diz respeito à calefação industrial e ao acondicionamento do ar, aparelhos de cozinha, utensílios domésticos, material sanitário e para canalização de água.

As três seções de joalheria de ouro, da joalheria de fantasia e de relojoarias, muito amplas em 1946, foram agora mais que duplicadas.

A parte destinada à relojoaria reuniu a produção das marcas de maior fama. A joalheria de ouro sofreu da escassez desse precioso metal mas os fabricantes lançam mão de grandes habilidades para remediar esse mal, inventando processos e concebendo modelos que tornam as peças mais leves. A joalheria francesa apresentou este ano a tendência para as formas redondas e para empregar os brilhantes de preferência às pérolas.

A joalheria de fantasia é uma indústria tipicamente francesa e muito parisiense. Depende ela intimamente da moda, que lhe impõe seus caprichos. Para fazer face a estes, o fabricante procura entre todas as matérias de que dispõe aquelas que oferecem os efeitos mais harmoniosos e as expressões mais audazes, embora não deixem de ser sóbrios como o exige o gosto francês.

Dai nasce uma multidão de artigos destinados a embelezar os enfeites, não tendo competidores o engenho dos fabricantes franceses, que criam sem cessar de acordo com as estações e também com os acontecimentos de maior utilidade: pulseiras, broches, "clips", colares, alfinetes, enfeites de toda a espécie.

Cada fabricante conservou a sua individualidade; existe, entretanto, uma certa harmonia de conjunto que constitui a originalidade das indústrias francesas de moda.

A Feira de Paris representou uma ocasião única para que os produtores de joalheria de fantasia pudessem mostrar aos compradores coleções renovadas sem cessar e capazes de suportar a comparação com tudo quanto se produz no mundo inteiro. As coleções de 1947, são, a esse respeito, as mais belas que têm sido apresentadas. (Copyright do SFI.)



De cima para baixo: "...Ninguém recusava um copo do nectar "Nostradamus" que uma pequena, linda como a primavera, servia com um sorriso, num cenário de tela pintada, evocando sumariamente Notre-Dame de Paris". (Foto do SFI.) Vista dos "stands" de exposição de guindastes na secção de mecânica. (Foto do SFI.) Neste "stand" foi instalada uma espécie de locomotiva de tela pintada, destinada a persuadir os transeuntes que, é uma loucura ruinosa queimar carvão e que para atender os recursos do país em subprodutos da hulha basta utilizar o gás... (Foto do SFI.) Na página ao lado: Perante um "stand", consagrado aos produtos da França ultramarina, os expositores oferecem ao público um espetáculo improvisado... (Foto do SFI.)

ENCURTANDO distâncias continua também a aviação a abreviar vidas levando-as a viagens para o outro mundo, poupando a passageiros esperar pela hora que no planeta cabe a cada um.

Preferem muitos meios de transporte mais vagarosos permitindo probabilidade de utilizar bilhete de ida e volta, tendo visto alguns e alguma coisa pelo caminho, o dos ares tal não consentindo.

Assim a quem empreende viagem ao Amazonas, por mar, os portos de escala irão mostrando ao viajante as cidades litorâneas do Brasil, a gente que as habita, até chegar ao Amazonas rio-mar cujas águas pagam com majestade tributo ao oceano, entendendo às vezes se lhe opôr na cena estrondosa da pororoca.

No século passado, a navio de nossa armada, o *Guapiassú*, ao comando do capitão-tenente José Maria Nogueira, coube subir primeiro as águas do Amazonas. Com uns nove dias de viagem, saído do Pará, aportou o *Guapiassú* à vila da Barra do Rio Negro, ponto principal nos primeiros tempos da Independência e do Império da província do Rio Negro, a mais setentrional do Brasil, e sujeita ao Pará, ao qual a gente do Rio Negro de bem mau grado se sujeitava.

A 5 de Setembro de 1850 a já cidade da Barra mudava de nome. Passava a ser Manáos, capital de província independente, com o título de Amazonas.

A 1.º de Janeiro de 1852, sob auspícios de Ano Bom, João Baptista de Figueiredo Tenreiro Aranha, primeiro

presidente do Amazonas, instalava a nova província ou melhor a província de nome novo.

De Manáos ia Tenreiro Aranha governar uma região representando mais de um quinto de Europa, de superfície equivalente às áreas da França, da Espanha, da Itália e de Portugal reunidas em um só todo imaginário.

A memória de Tenreiro Aranha, o instalador, Manáos daria lembrança erguendo estatua numa de suas lindas praças, a da Saudade.

Vai para século, Manáos preside Província e Estado, da margem do Rio Negro de caudal numa bacia amazônica célebre no mundo e de águas imponentes completadas pela miuçalha hidrográfica de igarapés, furos e paranás.

Manáos chegou ao fim do Império com progresso de cidade pequena e pois sem edifícios de maior marca, os próprios palácios das presidências de província obedecendo à simplicidade exterior e interior.

Acentuou-se o progresso da região amazônica com a abertura do seu portentoso rio e de seus afluentes franqueados ao comércio mercante internacional, isto em Dezembro de 1866.

Grande efeito produziu a abertura do Amazonas para benefício da Amazônia toda e particularmente para Manáos, cabeça do corpo imenso da província.

No século XVIII a importância da Amazônia entrara na vidência dos planos políticos de Pombal, creava em 1757 a capitania de São José do Rio Negro, a capitania como a província

MANÁOS

ESCRAGNOLLE DORIA

sempre de população diminuta em vastíssimo território.

Setenta e seis mil habitantes contava a Amazonia em 1873, setenta e cinco mil de condição e mil de condição escrava, número ainda mais reduzido no fim do Império.

Na constância deste, a 20 de Junho de 1884, na presidência Theodureto Souto, o Amazonas se declarava limpo de escravidão negra, acontecimento a juntar-se à redenção do cativo no Ceará, pouco antes. Assim no Amazonas e no Ceará a Lei Aurea não encontrou libertandos.

No Amazonas, como em todo o Brasil, a imprensa colaborou no abolicionismo. A 3 de Maio de 1851 entrou a circular em Manáos o primeiro periódico amazonense, o *Cinco de Setembro*, de propriedade do tenente Manoel da Silva Ramos. O jornal mudaria de título quando o Amazonas elevado a província o *Cinco de Setembro* passando a *Estrela do Amazonas*, título conservado de 7 de Janeiro de 1852 até ultimo número em 1866.

A razão da mudança de título do jornal deu-a o seu proprietário nos seguintes termos: "uma estrella tendo apparecido no Diadema Imperial para enriquece-lo, sem inveja das demais estrelas, entendemos mudar o título da folha para o de *Estrela do Amazonas*."

Outro jornal de créditos, o *Amazonas* surgiu em Manáos de 1866.

Órgão do partido conservador e depois do liberal no Império e depois de 1889 órgão de sucessivos partidos repuctinos, o *Amazonas* em suas colunas forma, segundo Faria e Souza, preciosíssimo repositório de subsídios para a história e a geografia amazônica.

Com vários períodos de interrupção, de 1884, a 1904, outro jornal, *Comercio do Amazonas*, representou em Manáos a imprensa neutra, criando na capital a imprensa diária, inaugurando serviço telegráfico e dando a leitores o agrado de ilustrações da mais variada especie.

Acompanhando a sorte do Amazonas, desde muito, a imprensa da Província e do Estado conheceria na Republica dias faustos seguidos de infaustos produzidos uns pela alta, outras pela desvalorização do principal produto da Amazonia, a borracha.

Pela extraordinária valorização da borracha, Manáos chegou a auge de prosperidade. Diga-se apenas que em certo momento o Tesouro Estadual recolheu, de imposto sobre a borracha, a bonita soma de vinte e dois mil contos, uma quantia de tal monta tendo direito de ser bonita.

Por notícias de opulência, facilidade de negócios, da criação de fortunas do dia para noite, Manáos atraiu atenção no Brasil e uma leva de gente disposta a enriquecer de subito, gente também inclinada a jogar dinheiro pela janela tanto ele entrava pela porta com facilidade, o que se observa em todos os momentos de prosperidade artificial e tentadora.

Tal foi no Amazonas o que talvez se possa chamar a idade da borracha, de ninguém pensar no dia seguinte, gastando a máu gastar.

Segundo um observador, na era do esplendor e dos desperdícios "quando os seringueiros emprestavam, sem decu-

mento ou nenhuma formalidade, contos e contos de reis a creaturas absolutamente desconhecidas."

Na hora da decadência da borracha o amazonense se não deixou abater. No Amazonas restavam-lhe outras riquezas à mão, restava-lhe Manáos formosa e construída antes da prosperidade enganadora da exploração sem medida dos seringais.

Por obra de um creador-transformador, Manáos já era cidade de belas avenidas e construções notáveis. Uma daquelas avenidas põe presente a toda hora o nome do creador-transformador de Manáos, Eduardo Ribeiro, de alcunha O Pensador, título de jornal no qual Eduardo Ribeiro escrevera no Maranhão terra natal.

Octavio Tavares, excelente conhecedor do Amazonas, declarou o amazonense "capaz de realizar o quasi milagre de filosofar na adversidade".

Compreendeu-o Eduardo Ribeiro no tornando Manáos cidade digna do efeito de sua paisagem.

Da corçgem de uma população, da capacidade de um administrador ficou por exemplo em Manáos o *Teatro Amazonas* no qual têm cantado artistas líricos de notoriedade vindos especialmente a Manáos.

De gênero bem diverso do *Teatro Amazonas* é outro edificio de importância para a vida material de Manáos, a Alfandega da cidade, o edificio a presidir frequentado porto declarado, por Octavio Tavares, original e único no Brasil, no lançar a engenharia uma ponte pelo rio Negro a dentro. Termina a ponte um cús de madeira a flutuar alto ou baixo ao sabor da enchente ou vasante de águas fluviais.

Nas cheias do rio, testemunha Octavio Tavares, os passageiros de navios do Lloyd, dos grandes paquetes ingleses, das embarcações pequenas, os gaiolas descem em direção de Manáos. Na vasante o desembarque é de subida pela ponte.

Nas cheias do rio Negro, algumas de respeito, as casas dos igarapés vizinhos de Manáos miram-se no espelho de águas para que, na vasante, lembrem ao observador versado em História, o aspeto das habitações lacustres de moradia para o homem primitivo saído dos lapados.

Nas vasantes do rio Negro as casas dos igarapés próximos de Manáos "aparecem empoleiradas sobre estacas, denotando a preocupação que presidiu à construção, tendo em vista a possibilidade, ou melhor o levantamento do nível das águas".

Na aquática Manáos, no lindo conjunto do seu casario, é de relevo o Palácio da Justiça. Não lhe falta imagem de Themis, simbolizando o que o homem mais precisa e menos tem, justiça.

Em Manáos figura Themis sem a sua venda tradicional e pois de olhos abertos, de alto, sobranceira ao menos em imagem.

Dissemos sobre Manáos por informação alheia e alguma conta própria. Por conta desta seja dito formarem as capitais dos Estados brasileiros dois grupos distintos. As capitais litoraneas ficam mais ao alcance de viagens e visitas, menos à mão as capitais do interior do país, Manáos uma, como que oculta na distância para que alcançada se desvende com Magia.



MANA'OS — TEATRO AMAZONAS



A CARREIRA radiofônica de Haroldo Barbosa, esse dinâmico e operoso elemento da PRE-8, é das mais disparatadas. Começando como exímio tocador de cavaquinho nos áureos tempos da Educadora, logo se tornou operoso contra-regra do Programa Casé, para mais tarde se transformar em discotecário da Transmissora, especialidade que lhe serviu para iniciar-se na Rádio Nacional, onde também passou a ser locutor. Seu apêgo à música e o enorme cabedal que achou à sua disposição, o transformaram em competente sonoplasta e perito na organização de "broadcasts" musicais. Já então revelava-se sua inclinação para o teatro-cégo, com a peça "Anita e a paisagem", seguida de "Os quatro F" e de "O homem que não valia um conto de réis". O primeiro desses trabalhos marcou época nos espetáculos de rádio teatro da PRE-8, sendo reprisado com enorme êxito, por insistência dos ouvintes. Sob a influência desses êxitos, Haroldo Barbosa passou a escrever novelas, iniciando-se com "Diário de Jeanine", em que Zezé Fonseca foi protagonista. A seguir deu-nos "Suspeita", logo substituída por "Titio Heitor". Após as novelas, vieram programas como "Almanaque Kolinos", "Nas azas de um clipper", "Casa da sogra" e outros, essencialmente musicais. A música, por sua vez, roubou-lhe parte do tempo. É ele autor de inúmeras versões de foxes, tangos, corridos e outros gêneros, além de ser autor de sambas como "De conversa em conversa", "Rumba de Jacarepaguá", etc... Nasceu no Distrito Federal, o antigo tocador de cavaquinho é casado e pai de duas filhinhas.

N A equipe de valores novos do rádio sobressai Regina Célia, uma das integrantes do trio "As três Marias", que a Rádio Nacional lançou com absoluto sucesso. Aliando as qualidades vocais aos dotes de pianista exímia, a jovem artista da PRE-8, venceu os obstáculos que se antepunham à sua carreira, sem recorrer a métodos publicitários espalhafatosos, fugindo ao cabotismo e ao escândalo. Dêse modo, atingiu o estrelato pelo próprio valor, esmerando-se nas suas audições pianísticas e nos seus recitais de canto. Hoje, fazendo parte de um dos mais perfeitos trios, Regina Célia é um nome admirado dos ouvintes de "Um milhão de melodias" e outros tantos programas musicais que a Nacional irradia. Seu primeiro contato como o microfone, vem do tempo da Rádio Sociedade quando, como aluna da Escola Paulo Frontin, se inscreveu num concurso levado a efeito por essa emissora, colocando-se em primeiro lugar, juntamente com os "Anjos do Inferno". Não se interrompeu mais a carreira artística, cobçada que sempre foi pelos prefixos caricais, inclusive pela estação de que é exclusiva. Inicialmente, Regina Célia formou trio com Bidú Reis, hoje trabalhando em rádio-teatro, e Marília Batista, que, contraindo matrimônio, deixou o "broadcasting". Na qualidade de pianista, Regina Célia contribuiu para o êxito de alguns programas de Barbosa Júnior, como o "Picolino", "Barbosadas", etc. Com as colegas do trio, gravou várias composições de sucesso, sendo que a maioria em versões de Haroldo Barbosa. Regina Célia, no que diz respeito a compositores, é "fan" de Ari Barroso, Alcir Pires Vermelho e Dorival Caymmi.

GENTE DE RADIO

DE QUATRO
EM QUATRO

Instantâneos biográficos escritos especialmente para a REVISTA DA SEMANA
Por ARMANDO MIGUEIS

A NTÔNIO Requião veio do Rio Grande do Sul, porque o "broadcast" local não lhe dava margem para expandir seus dotes de grande palrador. Simples "speaker" da PRC-3 de Pelotas, o jovem gaúcho sonhava com melhor situação. Daí ter empreendido a viagem que o trouxera à Cidade Maravilhosa... Aqui chegando, ingressou na Rádio Club do Brasil, atuando nos programas diários. Sua voz sóbria abriu-lhe caminho para a Nacional, emissora em que Antônio Requião teve a seu cargo os jornais falados, saindo-se a contento. Dêse prefixo, ele passou para a Rádio Globo, onde agora atua na "Hora da Ginástica", no "Bom dia, madame", em "Variedades" e outros mais. Além de locutor, ele trabalha como rádio-ator, vivendo as cenas que Fernando Jacques prepara para o segundo dos programas. Também redige movimentado "broadcast" intitulado "Calle Maipú", em que apresenta as últimas novidades em tangos. Antes de travar relações com o microfone, Antônio Requião exercia o cargo de rádio-telegrafista, tendo nessa profissão percorrido vários Estados. Natural de Pelotas, onde nasceu a vinte e um de maio de 1918, fez seus estudos superiores nessa cidade, dedicando-se à literatura. Chegou mesmo a fazer alguns contos e várias crônicas, todos publicados no jornal da terra. Seus autores prediletos são: Somerset Maugham, André Maurois, Erico Veríssimo e José Lins do Rego. Por várias vezes narrou jornais cinematográficos e já recebeu propostas para trabalhar num filme. Seu peso: 67 quilos. Altura: 1,75.

S TELINHA Egg prefere a música folclórica a qualquer outro gênero. Assim, não tardou em aparecer diante do microfone, interpretando as bonitas páginas de Hechel Tavares, Dorival Caymmi e Capiba. Seu primeiro contato com o público do Rio, foi feito por intermédio da Rádio Tupi, então conduzida por Teófilo de Barros Filho, que, na jovem cantora paranaense, achou um elemento de valor. Figurou no pavoroso filme "Direito de pecar", de Leo Marten, com Cesar Ladeira. Na Tupi, Stelinha Egg passou a tomar parte nos principais programas de estúdio, cantando sempre as composições do riquíssimo folclore brasileiro. Em pouco recebia propostas de outras emissoras, rejeitando-as delicadamente, em virtude do contrato mantido com a PRG-3. Tão logo permitiram suas férias, empreendeu uma excursão ao sul, cantando no seu próprio Estado, o Paraná, onde recebeu toda a sorte de homenagens, a ponto de ser forçada a adiar o regresso. Como folclorista, Stelinha Egg gravou diversas melodias, todas com enorme proeza. Recentemente, a jovem artista desligou-se da emissora associada, tendo vencido a ação judicial que moveu contra a Tupi. Agora, livre de quaisquer compromissos, prepara as malas para, em companhia de seu esposo, empreender uma "journé" ao Velho Mundo, devendo cantar na França, Espanha e Portugal. É possível que visite, ainda diversos países sul-americanos, a fim de exibir o folclore brasileiro. Afóra o rádio, Stelinha Egg dedica-se ao seu lar que considera o melhor recanto do mundo.



O CARREIRO

CONTO DE MARQUES REGENTE
ILUSTRAÇÃO DE ABELARDO ZALUAR

CARRO de boi sem carga é como coração vazio — não canta, não chora, não geme. Seu Pedro Carreiro ia subindo assim, sem carga, as esteiras balançando nús, em demanda ao talhão velho onde a apanha do café começara. Mas o coração estava cheio, o pensamento pesado. O dia ia sêr duro. A chuva braba batera a noite tôda engrossando os córregos, arrancando pinguelas, desbarraçando estradas. E muito pior: furara as telhas da casinhola, umedecera o barro das paredes, inundara o chão de terra batida. Não dormira; a umidade não deixara. E o reumatismo crônico doía forte.

Seu Pedro já estava cansado. Em trinta anos de carreagem dera tudo que seu físico

sóbrio de camarada pudera dar. E nem ao menos tivera a compensação de um herdeiro. Porque riqueza do pobre é o filho. E o carreiro que se preza, tem que têr um filho macho que seja tão bom carreiro quanto êle. E' um orgulho e uma necessidade. Um filho homem é sempre um braço direito; na roça, na lavoura, na enxada. E depois será como o pai um bom carreiro, de fama que consola, entre as caboclas da terra e os córoneis das fazendas. As mulheres querem-lhe o amôr, os fazendeiros disputam-lhe o picão.

Assim fôra êle, seu Pedro; assim fôra o pai, seu Jovino, cuja fama lhe tinha sido proveitosa. Porque filho de bom carreiro já nasce sabendo carrear.

Mas a sorte, por fim, refugara com seu Pedro. Primeiro a Benedita dera-lhe duas moças. Eram fortes, é verdade, mas eram sempre mulheres... Depois viera o Tonho. Era homem, era macho — mas de que valia? Nascerá aleijado, o pé torto. Mancando sempre, sem mesmo puder sustentar firme o corpo franzino, raquítico. E como se não bastasse filho de carreiro ter pernas fracas, o Tonho nascera também com os olhos vesgos, enxergando pouco.

Por muito tempo seu Pedro teve esperanças. Gente da roça tem é um mundão de filhos. Viriam outros, um havia de ser carreiro como êle, herdar-lhe a profissão, a fama, única herança que os distinguia. Porque a miséria, a fome, os trapos — seriam a herança de todos...

Por muito tempo os olhos de seu Pedro interrogaram o ventre da Benedita, com a mesma ansiedade que inquiria os céus em busca de uma chuva criadeira. O ventre, porém, continuou insensível. Dos olhos de seu Pedro desapareceu a interrogação esperançosa. Ficou o brilho mortiço de resignação submissa ante o inelutável...

Seu Pedro, no entanto, continuou sofrendo. Tonho queria ser carreiro. Trôpego, enxergando mal, queria ser o herdeiro do pai. Aquilo era pior que seu orgulho destroçado, sua esperança desvanecida. Tinha pena do filho, comovia-se com o esforço do Tonho querendo carrear. Sentia-se quasi culpado do defeito dele, chegava a ter um vago remorso. Seu coração era também um carro de boi, pesado de tanta carga. Mas os gemidos ficavam abafados pela dignidade de homem.

Acabou cedendo aos desejos de Tonho. Nunca o filho seria um bom carreiro, nem mesmo um carreiro. Mas que custava amenizar-lhe o sofrimento, deixar que o Tonho também tivesse uma esperança? Deu-lhe um

PREMIADO NO CONCURSO PERMANENTE DA "REVISTA DA SEMANA"



ferrão. E juntos saiam, êle ensinando ao filho como quem acredita no que está fazendo, como se os sonhos pudessem ainda frutificar, depois de tantas floradas de café jogaram sobre seus cabelos agrestes a palidez das flôres. Aquilo passou a sêr um consolo recíproco, um hábito suavizante. Quando o cel. Quinquim disse que era melhor deixar o Tonho em casa, porque o menino só fazia atrapalhar, teve pela primeira vez em sua vida seu único ato de revolta. Revolta frente aos patrões da terra. Encheu-se de brios. Êle tão manso, tão submisso, tão bem-mandado, — rebelou-se. Foi brusco, surpreendente. O cel. Quinquim quis voltar atrás, era tarde, já estava resolvido. Um bom carreiro é sempre disputado. Já carregara os trapos, os cacarecos, as poucas criações e a família para a fazenda do dr. Josias. Mas com uma condição — “uma só, doutor” — do Tonho carrear com êle.

—Pai, pai, deixa carrear um pouquinho...
— Tonho cortou-lhe os pensamentos numa súplica.

O velho mineiro sacudiu as tristezas:
Houve uma pausa, o velho lembrou-se:
— Hoje não, fio. As istrada tá ruim...

(Continúa na pág. 57)



ESPORT INVERNO CÔTE D'AZUR

(TEXTO DE MARC MICHELON - FO)

A França é o paraíso dos turistas. Oferece uma série não só de sítios históricos, mas ainda de paisagens magníficas, de clima propício a todos os esportes e a situação privilegiada de algumas regiões e possibilidades que poderíamos qualificar de desconcertantes. E' esse, por exemplo, o caso da conhecida mundialmente como um refúgio da Riviera italiana e da Flórida norte-americana, seus fiéis visitantes não apenas a alegria do clima tépido do Mediterrâneo, mas, ainda, toda a variedade do inverno nas altas montanhas. Cannes, a capital do verão, também é a Cannes dos esportes de inverno. A Croisette, onde os invernistas, sentados à sombra, assistem aos jogos dos banhistas nas praias, também oferece, nos Alpes Marítimos, que oferecem maravilhosas possibilidades de esporte do "ski". Uma bela estrada, com um percurso de quatro horas, pôde-se fazer a transição entre o calor do Mediterrâneo e a alva neve dos Alpes, passando do sol e da natação ao "ski".

Eis porque, neste inverno que acabou de começar, mais interessante do que os anteriores, muita gente vai para a França, a fim de poder unir os esportes de inverno à praia, com a conveniência que raros lugares poderão oferecer.



Em clima, à direita e à esquerda: banhistas que aproveitaram o inverno passado para fazer estações balneárias na Côte D'Azur, banhando-se nas águas levemente tépidas do Mediterrâneo.



SPORTES DE INVERNO NA CÔTE D'AZUR

PARIS — FOTOS DA FRANCE PRESSE

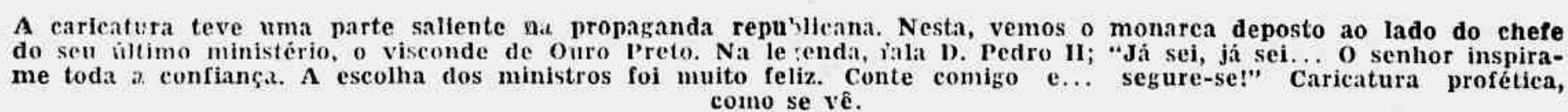
...turistas. Oferece, ao viajante que a visita, pontos históricos e de monumentos artísticos, magníficos, de uma variedade incomparável, os esportes e prazeres da época das férias. Algumas regiões oferecem, a esse respeito, possibilidades de imprevisitas, senão mesmo, por exemplo, o caso da famosa Côte D'Azur, não um refúgio elegante de veraneio, rivalizando com a norte-americana, — e que oferece aos turistas as alegrias do sol quente e da água, ainda, todos os prazeres dos esportes de inverno. Cannes, a cidade da Côte D'Azur, é também, no inverno. A cinquenta quilômetros de Lausanne, sentados à sombra das palmeiras, assistindo às praias, estão os contrafortes dos Alpes, maravilhosas rampas nevadas para o esqui, conduz à montanha e, em três horas, a transição entre a areia da praia do sul e os Alpes, passando-se rapidamente do ba-

...ski". ...no que acaba de passar, bastante mais ri- ...muita gente preferiu Cannes a outros lu- ...esportes de inverno aos de verão, com uma ...res poderão oferecer.



Em baixo: À esquerda e no centro, jovens que se conheceram nas praias de Cannes consolidam sua amizade, iniciando-se juntas nos esportes de inverno; À direita: em Cannes, em pleno inverno. Aqui se toma banho de sol, ao longo do Boulevard de la Croisette.





VIVA, ÁGIL, VELOCÍSSIMA, A CONSPIRAÇÃO QUE DEITOU A MONARQUIA EM TERRA DUROU APENAS TRINTA E QUATRO DIAS

(Da Academia Brasileira de Letras) Especial para "REVISTA DA SEMANA"

A conspiração que poz a monarquia em terra essa, porém, foi viva, ágil, velocíssima, vertiginosa. E durou apenas trinta e quatro dias. E pôde-se até dizer, com segurança, o dia em

O Capitão exultou. E fogosamente esboçou aos olhos do marechal, com tintas negras, o quadro militar. O exército era uma lástima! Uma lástima, sim, pois a situação que atravessava deprimente, miserável, vergonhosa! De quem a culpa? Dos militares? Não. Dos políticos! Dos políticos e do regime. O país precisava desafogar-se, precisava libertar-se dos freios da rotina que lhe tolhiam a evolução. O Brasil havia atingido a um grau de cultura que lhe dava direito de desfrutar uma política mais sã, mais adiantada e mais liberal. E entrou a falar de Gaspar Silveira Martins. Durante vários minutos o presidente do Rio Grande do Sul, naquele diálogo de apaixonados, foi a encarnação da violência, do despotismo e da politicalha.

— É preciso por o Gaspar no chão! bradou Deodoro, com a voz abafada pela dispneia.

— É preciso, sim! confirmou Mena Barreto. E depois de um instante:

— Mas só ha um homem capaz de aniquilar o Gaspar.

— Quem é? perguntou o outro vivamente.

— V. Excia.

Deodoro ficou silencioso, o peito arfando.

A conversa durou meia hora, aceza, crispante. Eram nove e meia da noite quando o capitão se despediu. O marechal disse-lhe ao estender-lhe a mão:

— Estou doente, como vê. Por êstes dias vou a Caxambú ver se melhora. Trabalhem, arregimentem-se porque, quando chegar a hora, eu estarei à frente dos meus camaradas para ajustarmos as contas com o govêrno.

Mena Barreto saiu dali com a alma aos pulos.

Aquilo era claramente uma autorização para que se começasse a conspirar, pensou.

Não se conteve. No dia seguinte, ao amanhecer, correu à procura do tenente Sebastião Bandeira, seu velho amigo. E contou-lhe tudo, minúcias por minúcias da cena da véspera, frasesinha por frasesinha de Deodoro e a grande frase final autorizando a conspiração.

O tenente era também republicano incendiado. Os homens deram sempre aos fatos interpretação que mais convem aos seus desejos e às suas simpatias.

Bandeira e Mena Barreto, ao pesar as palavras de Deodoro, pesaram-na na balança de mistica que os inflamava e viram nelas não uma revolta contra o govêrno, mas uma repulsa às próprias instituições. Aquelas palavras eram uma promessa fascinadora em favor da República.

Naquele mesmo dia o grupo dos militares republicanos teve conhecimento da palestra de Deodoro com Mena Barreto. Mas, no meio do entusiasmo que a narração do episódio produziu, houve creaturas cautelosas que se não convenceram totalmente de que eram em favor da República as palavras do marechal. Seria conveniente uma nova conferência com o velho soldado para que se pusessem os pontos nos ii.

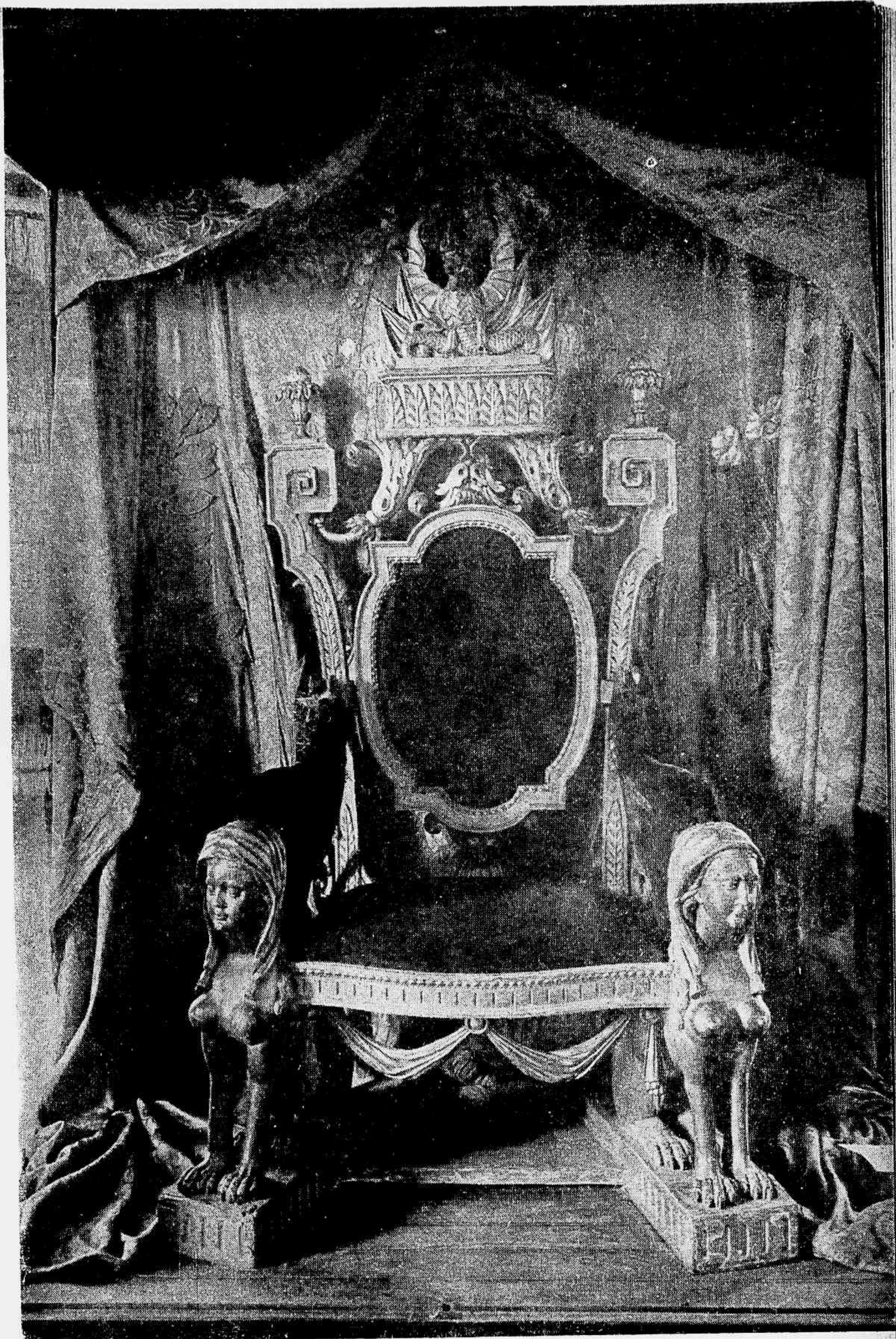
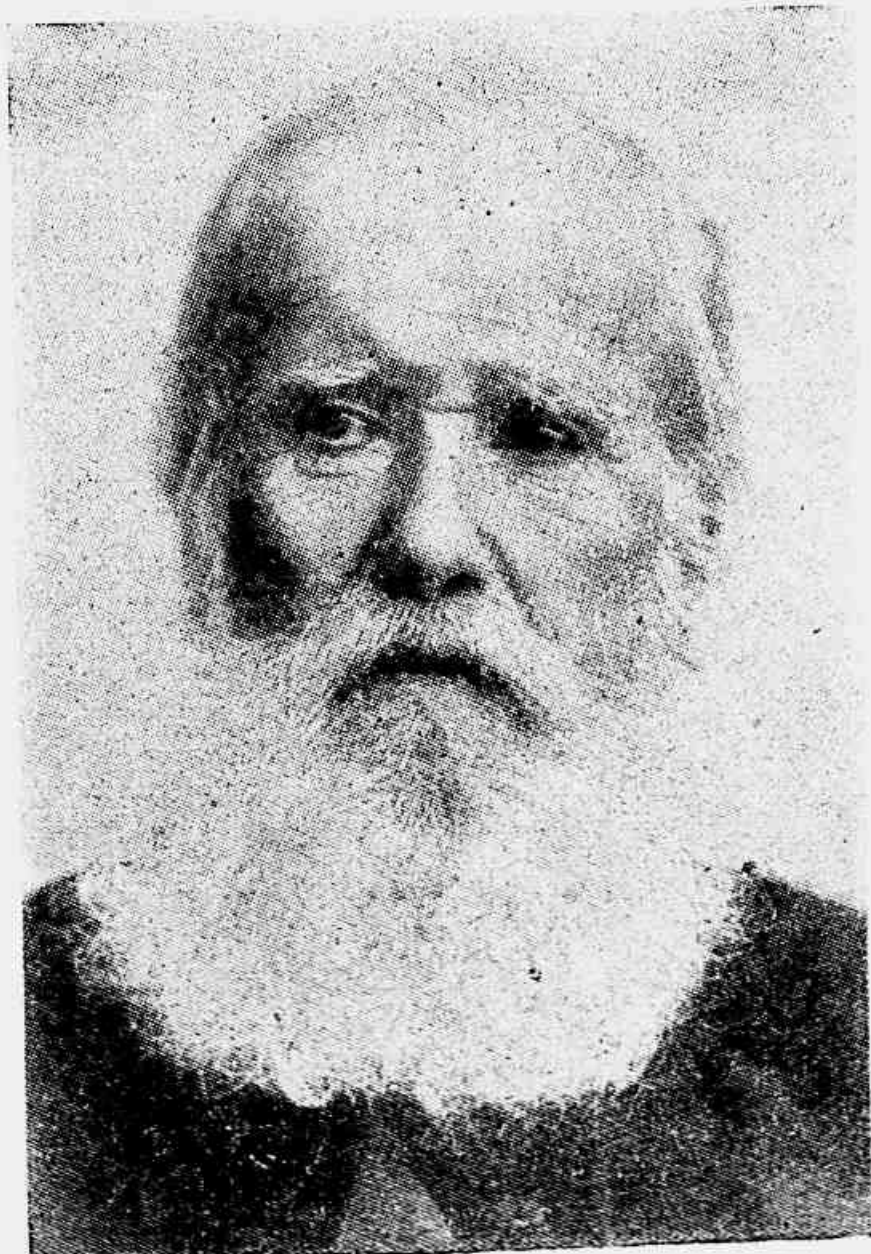
Quatro dias depois Mena Barreto e Sebastião Bandeira subiam as escadas do sobrado do Campo de Santana.

Deodoro continuava acamado. E, naquela noite, mais enervado e mais abatido que na de 12.

Tinham-lhe posto um cáustico à tarde.

Os rapazes sentaram-se ao lado da cama e levaram a conversa pelo trilho político. Vieram à tona os últimos atos do govêrno.

D. Pedro II



Este é o trôno que D. Pedro II deixou vago, ao ser deposto pelo marechal Deodoro da Fonseca, chefe da revolução republicana, a 15 de Novembro de 1889. Está, hoje, no Museu Histórico.

— São atos inteiramente hostis às classes militares, disse Mena Barreto.

— O govêrno, declarou Bandeira, com os olhos cravados no dono da casa, só tem uma preocupação — aniquilar V. Excia.

— V. Excia. e o exêrcito, acrescentou o capitão.

Sebastião Bandeira chegou-se para mais perto da cama.

— O marechal viu a precipitação com que se retirou, aquí do Rio, a tropa de linha? Afirma-se por aí que, em breve, a guarnição do exêrcito também será dispensada do serviço. O serviço passará a ser feito pela guarda nacional. Consta que o govêrno, a pretexto de economia, reduzirá o exêrcito à metade.

Deodoro agitou-se fortemente na cama:

— Não é possível! exclamou com violência.

Bandeira aproveitou a exaltação para completar o incêndio daquela alma trabalhada pelos desgostos:

— Como não é possível, se o govêrno já deu passos para isso?! V. Excia. não percebeu que estão sendo arregimentadas as policias aqui da côrte e da província do Rio de Janeiro?

Creou-se a guarda cívica. Arregimentou-se a guarda nacional. E todas essas forças estão agora armadas a Comblain. E estão recebendo instrução superior à do exêrcito. Para que tudo isso? Para que, senão para aniquilar o exêrcito?

O marechal não se conteve e explodiu:

— Mas eu não permitirei que façam tal coisa. Irei, em pessoa, ao parlamento, responsabilizar o govêrno pela falta de patriotismo revelada em semelhantes atos. Assentarei a artilharia, levarei os sete ministros à praça pública e me entregarei depois ao povo para que o povo me julgue.

Mena Barreto atalhou-o audaciosamente,

— Nêsse caso, v. excia. vencedor, com certeza vencedor, será o ditador da República.

O ditador da República? Era essa a primeira vez que se falava assim, claramente em República, face à face com o velho soldado.

Houve um silêncio de segundos. Deodoro fez ainda um gesto para falar, mas a dispneia cruelmente o sufocou. O esforço para respi-

(Continúa na pág. 50)

A VIDA DE SCHUMANN

(1810-1856 ROBERT SCHUMANN)

Por HENRY THOMAS e DANA LEE THOMAS

(Direitos adquiridos com exclusividade pela REVISTA DA SEMANA com a Livraria do Globo, de Porto Alegre).

ROBERT SCHUMANN nasceu em Zwickau, na Saxônia, lá pelos fins das guerras napoleônicas. O pai, um livreiro, era um intelectual destituído de inspiração que se metia a escrever. Traduzia as idéias alheias em suas próprias palavras. Tentou escrever diversos romances, cujas qualidades lhes acarretaram o esquecimento. Era um bellissimo exemplo de talento frustrado, que possuía o desejo mas não possuía a capacidade para levar a cabo um trabalho original. As suas únicas faculdades criativas consistiam numa habilidade superior à normal para produzir filhos.

Robert, um dos cinco, era o predileto. Transcorreu-lhe a infância feliz, pôsto que falta de emoções. Zwickau era uma cidade de tranqüilos saxões, tardos no andar e tardos no pensar. O seu padrão de vida, simples e caseiro, fôra apenas momentaneamente atrapalhado pela confusa sequência de eventos desencadeada por Napoleão. A despeito disso, o estrondar do canhão, ouvido além do horizonte, não acertou arrancar-lhe da boca os cachimbos que fumavam à noite. Nem pôde o tumulto da batalha perturbar os ocassos escarlates da sua cidadezinha. E quando a paz voltou à Europa e a Revolução Industrial começou a escurecer o céu da cidade com a sua fumaça, continuou a cidadezinha de Zwickau serena, sem sombras, imperturbada.

Foi nessa atmosfera que Robert passou a infância. Um duplo talento despertara nele prematuramente um dom para a literatura e um dom para a música. Durante a adolescência os impulsos literários foram mais fortes. Ao completar dezessete anos já devorara os clássicos gregos e latinos e se travara de íntima amizade com as obras do poeta romântico, Jean Paul Richter. A adolescente exuberância e a imaginação desenfreada desse poeta exerceu poderosa influência sobre a alma sensível de Schumann. Richter embriagava-se do amor da natureza. O jovem Schumann embriagou-se da natureza do amor. Antes de completar vinte anos apaixonou-se pela "Divindade Lunar da Saxônia" — uma simples rapariguinha de nome Liddy. Surpreendera o olhar da amada num arco-íris lunar e imaginou ouvir-lhe o riso da brisa ao dançar sobre um lago perdido entre as montanhas. "Nesse momento aprendi a idéia sublime da Divindade" assentou ele em seu livro de notas, quando tinha ainda dezessete anos. "Pude ver a minha amada... extática diante de mim e sorrindo bondosamente para mim..." Em outra ocasião, encontrava-se junto a sua "jovem deusa" — quando, rápida como um raio, levantou-se no ocidente uma nuvem, e logo uma porção delas se reuniu e empilhou no firmamento. Então, tomando a mão de Liddy, disse-lhe: "Ah, minha querida, a vida é como aquelas nuvens!"

Nenhum rapazola de dezessete anos empregaria, ao falar, uma hipérbole destas. A pena era um amigo necessário e eloquente de Robert Schumann.

Não era, contudo, o seu único amigo. Ele travara camaradagem com o piano. Desde a infância saboreara as canções de Franz Schubert. Este "fazedor de melodias tristes" parecia-lhe, a ele, a contraparte musical de Richter. Robert voltava-se amudadas vezes para o teclado quando sentimentos profundos demais para lágrimas — e palavras — se lhe agitavam no cérebro.

Aos dezoito anos deixou o gínasio. E ao passo que vacilava na escolha entre a poesia e a música como o mister a que deveria consagrar a existência, meteu-o a mãe na advocacia.

II

"Agora", disse a mãe de Schumann, "o homem que existe dentro de você precisa revelar-se e demonstrar de que estôfo é feito". Schumann, porém, estava destinado à desilusão. Sentia-se totalmente infeliz na Escola de Direito de Leipzig. Buscou, durante algum tempo, sujeitar-se à vontade materna — o pai já não existia, — mas o resultado final dessa luta entre mãe e filho nunca pareceu duvidoso. Robert tinha força de vontade e era independente. Poeta, e não advogado, a lei, para ele, era um companheiro demasiado prosaico. Uma carreira musical estaria mais de acordo com a sua extravagante propensão para a amizade, a champanha

e as mulheres bonitas. Acreditava piamente no adágio:

Quem não conhece mulheres, vinho e canções,
Continúa bobo durante a vida inteira.

Engaiolado na atmosfera acadêmica, Schumann ansiava por liberdade. Sabia que somente a música lograria libertá-lo. Era sujeito a intensos acessos de melancolia. Escreveu à mãe, referindo-lhe as

mer "só batatas", que o senhorio o insultava porque ele não podia pagar o aluguel, que andava impossibilitado até de comprar selos do correio, ou de mandar afinar o piano, ou de comprar roupas que estava, em suma, reduzido ao seu último pfennig. "Nem posso matar-me, a despeito do meu desespero, porque me falta o dinheiro suficiente para adquirir uma pistola". Queixas deste teor ou de teores semelhantes. Por fim, anunciou atrevidamente que abandonaria o



Schumann

suas desventuras, num estilo calculado para apertar-lhe o coração. "Se eu ao menos, tivesse aqui alguém que me compreendesse direito e com simpatia e que tudo fizesse por mim em virtude de um amor puro e desinteressado que me dedicasse!"

Havia, evidentemente, algumas pessoas que o compreendiam "direito e com simpatia". As suas cartas estão cheias de referências aos seus casos de amor. Senhoras de várias classes, maneira e moralidade. Sonhador, voluptuoso, romântico e não totalmente despojado de atraivos, vivia, a julgar pela sua correspondência, literalmente "assediado por todas as jovens" da Alemanha. "Emociono-me com demasiada facilidade", queixava-se ele.

Era um perdulário. A sua mesada não lhe permitia gozar as extravagâncias da vida e ele vivia a pedir à mãe que lhe mandasse mais dinheiro. Escreveu dizendo que a mesada somente lhe permitia comer carne uma vez por semana, que na maioria das vezes era obrigado a co-

mer "só batatas", que o senhorio o insultava porque ele não podia pagar o aluguel, que andava impossibilitado até de comprar selos do correio, ou de mandar afinar o piano, ou de comprar roupas que estava, em suma, reduzido ao seu último pfennig. "Nem posso matar-me, a despeito do meu desespero, porque me falta o dinheiro suficiente para adquirir uma pistola". Queixas deste teor ou de teores semelhantes. Por fim, anunciou atrevidamente que abandonaria o

Direito. Andava tomando lições de piano com um professor chamado Frederick Wieck. O desejo de compor impulsionava-o. Fracassara nos estudos de direito. Surgira, além disso, um novo fim para arredá-lo das Pandectas de Justiniano — Clara Wieck, a encantadora e talentosa filha do professor de música. Os três conspiradores, Frederick Wieck, sua filha Clara e Schumann, principiaram a explorar as simpatias da mãe de Robert. Esta, afinal, cedeu e Robert desistiu dos livros de Direito. Tinha Schumann, a esse tempo, vinte anos.

radamente para aperfeiçoar a técnica pianística, se bem não desleixasse, nesse período, a composição. Eram os seus dias uma série de estados de espírito que fluíam violentamente entre o êxtase e o desespero. Venerava a grandeza e consumia-se num desejo esmagador de produzir também alguma coisa grande. Ferilhava nele uma profusão de idéias musicais. Desde o princípio, no entanto, encontrou obstáculos técnicos no caminho. Só encetou um estudo regular como compositor depois de relativamente adiantado em anos. Além disso, repartira o tempo entre a música e a poesia. Expressava-se igualmente bem com o piano e com a pena, o que, aliás, representava para ele, de certa maneira, uma fonte de fraqueza. Robert semelhava o homem que, tendo dois bancos para sentar, não sabe qual deles escolher, e acaba ficando no meio dos dois. Como ele mesmo declarou, "Se ao menos o meu talento para a poesia e para a música se concentrasse num ponto único, a luz não se ofuscaria tanto assim..."

Compreendeu com tristeza que nunca lhe seria dado assentar-se entre os maiores. Sem embargo, jamais deixou de tentá-lo. "Não posso reconciliar-me com a idéia de morrer como um filisteu!"

Alimentou, durante algum tempo, a esperança de ganhar o próprio sustento como virtuoso de piano. Essa idéia, porém, varreu-se-lhe rudemente do espírito quando deslocou um dedo à conta dos exercícios excessivos. A partir de então — tinha apenas vinte e dois anos — nunca mais puderam as suas mãos esforçar-se demasiado sobre o teclado. O destino decidira por ele. Schumann havia de dedicar todo o seu tempo ao ensino e à composição.

III

A sua vida social tinha como centro a casa dos Wieck, onde ele obsequiava a filha do professor de música, de catorze anos de idade, como um irmão mais velho que se entretivesse a distrair a irmã. Quando Schumann a conhecera, era ela uma menina bonita e precoce de treze anos que o venerava com a sincera devoção dos jovens. Ouvia-lhe, muito atenta, as histórias de fantasmas e duendes e aplaudia-lhe as charadas. Sempre que ela saía de Leipzig para dar concertos, os dois se correspondiam. Para Robert, Clara era uma criança encantadora, e mais do que isso — um súdito no reino encantado da sua música. Ele adorava-lhe o gênio assim como ela adorava o dele. Na amizade do gênio o prato da familiaridade é condimentado com o sal do respeito. "Penso freqüentemente em você, Clara", dizia ele, "não como um amigo pensa neutro amigo, mas como um peregrino pensa num altar distante". Mas apesar de tudo isso ela era apenas uma menina. O objeto do seu amor de homem procurou-o ele em outra parte.

Uma rapariga de corpo rechonchudo e disposição complacente trocara com ele olhares compreensivos. Era uma colega que encontrara em casa de Frederick Wieck. Chamava-se Ernestina von Fricken. Schumann, com os seus cabelos loiros e os seus olhos sensuais, não podia deixar de atraí-la. A atração cedo se converteu em afeto. Mentalmente, Ernestina estava num nível muito inferior ao de Schumann, mas fôra abundantemente dotada das graças externas do seu sexo. De mais a mais, Schumann ouvira dizer que ela era filha de um barão boêmio e não era ele quem iria zombar das convenções sociais. Começaram a passar os jovens namorados muito tempo em companhia um do outro, e recrutaram os serviços da pequena Clara Wieck para defendê-los contra qualquer intrusão inamitosa e para levar-lhes os seus recados secretos.

Clara sentia ciúmes terríveis, como ela mesma confessou a Schumann anos depois. "Você conversava só com ela... Comigo, limitava-se a brincar. Isso me magoava bastante, mas eu me consolava pensando que era porque eu estava sempre ao seu lado. Além do mais, Ernestina tinha mais idade do que eu. Sentimentos estranhos agitavam-me o coração..."

O caso com Ernestina, todavia, foi abruptamente encerrado. Schumann des-

(Continúa na página 51)



Maureen O'Hara, e belíssima "star" de Hollywood, não despreza os trabalhos caseiros... Observem o quanto é elegante e original o seu casaco de lã todo enfeitado com "sinhaninha"

NO dia em que vocês se convencerem de que na vida existem coisas importantes pelas quais realmente vale a pena lutar, certamente vocês serão muito mais felizes.

Porque então, deixarão de se preocupar com coisinhas insignificantes como o "diz que diz" da vizinhança, o prato que a cozinheira quebrou, o atraso do marido para o jantar (aceite sempre com um sorriso as suas desculpas), a roupa que o garoto rasgou, etc..

Deixarão de chorar e lastimar por coisa de pouca monta; deixarão de se julgar as "únicas" criaturas do mundo a quem esses problemas afligem; passarão a encarar esses fatos como "acidentes" comuns da vida, que devem ser encarados com simplicidade e naturalidade.

Existem pessoas que são mestras em "criar" casos. Inventam sempre um motivo de aborrecimento, fazendo de uma pequena coisa uma verdadeira tragédia. E, como "quem procura acha", acabam sempre encontrando realmente aborrecimentos. Tais pessoas se tornam irritadiças e nervosas, e acabam também por irritar aqueles que com elas vivem.

São numerosos os casos de casais infelizes, cuja infelicidade é provocada pelas "manias" e "imaginação" das esposas. É verdade que os homens não são uns "anjinhos", mas também é preciso que compreendamos que é tarde demais para ir reformá-los.

O papel da mulher que quer ser feliz, é "desconhecer" certas faltas dos respectivos maridos. Não me refiro às faltas graves, mas a essas consideradas faltas que o marido comete ao deixar de beijar a cara-metade ao sair, ou de dizer-lhe boa-noite, quando vai dormir, ou de esquecer a data exata em que se conheceram, ou ainda, elogiar a esbeltez de uma vizinha, quando a esposa já está um tanto gordinha...

São coisas que uma mulher inteligente deve deixar passar, lembrando sempre que essas pequenas coisas em nada prejudicarão a sua felicidade, desde que tenha a sua própria consciência tranquila, isto é, que continue ser a mesma mulher compreensiva, bem arranjada e elegante dos tempos de noivado, que continua dispensando ao esposo as mesmas atenções, relevando tais faltas, confiante no amor que ele dedica a si, ao lar e aos filhos.

KITTY

NOS BASTIDORES FEMININOS

A VIDA DE SCHUMANN

(1810-1856 ROBERT SCHUMANN)

Por HENRY THOMAS e DANA LEE THOMAS

(Direitos adquiridos com exclusividade pela REVISTA DA SEMANA com a Livraria do Globo, de Porto Alegre).

ROBERT SCHUMANN nasceu em Zwickau, na Saxônia, lá pelos fins das guerras napoleônicas. O pai, um livreiro, era um intelectual destituído de inspiração que se metera a escrever. Traduzia as idéias alheias em suas próprias palavras. Tentou escrever diversos romances, cujas qualidades lhes acarretaram o esquecimento. Era um belíssimo exemplo de talento frustrado, que possuía o desejo mas não possuía a capacidade para levar a cabo um trabalho original. As suas únicas faculdades criativas consistiam numa habilidade superior à normal para produzir filhos.

Robert, um dos cinco, era o predileto. Transcorreu-lhe a infância feliz, posto que falta de emoções. Zwickau era uma cidade de tranqüilos saxões, tardos no andar e tardos no pensar. O seu padrão de vida, simples e caseiro, fôra apenas momentaneamente atrapalhado pela confusa seqüência de eventos desencadeada por Napoleão. A despeito disso, o estrondar do canhão, ouvido além do horizonte, não acertou arrancar-lhe da boca os cachimbos que fumavam à noite. Nem pôde o tumulto da batalha perturbar os ocassos esgarços da sua cidadezinha. E quando a paz voltou à Europa e a Revolução Industrial começou a escurecer o céu da cidade com a sua fumaça, continuou a cidadezinha de Zwickau serena, sem sombras, imperturbada.

Foi nessa atmosfera que Robert passou a infância. Um duplo talento despertara nele prematuramente um dom para a literatura e um dom para a música. Durante a adolescência os impulsos literários foram mais fortes. Ao completar dezessete anos já devorara os clássicos gregos e latinos e se travara de íntima amizade com as obras do poeta romântico, Jean Paul Richter. A adolescente exuberância e a imaginação desenfreada desse poeta exerceu poderosa influência sobre a alma sensível de Schumann. Richter embriagava-se do amor da natureza. O jovem Schumann embriagou-se da natureza do amor. Antes de completar vinte anos apaixonou-se pela "Divindade Lunar da Saxônia" — uma simples rapariguinha de nome Liddy. Surpreendera o olhar da amada num arco-íris lunar e imaginou ouvir-lhe o riso da brisa ao dançar sobre um lago perdido entre as montanhas. "Nesse momento aprendi a idéia sublime da Divindade" assentou ele em seu livro de notas, quando tinha ainda dezessete anos. "Pude ver a minha amada... extática diante de mim e sorrindo bondosamente para mim..." Em outra ocasião, encontrava-se junto a sua "jovem deusa" — quando, rápida como um raio, levantou-se no ocidente uma nuvem, e logo uma porção delas se reuniu e empilhou no firmamento. Então, tomando a mão de Liddy, disse-lhe: "Ah, minha querida, a vida é como aquelas nuvens!"

Nenhum rapazola de dezessete anos empregaria, ao falar, uma hipérbole destas. A pena era um amigo necessário e eloquente de Robert Schumann.

Não era, contudo, o seu único amigo. Ele travara camaradagem com o piano. Desde a infância saboreara as canções de Franz Schubert. Este "fazedor de melodias tristes" parecia-lhe, a ele, a contraparte musical de Richter. Robert voltava-se amudadas vezes para o teclado quando sentimentos profundos demais para lágrimas — e palavras — se lhe agitavam no cérebro.

Aos dezoito anos deixou o ginsásio. E ao passo que vacilava na escolha entre a poesia e a música como o mister a que deveria consagrar a existência, meteu-o a mãe na advocacia.

II

"Agora", disse a mãe de Schumann, "o homem que existe dentro de você precisa revelar-se e demonstrar de que estôfo é feito". Schumann, porém, estava destinado à desilusão. Sentia-se totalmente infeliz na Escola de Direito de Leipzig. Buscou, durante algum tempo, sujeitar-se à vontade materna — o pai já não existia, — mas o resultado final dessa luta entre mãe e filho nunca pareceu duvidoso. Robert tinha força de vontade e era independente. Poeta, e não advogado, a lei, para ele, era um companheiro demasiado prosaico. Uma carreira musical estaria mais de acordo com a sua extravagante propensão para a amizade, a champagne

e as mulheres bonitas. Acreditava plenamente no adágio:

Quem não conhece mulheres, vinho e canções,
Continúa bobo durante a vida inteira.

Engaiolado na atmosfera acadêmica, Schumann ansiava por liberdade. Sabia que somente a música lograria libertá-lo. Era sujeito a intensos acessos de melancolia. Escreveu à mãe, referindo-lhe as

mer "só batatas", que o senhorio o insultava porque ele não podia pagar o aluguel, que andava impossibilitado até de comprar selos do correio, ou de mandar afinar o piano, ou de comprar roupas que estava, em suma, reduzido ao seu último pfennig. "Nem posso matar-me, a despeito do meu desespero, porque me falta o dinheiro suficiente para adquirir uma pistola". Queixas deste teor ou de teores semelhantes. Por fim, anunciou atrevidamente que abandonaria o



Schumann

suas desventuras, num estilo calculado para apertar-lhe o coração. "Se eu ao menos, tivesse aqui alguém que me compreendesse direito e com simpatia e que tudo fizesse por mim em virtude de um amor puro e desinteressado que me dedicasse!"

Havia, evidentemente, algumas pessoas que o compreendiam "direito e com simpatia". As suas cartas estão cheias de referências aos seus casos de amor. Senhoras de várias classes, maneira e moralidade. Sonhador, voluptuoso, romântico e não totalmente despojado de atraivos, vivia, a julgar pela sua correspondência, literalmente "assediado por todas as jovens" da Alemanha. "Emociono-me com demasiada facilidade", queixava-se ele.

Era um perdulário. A sua mesada não lhe permitia gozar as extravagâncias da vida e ele vivia a pedir à mãe que lhe mandasse mais dinheiro. Escreveu dizendo que a mesada somente lhe permitia comer carne uma vez por semana, que na maioria das vezes era obrigado a co-

direito. Andava tomando lições de piano com um professor chamado Frederick Wieck. O desejo de compor impulsionava-o. Fracassara nos estudos de direito. Surgira, além disso, um novo ímã para arredá-lo das Pandectas de Justiniano — Clara Wieck, a encantadora e talentosa filha do professor de música. Os três conspiradores, Frederick Wieck, sua filha Clara e Schumann, principiaram a explorar as simpatias da mãe de Robert. Esta, afinal, cedeu e Robert desistiu dos livros de Direito. Tinha Schumann, a esse tempo, vinte anos.

Defrontou, nesse passo, com o sério problema de prover ao próprio sustento. A vida de um compositor oferecia terríveis perspectivas para quem gostasse de viver. Precária, significava, na melhor das hipóteses, obscuridade, privações e mau acolhimento. Ele queria compor mas também queria comer. Deliberou, por isso mesmo, a dar aulas de piano como garantia contra o "período prolongado de não reconhecimento". Trabalhou atu-

radamente para aperfeiçoar a técnica pianística, se bem não desleixasse, nesse período, a composição. Eram os seus dias uma série de estados de espírito que fluíam violentamente entre o êxtase e o desespero. Venerava a grandeza e consumia-se num desejo esmagador de produzir também alguma coisa grande. Ferilhava nele uma profusão de idéias musicais. Desde o princípio, no entanto, encontrou obstáculos técnicos no caminho. Só encetou um estudo regular como compositor depois de relativamente adiantado em anos. Além disso, repartira o tempo entre a música e a poesia. Expressava-se igualmente bem com o piano e com a pena, o que, aliás, representava para ele, de certa maneira, uma fonte de fraqueza. Robert semelhava o homem que, tendo dois bancos para sentar, não sabe qual deles escolher, e acaba ficando no meio dos dois. Como ele mesmo declarou, "Se ao menos o meu talento para a poesia e para a música se concentrasse num ponto único, a luz não se ofuscaria tanto assim..."

Compreendeu com tristeza que nunca lhe seria dado assentar-se entre os maiores. Sem embargo, jamais deixou de tentá-lo. "Não posso reconciliar-me com a idéia de morrer como um filisteu!"

Alimentou, durante algum tempo, a esperança de ganhar o próprio sustento como virtuoso de piano. Essa idéia, porém, varreu-se-lhe rudemente do espírito quando deslocou um dedo à conta dos exercícios excessivos. A partir de então — tinha apenas vinte e dois anos — nunca mais puderam as suas mãos esforçar-se demasiado sobre o teclado. O destino decidira por ele. Schumann havia de dedicar todo o seu tempo ao ensino e à composição.

III

A sua vida social tinha como centro a casa dos Wieck, onde ele obsequiava a filha do professor de música, de catorze anos de idade, como um irmão mais velho que se entretivesse a distrair a irmã. Quando Schumann a conhecera, era ela uma menina bonita e precoce de treze anos que o venerava com a sincera devoção dos jovens. Ouvia-lhe, muito atenta, as histórias de fantasmas e duendes e aplaudia-lhe as charadas. Sempre que ela saía de Leipzig para dar concertos, os dois se correspondiam. Para Robert, Clara era uma criança encantadora, e mais do que isso — um súdito no reino encantado da sua música. Ele adorava-lhe o gênio assim como ela adorava o dele. Na amizade do gênio o prato da familiaridade é condimentado com o sal do respeito. "Penso frequentemente em você, Clara", dizia ele, "não como um amigo pensa neutro amigo, mas como um peregrino pensa num altar distante". Mas apesar de tudo isso ela era apenas uma menina. O objeto do seu amor de homem procurou-o ele em outra parte.

Uma rapariga de corpo rechonchudo e disposição complacente trocara com ele olhares compreensivos. Era uma colega que encontrara em casa de Frederick Wieck. Chamava-se Ernestina von Fricken. Schumann, com os seus cabelos loiros e os seus olhos sensuais, não podia deixar de atraí-la. A atração cedo se converteu em afeto. Mentalmente, Ernestina estava num nível muito inferior ao de Schumann, mas fôra abundantemente dotada das graças externas do seu sexo. De mais a mais, Schumann ouvira dizer que ela era filha de um barão boêmio e não era ele quem iria zombar das convenções sociais. Começaram a passar os jovens namorados muito tempo em companhia um do outro, e recrutaram os serviços da pequena Clara Wieck para defendê-los contra qualquer intrusão inamitosa e para levar-lhes os seus recados secretos.

Clara sentia ciúmes terríveis, como ela mesma confessou a Schumann anos depois. "Você conversava só com ela... Comigo, limitava-se a brincar. Isso me magoava bastante, mas eu me consolava pensando que era porque eu estava sempre ao seu lado. Além do mais, Ernestina tinha mais idade do que eu. Sentimentos estranhos agitavam-me o coração..."

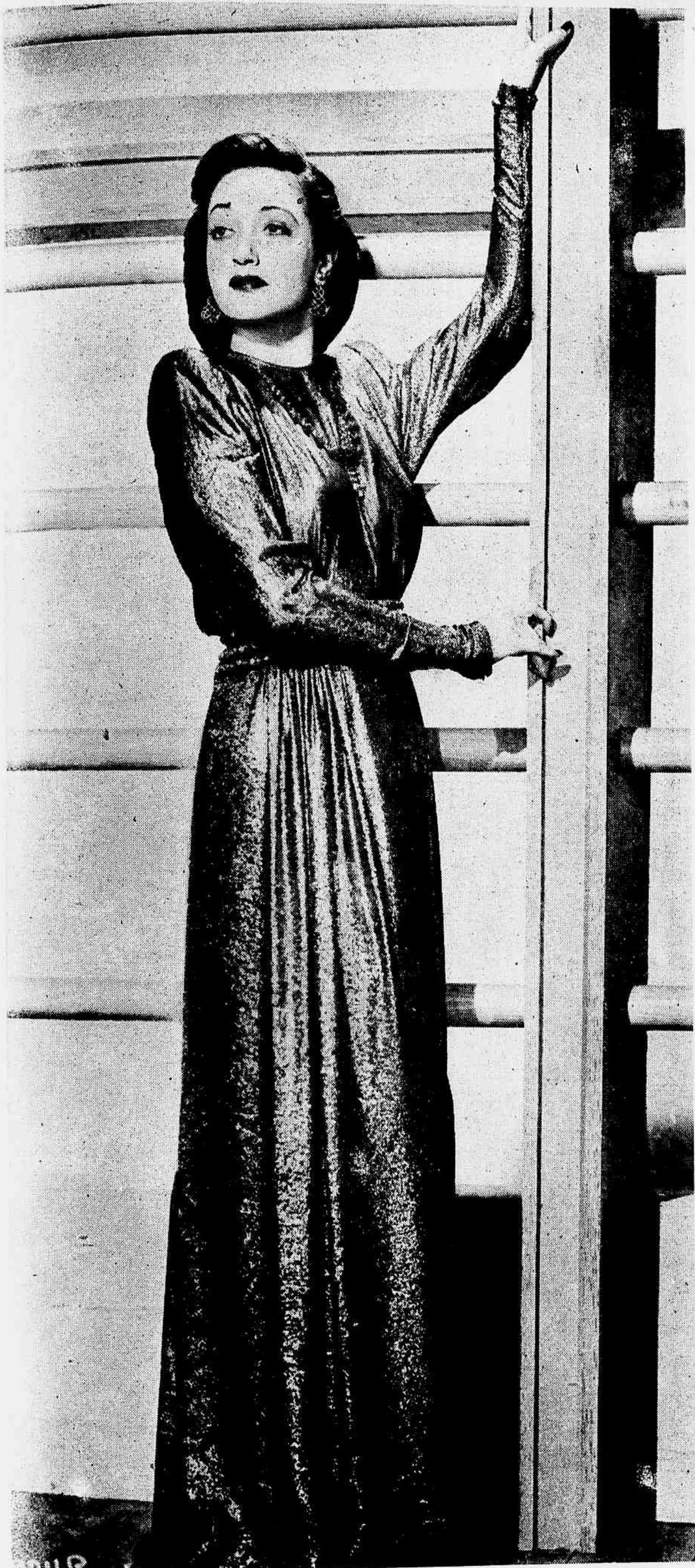
O caso com Ernestina, todavia, foi abruptamente encerrado. Schumann des-

(Continúa na página 51)



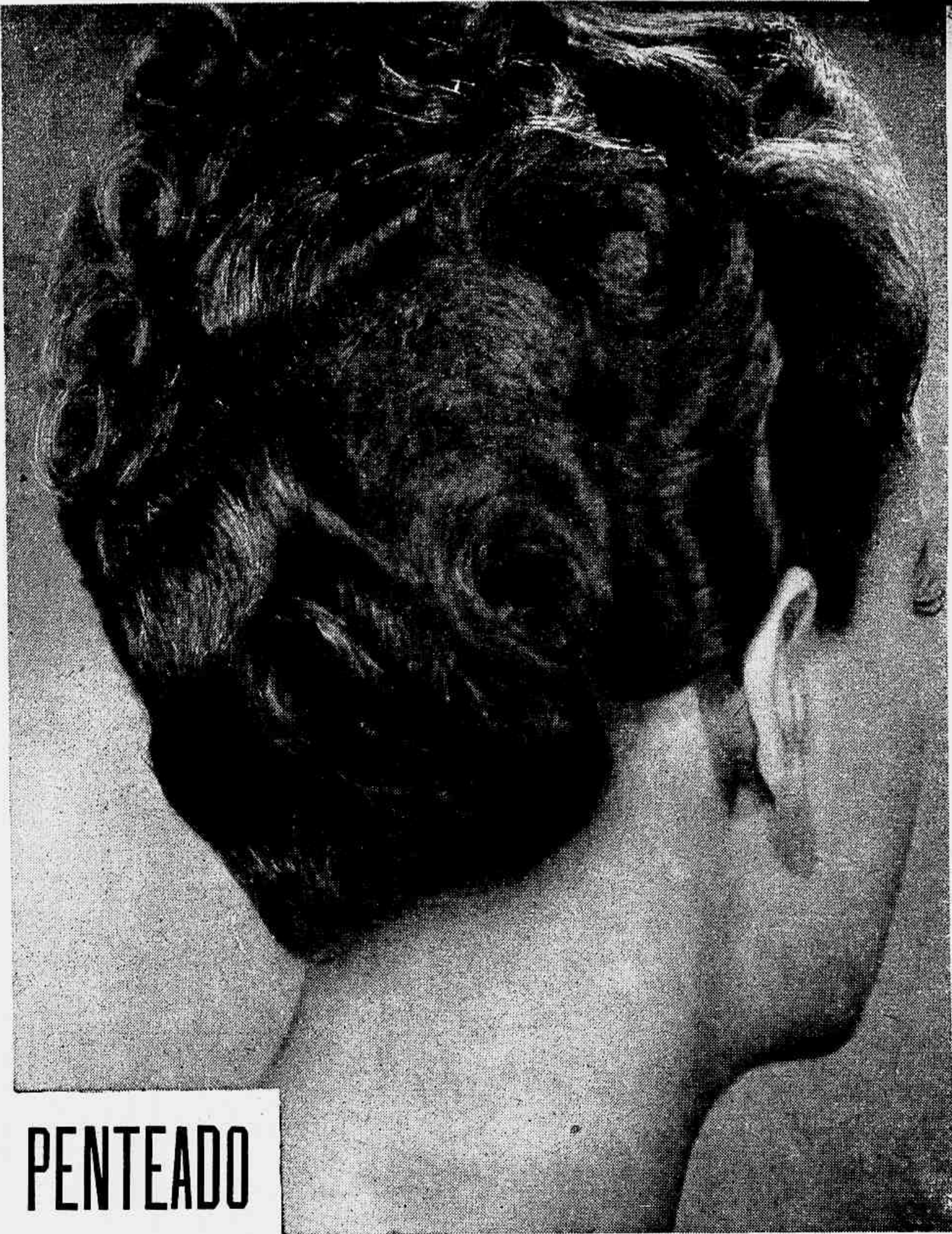
DO GUARDA-ROUPA DE

ESSA morena bem carioca e bem simpática que é Dorothy Lamour, inseparável companheira das confusões da dupla Bing-Hope, oferece às suas "fans" do Brasil, algumas sugestões elegantes, extraídas do seu guarda-roupa particular. Da esquerda para a direita: Casaco de lã branca, com transpasse e duas filas de botões grandes em tom vivo. Para as horas elegantes da tarde, Miss Lamour usa um "tailleur" preto, de muita



DOROTHY LAMOUR...

"linha". O casaco não tem botões, a gola é alta, e sobre o busto recortes da própria fazenda. Finalmente, para o jantar, Dorothy veste este deslumbrante modelo em lamê cor de chumbo, com drapeados na blusa e franzidos na saia. Edith Head, a figurinista da Paramount que criou todas estas maravilhas, é também a responsável pela beleza deste vestido de noite, executado em tafetá marion com fios de ouro.



UM LINDO PENTEADO

HELEN Turpin, cabeleira do studio da Warner Bros., creou, para a encantadora Arlene Dahl, este penteado para a noite, devéras maravilhoso. As nossas leitoras pôdem apreciá-lo em todos os seus detalhes, pois aqui o exibimos em todos os seus ângulos.





LORETTA YOUNG, a brilhante "estrela" da RKO Rádio, exhibe aqui um maravilhoso modelo para jantar, executado em brocado. É composto de longa saia, justa que se abre do joelho para baixo, e de uma jaqueta longa, justa até a cintura formando "godet" daí para baixo.



E POR FALAR EM "TRICOT"...



NESTA época de ano, rara é a pessoa que não esteja fazendo o seu "tricot"... Nos bondes, ônibus e até cinemas, aquelas agulhas compridas realizam verdadeiras obras de arte. "Sweaters" e casaquinhos vão surgindo, cada qual mais original. Vejam o que nos oferecem, no assunto, as mais graciosas figurinhas de Hollywood. Na página ao lado: Essa garota bonita que é Dorothy Malone da Warner Bros., usa um casaquinho de tricot branco, sobre uma blusa de seda listrada azul forte e branco. À direita ao alto: Vejam que amor! A sweater ou a garota? Ambas... ambas... Audrey Long, essa bonequinha da RKO Rádia, aparece nos com uma "sweater azul claro, com "pols" "bordeaux" na gola e nos punhos. Em baixo à esquerda: Você não pratica o ski, mas não pode negar que a "sweater" de Paula Drew, da Warner, seja uma belezinha. É em lã vermelha, com duas originais figuras em cores. À direita: Com uma saia de lã quadriculada, preto branco e verde, Ivone de Carlo, da Universal, usa uma "sweater" preta, em ponto de meia.





PARA VIAGEM

Si você vai viajar, aconselhamos este "tailleur" à esquerda, muito prático e elegante, executado em casemira quadriculada preto e branco. A gola é alta, lapela estreita, duas carreiras de botões que terminam na cintura. Notem o corte do casaco, abrindo da cintura para baixo.

Saia com profundo macho na frente. Sugestão de Joyce Reynolds da Warner Bros. Este outro modelo à direita, também muito interessante, nos é apresentado por Virginia Hunter linda "starlet" da Columbia.



A esquerda: Nancy Saunders, linda "estrela" da Columbia, apresenta este encantador modelo em lã branca ou creme, para as tardes frias e claras de inverno. Completando este interessante modelo. Uma "echarpe" em seda estampada, e bolsa em camurça azul-marinho. À direita: Glória Henry usa este modelo composto de saia de lã preta, blusa de talhe alto em seda verde, bolero também verde com enfeites de lã preta. Este modelo foi criado especialmente para jovens tipo "mignon"

PARA PASSEIO



A

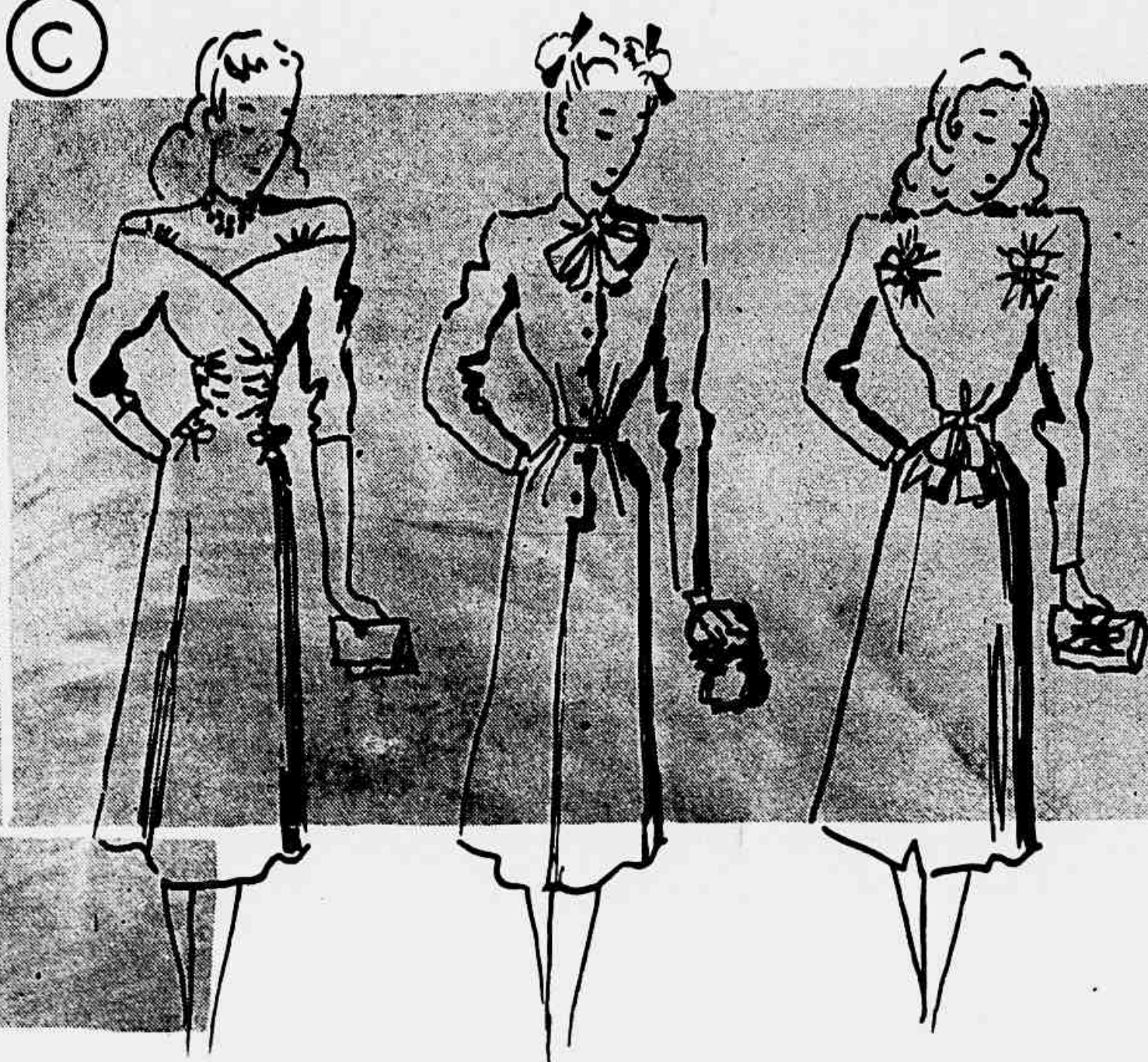


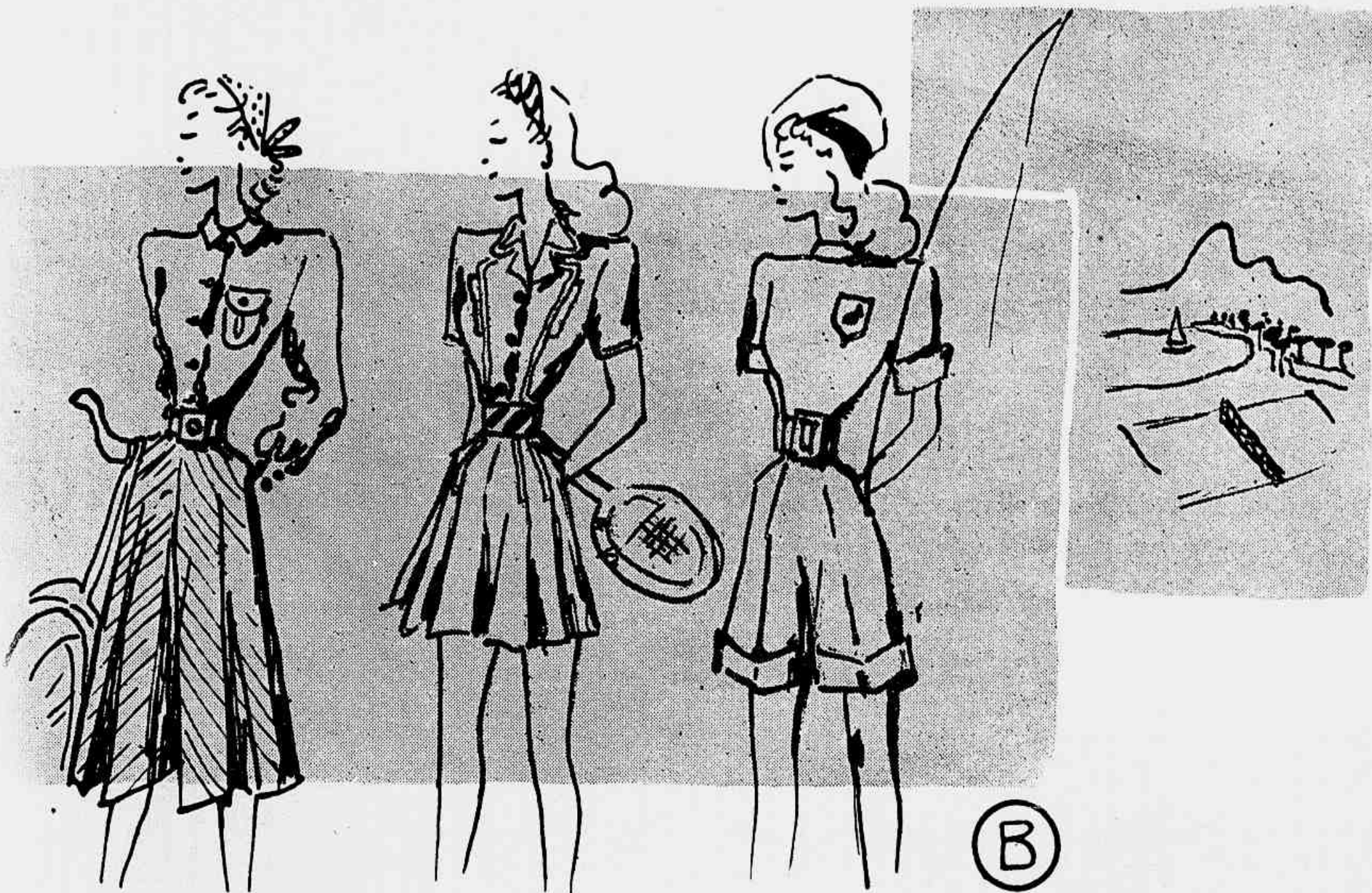
A VEZ DAS

A esquerda: Modelo esportivo, próprio para os dias frios, executado em lã belje com pespontos.

PARA O ESCRITÓRIO — Neste vestido de lã são interessantes os enfeites da gola das mangas e dos bolsos. Eles são feitos com franjas do próprio tecido. Pequeno modelo de "duas peças" muito prático, pela possibilidade que oferece de poder mudar de blusa. Celeste muito original, com pespontos.

C





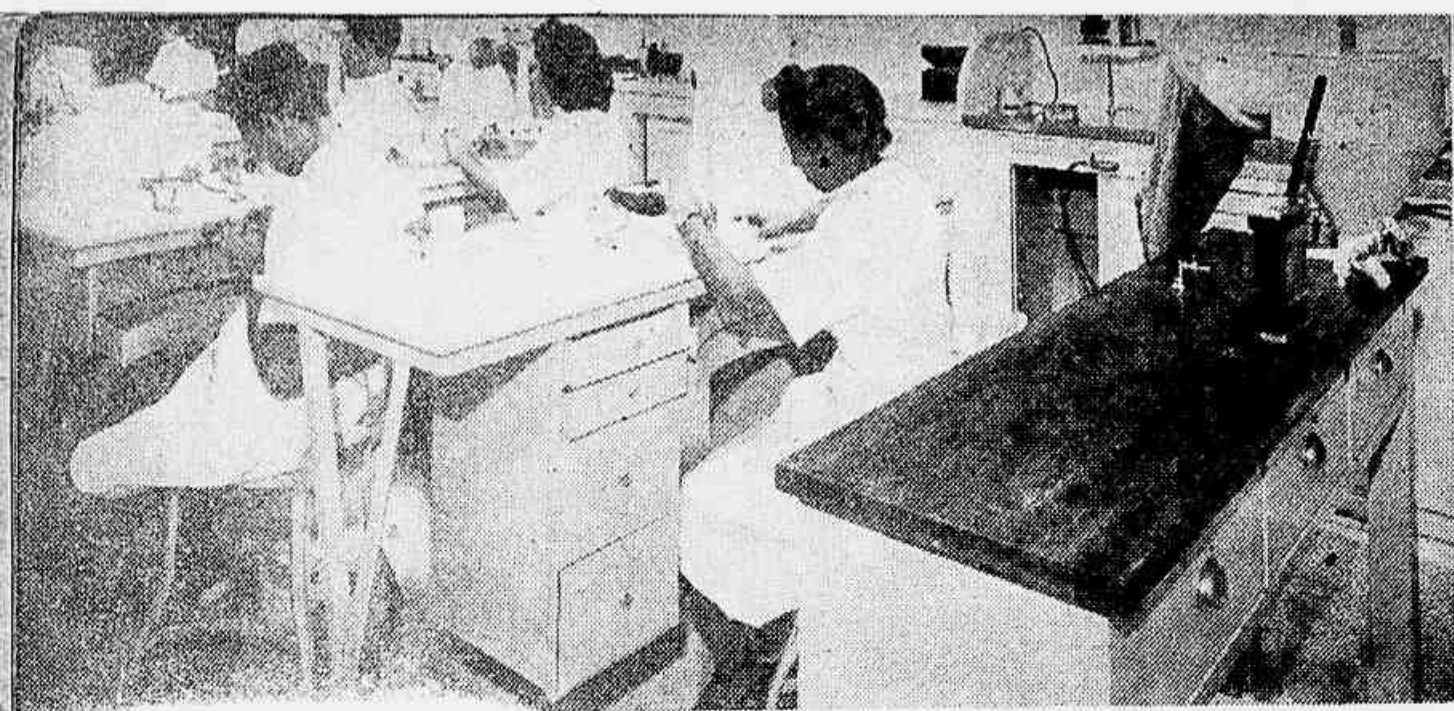
MOÇAS...

PARA O ESPORTE — Para o passeio de bicicleta, nada melhor do que a sala-calça de lã. Para o tênis, "short" de panamá de seda branco. Com "shorts" de gabardine, "sweater" de lã branca.

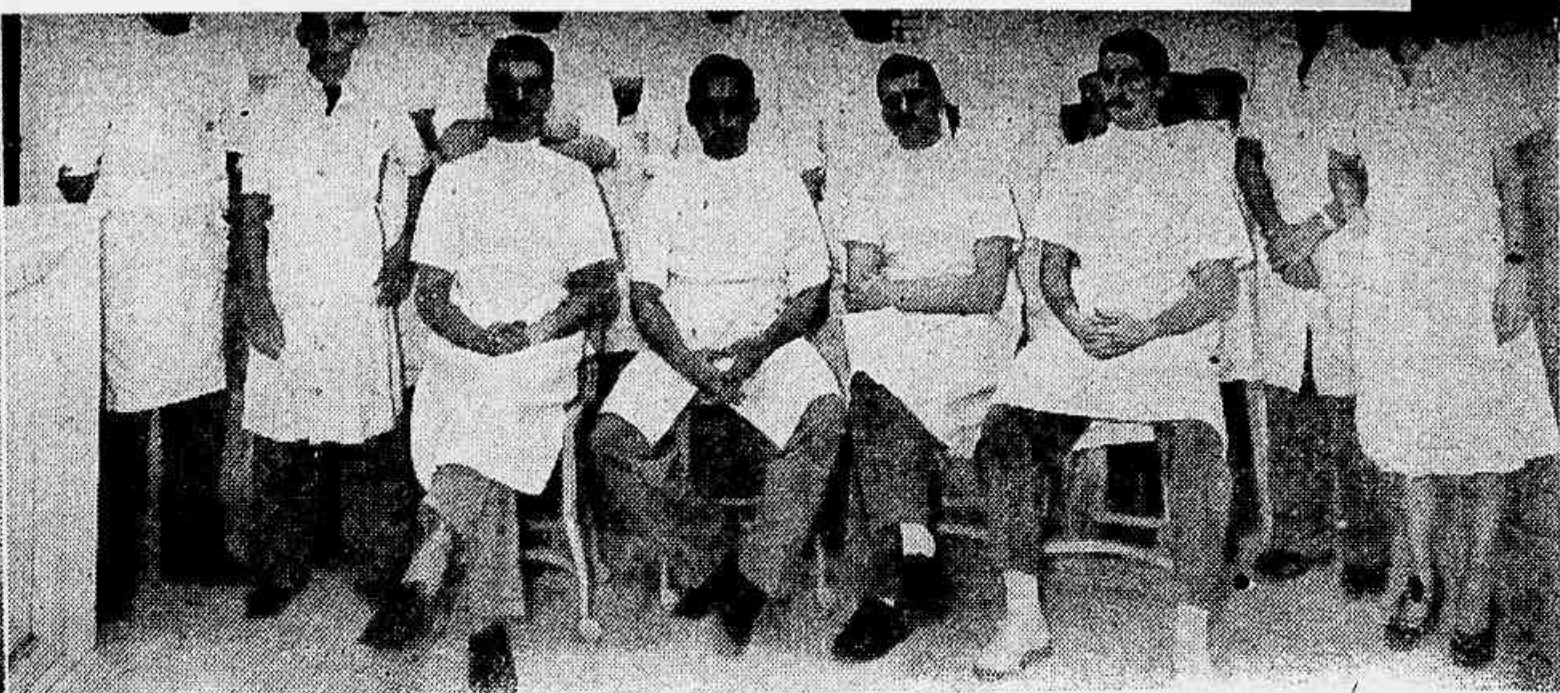
O TEATRO — Três vestidos de seda simples e elegantes.

O BAILE — Três vestidos de noite, juvenis e cheios de graça. A direita: Casaco simples, com gola e mangas enfeitadas de peles, cintura ajustada.





O departamento de trabalho fixos, móveis e porcelana fundida, durante o trabalho.



Grupo tirado na sala reservada para os aparelhos de Vitalium, vendo-se os diretores entre técnicos e auxiliares.

INAUGURADAS AS NOVAS INSTALAÇÕES DO LABORATÓRIO DE PRÓTESE DENTÁRIA LUGE LTDA, AS MAIS COMPLETAS DO GÊNERO

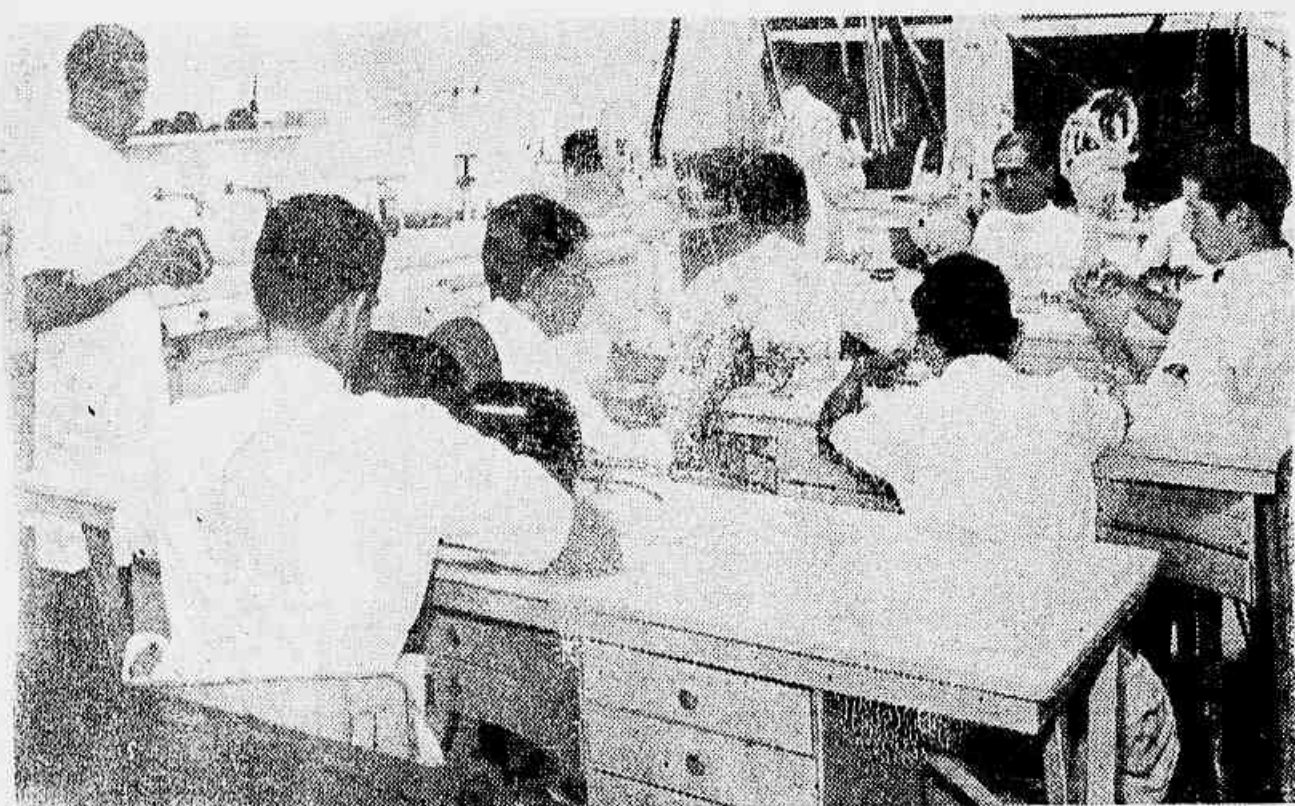
Realizado o sonho de dois hábeis profissionais, apresentando à sua clientela uma oficina à altura de seus conhecimentos técnicos

Revestiu-se de excepcional brilhantismo a apresentação à distinta classe odontológica e protética do Rio, das novas instalações do Laboratório de Prótese Dentária Luge Ltda., fruto do esforço e da tenacidade de dois hábeis profissionais, Sr. Luiz Corrêa e Dr. Geraldo de Sousa Teles, aliados à técnica e ao bom gosto do Sr. Manuel Passos, especialista em montagens.

As novas instalações inauguradas no 5.º pavimento do prédio número 3 da Rua da Quitanda, superam de muito a tudo o que existia até então no gênero, estando tudo ali previsto em seus mínimos detalhes, desde o aparelhamento novo e mais moderno ao conforto indispensável ao operário especializado para melhor produzir. De acordo com a mais moderna técnica industrial o Laboratório "Luge" acaba de introduzir no ramo da prótese, o sistema de departamentos especializados, o que garante a execução científica dos trabalhos e seu maior rendimento, podendo-se chamá-los de serviços para pronta entrega.

Levando em consideração as dificuldades com que lutam os dentistas do interior na execução de certos trabalhos de prótese, a organização "Luge", completou suas instalações com um departamento do interior encarregado de correspondência e remessa de trabalhos.

Usou da palavra no ato inaugural, o Sr. Manuel Passos que salientou as virtudes dos empreendedores da obra, fazendo, num feliz improviso, o retrospecto da luta que eles travaram, e que foi coroada de êxito, graças ao seu trabalho inteligente e tenaz. Em agradecimento, falou o Dr. Geraldo Teles, que ofereceu ao grande número de dentistas presentes os seus já conhecidos serviços técnicos e os de seu sócio Sr. Luiz Corrêa, aliados agora às eficientes instalações inauguradas, continuando sob o lema que sempre os inspirou: "cada dia melhor trabalho".



Uma vista das magnificas instalações do departamento de resina acrílica e montagem de dentaduras



Um flagrante do ato inaugural

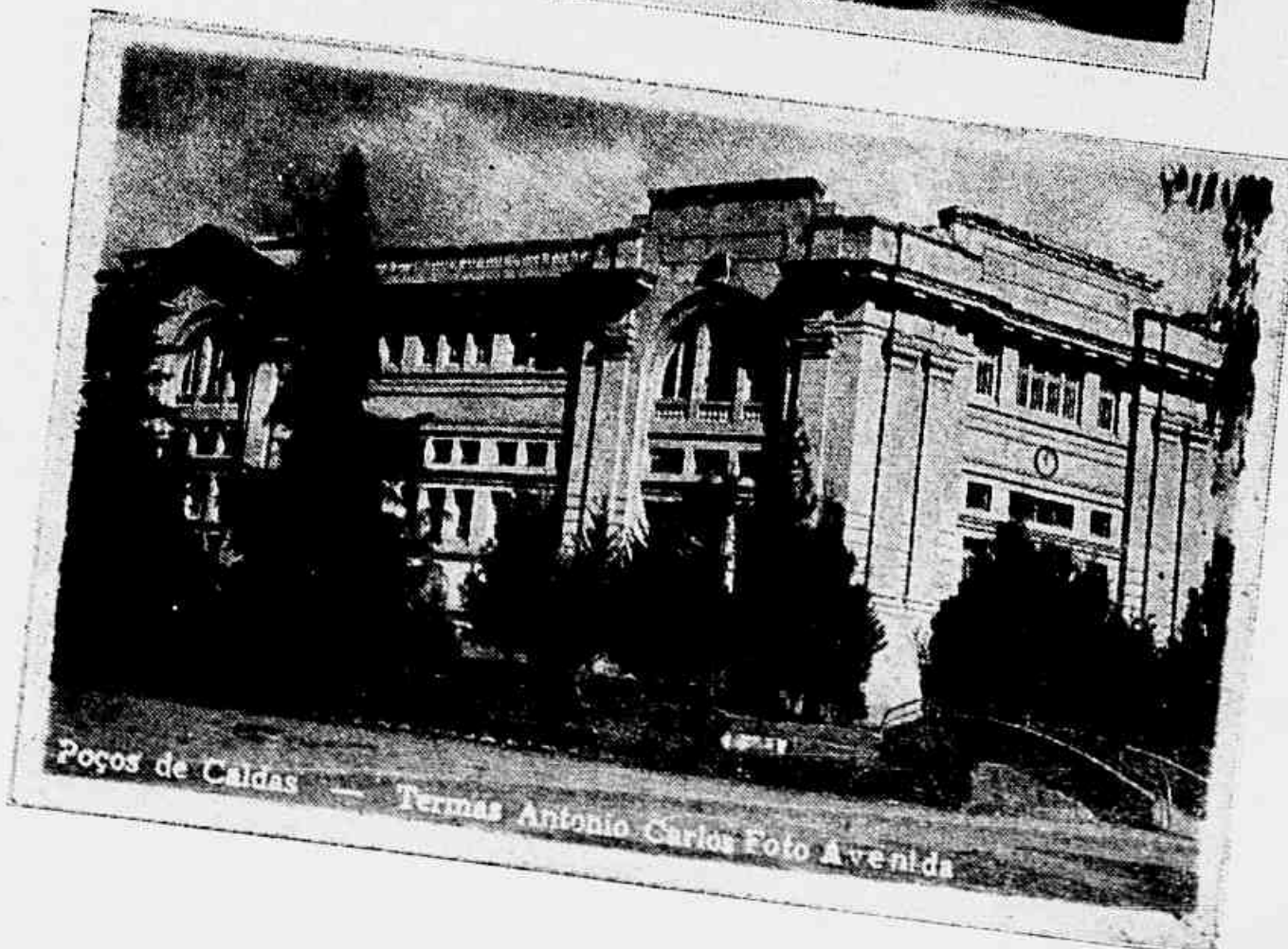
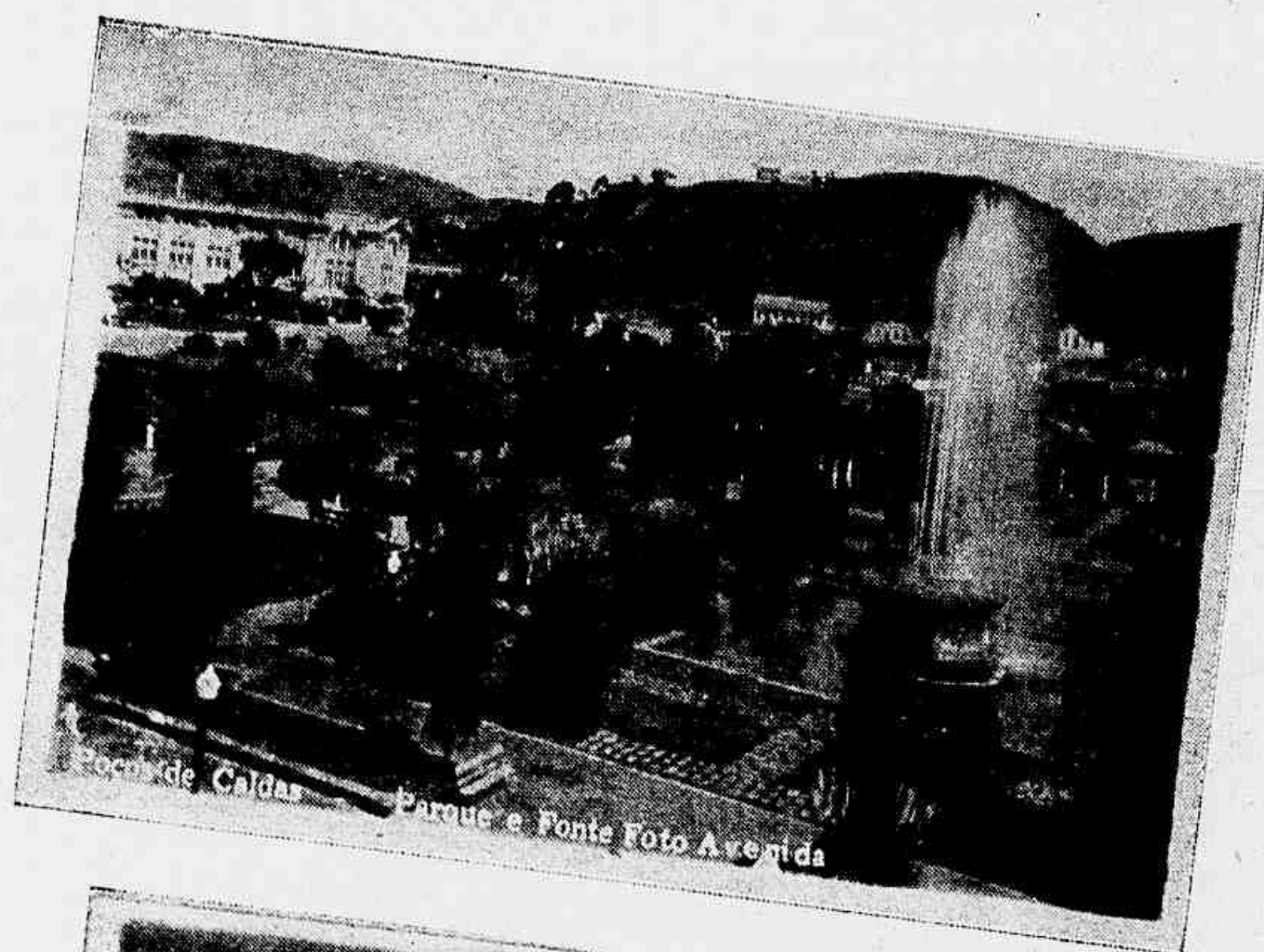


ESTÂNCIA DE POÇOS DE CALDAS ALEGRE EM TODOS OS DIAS DO MÊS E TODOS OS MESES DO ANO!

QUEM NÃO FOI A POÇOS DE CALDAS, AINDA NÃO CONHECE O BRASIL!

Os deliciosos banhos sulfurosos, que produzem verdadeiros milagres; os maravilhosos encantos dos jardins sempre floridos; os parques umbrosos; as deliciosas frutas dos arredores; os lindos passeios em recantos jamais sonhados; o inextinguível conforto de seus magníficos hotéis — tudo isso faz de Poços de Caldas um verdadeiro paraíso terrestre!

PALACE-HOTEL — Luxo! Conforto! Alegria!
ABERTO O ANO INTEIRO





Para cidade e passeio, um belo e agradável "ensemble"
"Anny Blatt".
Foto "Quatre et Trois" — Inter Americana.

PROCEDENTE da França, encontra-se no Rio, desde alguns dias, Madame Anny Blatt, a embaixatriz da "haute-couture" de Tricot, de Paris.

Madame Blatt, que é, não somente a criadora de fios e processos especiais para a confecção de tricot, como também a proprietária da maior casa de "haute-couture" de Tricot de Paris, veio ao Brasil com o propósito de estudar de perto as possibilidades das nossas fábricas têxteis, para a fabricação dos produtos em que se especializou.

Tanto a casa como os produtos de Madame Blatt são já famosos no mundo inteiro, particularmente nos Estados Unidos, Inglaterra, países da Europa Ocidental e África do Norte, e seu nome significa, para a sua numerosa e seleta clientela, "criações originais de Paris", com todo o prestígio que daí decorre. É que Madame Blatt criou a "haute-couture" de Tricot, ela fazendo uma verdadeira arte, um artigo de luxo, dando-lhe o "chic" parisiense enfim, elevando o tricot à categoria dos mais belos e originais tecidos.

Com o advento dos modelos de Madame Blatt o tricot que antes engrostava e se deformava facilmente, hoje não mais se altera, conservando, mesmo após longo uso, a forma e o encanto originais. E isso porque, sendo os modelos Anny Blatt confeccionados com o melhor material, e sendo a malha tratada adequadamente e montada pelo processo especial, exclusivo de Madame Blatt, suas produções são mais resistentes e sua duração muito mais longa. Além disso, Madame Blatt não expõe à venda sob sua responsabilidade senão lãs e outros tecidos preparados especialmente por ela própria após estudos cuidados que realiza em colaboração com os tecelões in-



Bonita jaqueta em lã mista e angorá cinza. "Pull-over" azul e vermelho.
Foto "Vie Heureuse" — Inter Americana.

A ENTREVISTA DE MADAME ANNY BLATT

"Chez Toi" vestido de lã tricotado à máquina. Muito elegante.
Foto "Quatre et Trois" — Inter Americana.



teressados. As matérias primas que utiliza são especialmente tingidas sob suas diretrizes, em coloridos e tonalidades por ela mesma escolhidos. Todas as suas criações são "pessoais", sendo as seguintes as qualidades principais dos modelos Anny Blatt: simplicidade de linhas, o "chic" de um corte irrepreensível, o acabamento perfeito de um trabalho genuinamente "haute-couture" de Paris; nas linhas esporte, de sua criação nenhuma severidade mas um belo detalhe no corte, uma diversidade feliz na disposição dos feitos do tricot, a arte dos coloridos e suas combinações.

A fim de melhor esclarecer o público quanto aos objetivos de sua viagem ao nosso país, e oferecer detalhes sobre as suas notáveis criações Madame Anny Blatt ofereceu no Copacabana Palace, onde se acha hospedada, um "cock tail" à imprensa, durante o qual promoveu um desfile de manequins ostentando os seus lindos modelos de tricot. A reportagem teve então ensejo de contemplar os mais deslumbrantes vestidos, em que sobressaem os formosos coloridos e a simplicidade de linhas, harmonizando com arte inextinguível, o prático e o elegante, desde o singelo modelo de passeio ao vestido "soirée", que constitui a mais alta novidade da arte parisiense de vestir e ao qual não se está habituado, por ser feito em tricot mas que, por isso mesmo, surpreende e agrada ainda mais.

Madame Blatt, que a todos encantou com a gentileza e fidelidade de seu trato e o brilho de seu espírito, respondeu, amavelmente, à numerosas perguntas de que a crivou a curiosidade dos circunstantes fornecendo, com solícitude minuciosa particularidades sobre sua encantadora arte.

"Chez Soi" — Dois encantadores modelos de tricot à mão.
Foto "Quatre et Trois" — Inter Americana.



O MATADOR DE MOSCAS



A 3 moscas foram sempre o seu maior tormento. Aos domingos ensolarados, logo após o almoço (domingo era dia certo de macarronada, comida substanciosa), deitava-se na cama de solteiro que havia na dispensa. A cama de casal era bem melhor, mais macia. Pela janela aberta para o quintal entrava um pouco de ar fresco. Ali na dispensa fazia muito calor, e além disso, havia as terríveis moscas em número considerável. Também não havia janela aberta para o quintal. Agora a porta que ficaria semi-cerrada, havia apenas uma pequena claraboia no alto da parede.

Bem que esteve à porta do quarto, olhando a cama de casal. Era domingo. A mulher pusera a sua melhor colcha (do casamento), colcha de sêda côr de ouro, bem esticada por cima do lençol de algodão alvejado. "Não me desarrume a cama. Se quiser deitar-se, vá na dispensa". Desde que se casara, há doze anos passados, já ouvira essas mesmas palavras milhares de vezes. "Não amasse a colcha".

De quando em quando teimava. A cama era macia e havia a janela aberta para o quintal. Que diabo. Era o chefe da família. Tinha os seus direitos. "Olha a colcha"! Lá vinha a mulher, raivosa, arrastando suas chinelas, e desforrava metade da cama. "Você parece criança. Não pôde ver as cousas arrumadas. Bonito se entrar agora uma visita e encontrar a casa desarranjada". Tinha em grande conta a sua reputação de dona de casa. "Dona Amélia é muito asseada. A casa dela está sempre limpa e arrumadinha". O marido de Dona Amélia vivia num cortado louco. Não podia deixar cair no mosaico uma cinza de cigarro ao menos.

Praxedes é que não estava para isso. Tanta exigência assim era demais. Naquele domingo, entretanto, foi deitar-se na caminha de solteiro mesmo e não conseguiu pregar os olhos. As moscas vinham pousar na sua testa, na boca (cousa nojenta), fazer cocegas na ponta do nariz, correr nas extremidades dos dedos das mãos e dos pés, zunir nos seus ouvidos. Causa horrível.

Levantou-se azedo, atirando olhares indignados para a mulher. "No quarto de dormir não há moscas assim".

A mania de matar moscas não lhe veio, porém, dessa impossibilidade de fazer a sesta aos domingos. Antes de adquirir o hábito, não gostava de ter o mais leve contacto com esses bichos. Bastava que uma delas pousasse na borda de seu prato para que ele interrompesse a refeição. Sentava-se à mesa com um guardanapo em punho e não admitia que elas se aproximassem.

Uma tarde, casualmente, lhe veio parar às mãos um fio de

borracha. Estava sentado numa cadeira de balanço, no pequeno hall da casa. Suas duas filhas maiores brincavam ali perto, trazendo nos braços, como pulseiras, algumas argolas finas, de borracha que os garotos do vizinho, filhos do caixa de um Banco, lhes davam constantemente.

Olhando aquelas pulseiras, próprias para emagrecer notas nos Bancos milionários, pensou nas caixas-fortes atulhadas de dinheiro. "Achar um desses pacotes, caído ao pé de uma sargeja, seria uma mão-na-roda. O diabo é que ninguém perde dinheiro assim facilmente". Precisava fazer mais um terno de roupa (no mínimo), substituir suas camisas com os colarinhos já poidos e virados, os sapatos com duas meia-sólas...

— Papai, abotoa meu vestido...

Ficou-lhe em cima das pernas uma daquelas argolas que enfeitavam os braços da filha. Pensando ainda nas suas dificuldades financeiras, pegou da borracha, distraidamente, distendeu-a entre os dedos, e um estalo seco rompeu o círculo. Apanhando o fio, segurou das suas extremidades e pôs-se a brincar com ele. Na parede ao lado, de quando em vez, sentava-se uma mosca.

Cautelosamente, tomou posição na cadeira. Mexia-se com cuidado para não espantar o bichinho. Em posição correta de ataque, prendeu as extremidades da borracha por entre os dedos indicadores e polegares de ambas as mãos, distendeu o fio elástico, fechou o olho esquerdo e corrigiu a pontaria com o direito. Não era mais um pobre borracha que tinha entre os dedos. Era um belo fusil. Não. Não era fusil. Aquilo era uma flexa.

Soltou uma das extremidades do fio distendido e a mosca saltou lá longe, sem vida. Gostou da brincadeira. Procurou logo outras vítimas para sua arma improvisada e assassina. Em breve eram dezenas de moscas mortas pelo chão. As meninas abandonaram as suas ocupações infantis e vieram em auxílio do pai.

— Olha uma ali, papai!

As crianças faziam cerco, tocando as moscas para perto do pai. Praxedes estava em guerra declarada contra as moscas.

Quando menino, vira certos colegas de grupo escolar deixarem os livros abertos sobre os joelhos, estudando sem vontade, numa longa e angustiosa espera de alguma mosca solitária! Se ela pousasse por cima das páginas, o livro era fechado violentamente, esmagando o animalzinho. Estava tirada a "sorte". O sangue da mosca esmagada configurava cousas estranhas.

Os inimigos escasseavam. Fugiam do feroz guerreiro. Praxe-

des lavanta-se e vai para a cozinha, empunhando a arma terrível.

— Sai daí, Praxedes. Deixa de porcaria. Vai jogar mosca dentro da panela.

Praxedes estava entusiasmado. Cousa estranha. Antes não podia ver as moscas sem sentir-se enojado. Agora desejava-as ao seu alcance. Adquirira a mania de matar moscas. Era um gozo para ele vê-las atiradas violentamente para o ar e cair mortas no chão.

Selecionou clásticos, trazendo sempre nos bolsos uma certa provisão deles. E onde quer que se encontrasse, tendo oportunidade, empunhava a arma infalível.

Na própria Repartição em que trabalhava, já fora surpreendido por diversas vezes interrompendo o seu serviço para matar moscas. Saía pisando macio, negaciando, respiração suspensa, braços encurvados como se levassem um fuzil ao peito, em posição de ataque. Por entre os dedos trazia o fio assassino.

O chefe da Seção o vira um dia assim.

— Está praticando para louco?

Os colegas já o olhavam com certo receio e cochichavam pelos cantos. "Coitado! O que será que foi?". "Está ficando mesmo louco".

Em casa, o matador de moscas rebuscava os cantos, esgueirava-se pelas paredes, debrucava-se por cima dos moveis, à cata de inimigos. Na dispensa, outrora cheia de moscas, raramente as encontrava agora. Na cozinha sempre havia algumas. A mulher, entretanto, não o admitia ali!

— Vai embora daqui com sua porcaria!

Naquele mesmo hall em que iniciara na prática de exterminar os bichinhos, cavara a sua ruína. Sentado, como de costume, na sua cadeira de vime, pernas cruzadas, viu sentar-se no bico da sua chinela de couro "uma bandida" de tamanho avantajado. Tirou do bolso do pijama o fio elástico e preparou-se para o ataque. Como se tratasse duma mosca presumivelmente bem alimentada, a julgar pelo seu tamanho, capricharia na pontaria. Com certeza que seria chefe de um bando qualquer. Seu porte impunha respeito às outras.

Mosca igual a essa vira uma vez apenas, na casa de Dona Josefa, onde fora certa vez com sua mulher pagar uma visita. O animalesco passeava impunemente pelas bordas do sapato da visitada. Praxedes não tinha ouvidos para o que falava na sala. Mexia-se inquieto na cadeira, olhos guardados no pé de Dona Josefa (esta até pensaria cousas a seu respeito, vendo-o

(Continúa na pág. 51)



Conto de **CECILIO ROCHA**
ZAGORSKA —

Premiado no Concurso Permanente de

"REVISTA DA SEMANA"



Ilustração de **ANA**



Depois dos folgedos, alimentos sadios!

Sopas, cremes, carnes, vegetais e deliciosas sobremesas resultam um maior valor nutritivo quando preparados com "MAIZENA DURYEA", o alimento preferido pelo seu sabor e digestibilidade.

MAIZENA DURYEA

MARCAS REGISTRADAS



Crise de Modêlos

(Continuação da pág. 9)

nossa curiosidade, mostrando-nos trabalhos em conchas, madreperola, galalite, barro, metal, aço. Chamou nossa atenção para a parte mais interessante da gravura, que é a que se faz em pedras preciosas e semi-preciosas. A amabilidade de D. Dinorah fez-nos esquecer a rotina das perguntas e respostas e em pouco estávamos conversando animadamente. O modelo aproveitava essa ligeira pausa no trabalho para destorcer o pescoço. Aproximamo-nos para pedir suas impressões e, contado com muita espontaneidade, ouvimos o seguinte:

— Por questões íntimas sai de casa aos 14 anos. Aos 16 já era modelo da Escola e aqui trabalho há dez anos. Agora estudo numa Escola de comércio, pois quero ter uma profissão que me garanta no futuro.

— Que nos diz de sua atual profissão? — perguntamos.

— Tenho prazer em servir aos artistas. Admiro a arte. Mas, ser modelo não é profissão com que se possa contar. Durante as férias não recebemos remuneração de espécie alguma. A profissão não é regulamentada e não goza da proteção dispensada às outras atividades. Quanto aos alunos, eles cansam-se, e têm toda razão, de estar trabalhando sempre com os mesmos modelos.

Faltavam ainda 30 minutos para terminar as aulas da parte da manhã. Aproveitamos esse tempo para dar uma fugida até a sala de escultura.

MODELO DE ESCULTURA

Pedimos licença ao professor Samuel Ribeiro, para acompanhar o trabalho que suas alunas realizavam. Estavam modelando no barro uma figura de mulher. O modelo, quando viu o fotógrafo, se recusou a continuar, a pose e disse-nos:

— Sou modelo da Escola há 5 anos. Não tenho desprezo pela profissão, que é útil e sem a qual o artista não poderia realizar o seu trabalho, mas sei que o público, de um modo geral, não pensa do mesmo modo...

A aula está terminada. Os alunos cobrem o barro com panos úmidos para impedir o seu ressecamento quando no dia seguinte tiverem que prosseguir o trabalho.

O fotógrafo bateu algumas chapas e, convidados pelo sr. Heitor Filho, voltamos à Secretaria.

Se outros compromissos não nos reclamassem seríamos capazes de ficar por longo tempo ainda na companhia dos alunos e professores da E. N. B. A., mas a hora já ia adiantada e por isso fizemos apenas uma última pergunta:

— Porque é muito superior a frequência feminina às aulas que visitamos? E' que os rapazes preferem, o curso de arquitetura que o habilita a uma profissão prática e rendosa, — foi a resposta.

... E, mais tarde, enquanto esperávamos o almoço e lhamos os jornais do dia chegamos a conclusão que o ordenado que ganha um modelo da E. N. B. A. não dá nem para se morrer intoxicado em um restaurante de segunda classe nesta maravilhosa cidade de São Sebastião do Rio de Janeiro.

O INICIO DA PROPAGANDA.

(Continuação da pág. 33)

rar fez-lhe doer fortemente o lugar que o caustico havia queimado. Uma expressão de sofrimento vincou-lhe a fisionomia.

Os dois oficiais ajeitaram-no cuidadosamente no leito de enfermo e retiraram-se convencidos de que haviam dado um grande passo para a realização da República.

Fura ilusão de moços apaixonados. Até aquele momento Deodoro era um servidor do trono. Continuava a ter respeito pelas instituições monárquicas e profunda veneração pela pessoa de Pedro II. Até aquele momento continuava a ter da República o juízo que, um ano antes (setembro de 88), expendera, em carta, ao seu sobrinho Clodoaldo: — "República no Brasil e desgraça completa é a mesma coisa".

Muito pôde o entusiasmo dos moços! A conspiração republicana começou imediatamente. E começou firmada paradoxalmente no prestígio de um velho soldado que fora e era um leal defensor das idéias monárquicas.

Estreia do ballet da juventude

(Continuação da pág. 18)

programa e nome de uma profissão antiquíssima, universal e indecorosa...

Há, porém, alguns trechos vigorosos, em que reponta a força expressiva do talento de Schwesoff, em acentos dramáticos inconfundíveis. E tudo seria aceito como uma obra que não desmerece o seu autor se não se verificasse um irremediável equívoco a respeito de esquinas. O cenário, o guarda-roupa e a coreografia apontam, em contraste flagrante com a musica, uma esquina que não se situa no Brasil e sim em Paris... O nosso malandro veste trajes de apache e tem gestos de apache. As próprias "Mulheres do Bar", em seus menções deliberadamente sensuais, assemelham-se mais ao equivalente francês do que à versão nacional das "transviadas", para usar um termo de acordo com o espírito do bailado que é composto de alguns dos mais sólidos lugares comuns em matéria de símbolos do Bem e do Mal...

A interpretação, contudo, foi excelente. Berta Romanova, Wilson Morelli, Adelino Palomanos, Tamara Capellar, Holland Stoudenmire, todos estavam perfeitamente integrados em seus papéis e exprimiram como puderam a concepção um tanto confusa de Schwesoff.

SONATA AO LUAR

A Sonata ao Luar, já conhecida, na versão coreográfica de Schwesoff, constituiu o ultimo número do espetáculo de estreia do Ballet da Juventude. Mais à vontade do que nas Valsas da Esquina, ele construiu, com vigor dramático, um episódio coreográfico imbuido de autêntico espírito romântico. Ainda que a orquestra, deficientíssima, prejudicasse bastante, foi possível discernir o lirismo envolvente do primeiro movimento — o adágio — os contrastes do segundo tempo e a força esmagadora do terceiro. Edith Pudelko repetiu a sua criação de anos atrás, no Municipal, com bastante felicidade. Muito à vontade na pantomima, encarnou a Mulher com segurança.

Schwesoff, bastante discreto, deixou que Arthur Ferreira e Wilson Morelli, se destacassem, no Jovem e no Outro.

ANEL "ZODAICO"

É uma dádiva inesquecível e de duplo valor.

Registrado e garantido por Lei. Com Signo, Planeta e Pedra do mês de nascimento, de ouro maciço 18 quilates e platina com pedra fina ou brilhante desde Cr\$ 950,00. De prata com ouro de 18 quilates e pedra fina desde Cr\$ 115,00. Remetemos para o interior pelo Reembolso Postal

STANDARD CR\$ 115,00

FEDERAL CR\$ 165,00

INCA CR\$ 285,00

AMERICA CR\$ 150,00

CAPITAL CR\$ 265,00

BRASIL CR\$ 300,00

Peca o que quiser em Jóias e Relógios de lei. Dirija-se à Organização Comercial e Fábrica de Jóias "AZTECA"

Pecam catálogos: RUA REGENTE FELÍX, 18 - RJ

SOFRE DO FIGADO?

TOME

BIO-HEPAX

produto do laboratório da GUARAMIDINA



Em São Paulo...

é sempre agradável uma visita aos Maiores Estabelecimentos de Modas do Brasil

Casa Anglo-Brasileira

Sucessora de Mappin Stores

Pr. Ramos de Azevedo, 131

AS MOÇINHAS E AS SENHORAS NA IDADE CRÍTICA

DUAS FASES DIFERENTES MAS IMPORTANTES NA VIDA DAS MULHERES

Não deve e não pode passar despercebida aos pais a fase compreendida entre os 13 e os 16 anos por que passam suas filhas quando se tornam verdadeiras mulheres. Nesse período, quando o fluxo menstrual começa a aparecer, são comuns as perturbações que fazem para as jovens uma série de grandes sofrimentos físicos e morais. Essas perturbações resultam do equilíbrio orgânico próprio da idade e se manifestam pela falta, diminuição ou atraso das regras. Consequentemente, sem perda de tempo, o Regulador Xavier N.º 2 é dever de todos os pais que amam as suas filhas e que não querem vê-las doentes, tristes e o que é pior, atacadas por moléstias que, por terem sido negligenciadas, se tornam crônicas e incuráveis.

As moças, sem meios perigosos, são os males que geralmente afligem a mulher na idade crítica — as doenças ou menos — e que, mal tratadas ou tratadas por remédios indicazes, lhe acarretam sofrimentos e perturbações que essa idade crítica se lhe transforma em verdadeira idade dolorosa. Entretanto tais males, se em geral, se manifestam pela abundância ou regularidade das regras e pelas hemorragias, encontram remédio fácil e de absoluta eficácia no Regulador Xavier N.º 2.

O Regulador Xavier, usado em seu número adequado, dá às moças e às senhoras na idade crítica o bem estar e a saúde indispensáveis para as labutas das alegrias da vida.

CIÊNCIA E MEDICINA

O VALOR CURATIVO DO SANGUE NA BELEZA E ESTÉTICA FEMININA

DR. A. OLIVEIRA

Não existe dúvida de que as injeções do próprio sangue são de grande valor científico. Na abalizada opinião do sábio alemão Prof. Esthal, "o sangue defibrinado e irradiado, aumenta a força de defesa do organismo doente com indicações nas doenças nervosas, da pele, rejuvenescimento e outras doenças, por vezes, resistentes aos processos até agora empregados". Na Itália, o Prof. Boschi, na Rússia, o Prof. Podvissotri, na Suíça, o Dr. Artauld, em Paris, o Prof. Odin e diversos outros cientistas tais como Haenel, Pizzillo Romeis, Filatov, etc., encontraram nas injeções do próprio sangue o método excelente para a cura da obesidade, equilíbrio das glândulas internas, algumas formas de reumatismos, diabetes, hipertensão arterial, etc.

No que respeita ao envelhecimento precoce tais fisiólogos chegam mesmo a afirmar que "a velhice do organismo tem o seu início no tecido conjuntivo" ao que a ciência russa afirma que "o organismo humano tem a idade do conjuntivo e que a estimulação das funções dos diversos sistemas e aparelhos, graças ao emprego do próprio sangue, aumenta o teor dos anticorpos e reforça, portanto, a revitalização contra as doenças".

Diversas técnicas existem na preparação das injeções em aprêço e o sucesso das mesmas depende do critério adotado. Entre nós, alguns profissionais já estão virtualmente usando as injeções de sangue e, notório é asinalar que a tendência futura dos nossos clínicos é a de buscar no sangue dos enfermos os elementos curativos das enfermidades enunciadas e de outras ainda não estudadas.

Acompanhando o serviço do Dr. Almeida, cujo clínica acha-se provisoriamente, instalada à R. Bento Lisboa, 24, enquanto organiza o seu instituto de hemoterapia, tive oportunidade de observar a técnica usada pelo ilustre profissional e também o elevado número de pacientes tratados, curados e melhorados pelas injeções do próprio sangue. O método do Dr. Almeida é bem interessante, porque, além de aproveitar os elementos necessários contidos no sangue, conforme a natureza da cada caso, faz a mistura do complexo hormonal puriglandular sintético, veiculando-os no sangue venoso retirado em cada injeção.

Em face da estética feminina, as injeções são de maior eficiência do que no homem, fazendo crer que a vantagem para o belo-sexo é proveniente da existência folicular, maior quantidade de lecitina e a constante modificação que se processa no mecanismo hormonal.

O matador de moscas

(Continuação da pág. 49)

olhar com insistência para o seu pé).

— Está falando com você. Praxedes!

— Hein?!

O homem seguia a mosca. Voou do pé de Dona Josefa para o espaldar de uma cadeira vaga. Amassou o fio elástico dentro do bolso. "Se eu pedisse licença para eliminar esse "perigo"? Luciana falaria o mês inteiro. Um despropósito. Uma desconsideração para a Dona da casa. Uma falta de vergonha".

— Bem, Dona Josefa. Até outro dia. Apareça por lá.

— Lembranças para as criancinhas...

Antes de abandonarem a sala, o "guerreiro", do limiar da porta, atirou ainda um último olhar em busca da mosca agora desaparecida.

— Esse homem não anda bom da cabeça.

Agora ali estava, na ponta da sua chinela, a "mosca de Dona Josefa". Não podia perder a oportunidade nem falhar no ataque. Esticou o fio, caprichou na pontaria, e quando ia dar o golpe a borracha arreventa, vindo o pedaço preso à mão direita atingir a menina do olho também direito. Foi como uma agulha longa e fina entrando pelo crânio a dentro. Gemeu surda-

mente, comprimiu com os dedos o olho atingido e foi logo atrás da mulher.

— Luciana, você tem colírio aí?

— Não. O que foi que aconteceu?

— Machuquei meu olho.

— Vou ver um remédio na vizinha.

Praxedes deitou-se na cama larga de casal e esperou. Milhões de moscas zuniam nos seus ouvidos, batiam azas em redor da sua cabeça. Porque essas moscas não pousavam no seu rosto, não entravam pelo nariz, pelos ouvidos? Que mosca, que nada. Era a dôr que aumentava.

Luciana abriu-lhe as pálpebras e pingou no olho machucado umas gotas de um remédio qualquer. Não tendo melhora alguma, procurou um médico. Diariamente ia ao consultório do especialista fazer o curativo, numa sala estreita, com as paredes recobertas de pano preto e francamente iluminada por uma pequena lâmpada vermelha. Muitos dias andou com o olho tapado com um pano preto. O médico recomendara insistentemente que não mexesse naquele pano. Quando o retiraram é que ficou sabendo que havia perdido uma vista. Galo cego. Agora usa óculos escuros para esconder o aleijão. Uma dúvida, porém, remoe o seu espírito — foi o médico ou o elástico o causador da cegueira?

A vida de Schumann

(Continuação da pág. 34)

cobriu haver-se enganado no respeitante à linhagem da rapariga, que não era senão a filha ilegítima do barão von Fricken. E o mais importante é que Schumann verificara que ela, por direito não herdaria quase nada. Robert não se agradava de retratos de carne, a não ser que trouxessem consigo uma moldura de ouro.

Cêdo ou tarde era inevitável que ele se voltasse para Clara, cuja beleza adolescente então desabrochava, e que de longe continuava a adorá-lo. "Não há ninguém de quem eu goste tanto como Robert", confessava ela a uma amiga, "e ele, até agora, nem sequer olhou direito para mim". Mas Clara se enganara. Robert olhara para ela e vira, de improviso, uma coisa totalmente nova. "Eu a vi pela primeira vez. Você parecia mais alta e mais estranha. Já não era uma criança com a qual eu teria gostado de folgar e

Nem se pergunta*



Só uso Kolynos!
diz
Barbara Bates

que aparece em "THE FABULOUS JOE" de Hal-Roach
distribuido pela United Artists

... porque Kolynos embeleza o sorriso; porque a abundante espuma penetra profundamente, limpa os dentes, suaviza o hálito e deixa na boca uma incomparável sensação de saúde e frescor. Basta um centímetro de Kolynos, sobre a escova seca. As mulheres mais admiradas pelo seu sorriso sabem que Kolynos...

limpa mais... agrada mais... rende mais!



Para sorrir como artista,
mostrando dentes divinos...
não se esqueça do dentista,
nem se esqueça de Kolynos!



* Faça como eu:

Use Kolynos duas vezes por dia

"Para Fiar e Tecer o Melhor Linho..."

Embarcaram os Huguenotes para a Irlanda...



COUBE ao linho grande importância em um dos maiores movimentos migratórios da história. Em 1698, o huguenote Grommelin aceitou o convite de Guilherme III no sentido de trazer os seus tecelões holandeses e flamengos para a Irlanda afim de "Fiar e tecer o Melhor Linho". A caravana de Grommelin estabeleceu-se em Lisburn, aí fundando um dos maiores centros produtores de linho do Norte da Irlanda.

A princípio uma indústria doméstica, o linho, com o advento do vapor e da eletricidade, transformou-se em uma indústria de âmbito mundial. As tradições de perfeição transferidas de geração à geração sempre foram a mais preciosa herança do Irish Linen Guild. "Alvo como Linho Irlandês" é hoje em dia um sinônimo de qualidade em todo o mundo, e outra razão porque dizemos com toda sinceridade



Exija Linho Irlandês!

The Irish Linen Guild.
BELFAST

de rir... Falava com muita sensatez e percebi nos seus olhos uma cintilação profunda e secreta de amor".

Nesta conjuntura, porém, interveio o pai de Clara, que desejava conservar a filha solteira. O casamento lhe comprometeria a carreira musical. E que espécie de futuro poderia oferecer-lhe esse compositor pobre e sem rumo? Mandou Clara para fóra de Leipzig e proibiu quaisquer comunicações ulteriores entre os namorados. Quando descobriu que, a despeito das suas ordens, Schumann achara meio de encontrar-se secretamente com ela, enviou ao rapaz uma carta inultuosa. A correspondência de Clara foi rigorosamente censurada e todos os seus passos vigiados. "Os meus astros estão em grande confusão", disse Schumann aos companheiros. "As coisas chegaram a tal ponto que, ou nunca mais conseguirei falar de novo com Clara, ou ela terá de ser inteiramente minha". Herr Wieck, mais do que nunca, estava decidido a conservar afastados os dois jovens. Ameaçou matar Schumann se este último continuasse a "perseguir" Clara. Perplexo e humilhado, Schumann cuiu dizer que Clara estava noiva de outro homem. Desejoso de esquecer atirou-se ao trabalho. Escreveu uma sonata em Fá menor para piano — grito desesperado de paixão. Lançou-se aos braços dos amigos, dentre os quais era Felix Mendelssohn o mais compreensivo. Voltou-se para as prostitutas. E Clara começou a receber notícias dolorosamente alteradas da infidelidade de Schumann. A separação tornou-se mais profunda. O orgulho de ambos não lhes permitia uma reconciliação. Noite após noite orava Schumann aos céus: "Permiti que esta noite, ao menos, se passe sem que eu perca a razão!"

Mas a reconciliação não tardou. Clara deu um concerto em Leipzig. Schumann compareceu. Ela tocou a Sonata em Fá menor dele, pois não conhecia outra maneira de demonstrar a intensidade do seu amor. Impossibilitada de comunicar-se com ele em segredo, fê-lo em público. "Você acha que o meu coração não estava tremendo?... Eu me sentia indizivelmente desgraçada... Saí depois para dar um passeio, mas já não via as árvores, nem os prados, nem as flores; via apenas a sua imagem".

Era este o encorajamento de que Robert precisava. Encontrou-se com ela; fê-la prometer que entregaria ao pai uma carta dele, Schumann, no dia do aniversário dela. Nessa carta, Robert solicitava a Herr Wieck a mão de Clara. Que poderia o pai responder senão sim? "Pretenderá Deus, acaso, converter o seu décimo oitavo aniversário num dia de aflições?" Mas Herr Wieck permaneceu inabalável. Schumann procurou fazer que a carta se seguisse uma entrevista mas foi escorraçado da casa. Recusou-se o velho a ouvir-lhe as ponderações. "Se ele não der o seu consentimento dentro de dois anos, teremos de fazer valer os nossos direitos... E as autoridades nos casarão".

Clara, porém, fraquejou. Não lhe era possível determinar-se participar de qualquer plano de rebelião contra o pai. Embora trouxesse partido o coração, lamentava o isolamento do velho.

Nessa altura, Schumann desfalceceu. Durante toda a vida obcecara-o a idéia de que estava perdendo a razão. Quando da morte da cunhada, a quem se afeiçoara profundamente, sofrera uma crise de neurastenia. E naquele momento, ao ver-se na iminência de perder Clara, escreveu-lhe uma carta estranha. Referia-se ao "lado obscuro" da sua vida, manifestava o desejo de divulgar, algum dia, o segredo de uma "grave enfermidade psíquica" de que padecera "em dias anteriores". Não a tinha ainda espantado o desequilíbrio emocional que ele, tão a miúdo, patenteava? Um dia, ela teria a "chave" de todas as suas ações, "de toda a minha estranha natureza".

A música que ele escrevia não era apreciada. O idioma musical era algo estranho para ele. Os críticos franziam o cenho diante do que apelidavam a "informidade" das suas obras. Concorravam que ele escrevia canções de beleza profunda. "Mas só um talento lírico não faz um grande compositor". Um compositor de canções pôde ter o dom de expressar-se numa série de episódios destacados. A

música, porém, consiste no sustentamento da inspiração. "Poderá o jovem Schumann edificar uma catedral de idéias musicais? Até agora ele apenas se mostrou capaz de construir casinhas de um pavimento só".

A lentidão do seu progresso fazia-o infeliz. Não somente os críticos, senão a própria Clara parecia haver perdido a confiança nele. Schumann deu um passo arriscado; ferçaria uma decisão no caso do seu casamento. Redigiu um recurso legal instando com o tribunal que obrigasse o pai dela a consentir. Wieck replicou acusando Schumann, diante do tribunal, por bêbedo contumaz e, consequentemente, inabilitado para casar-se. Essa infâmia abateu a natureza sensível de Schumann. Todavia, os amigos, com Mendelssohn à frente, ergueram-se como um homem só e livram-no da acusação. Corroborando-lhe a justificação, a Universidade de Iena adjudicou-lhe um doutorado, de sorte que Wieck ficou ainda mais desacreditado. No dia 1.º de agosto de 1840, o tribunal lavrou a sentença do casamento. Schumann conquistara a esposa após uma luta de quatro anos.

IV

Viveram juntos catorze anos os quais, considerados em conjunto, lhes deram felizes. Era preciso que duas pessoas dotadas de tamanha força de vontade fizessem delicados ajustamentos. Clara era musicista famosa; Robert, humilde e obscuro. Não se agradava da idéia de ser considerado como "marido de Clara Wieck", e, sem embargo, via-se forçado a sofrer insultos sem conta ao seu orgulho. Os amigos, reiteradamente, menosprezavam-lhe os "mediocres talentos" em comparação com o "gênio transcendente" da esposa. Certa vez, num concerto no palácio de um príncipe alemão, Clara tocou com o brilho costumeiro. Ao saber que Robert também era músico, voltou-se para ele o príncipe e perguntou, ingenuamente: "E qual é o instrumento que o senhor toca?" Schumann levantou-se e saiu, furioso, do palácio.

Clara também tinha as suas dificuldades. Nunca lhe era permitido estudar piano enquanto o marido trabalhava, pois este exigia silêncio absoluto. De mais a mais, as suas trabalhosas obrigações como Hausfrau interferiam em seus progressos musicais. Schumann não era homem com quem se lidasse facilmente. Sob muitos aspectos não passava de um adolescente crescido em demasia. Era distraído, semcerimonioso, arrebatado, irresoluto e caprichoso como o vento. Extremamente generoso e desajeitado como um urso. Inclinado à melancolia, acreditava que o casamento o curaria dos seus periódicos acessos de tristeza. Com efeito, embora não o curasse de todo, o matrimônio revelou-se uma bênção para ele. Referia-se, repetidamente, à sua boa fortuna de possuir "uma esposa à qual estou ligado pela arte, pela afinidade mental, pelo hábito de muitos anos de amizade e pelo mais profundo e mais sagrado amor... Encheu-se-me a vida de alegria e atividade". Clara, por seu turno, adorava-o. "O meu respeito pelo gênio de Robert, pela sua inteligência e pelos seus dons de compositor aumenta com cada uma de suas obras". E quanto ao pai de Clara, este iniciou as propostas preliminares para uma reconciliação, tanto que o casal se uniu. Destarte, deixou de existir o vilão desse drama feliz das suas vidas.

Schumann dividia o tempo entre a composição e a atividade literária. Publicou uma revista musical, a "Neue Zeitschrift", vigoroso desafio à tacanha crítica musical dos alemães que colocava compositores de terceira ordem acima de Schubert, que qualificava de "nonada sem valor" os quartetos de Mozart e Beethoven e que chamava às obras de Chopin uma "escola de erros".

Expressou o seu credo musical por meio de diálogos entre duas personagens fictícias, Eusébio e Florestano, dois tipos diferentes de amantes da música — um deles, delicado e receptivo, sem muito gosto discriminativo, e o outro orgulhoso e idealista, paladino de todas as idéias nobres e progressistas. O paladino progres-

sista, fôra inútil dizer, era o próprio Schumann.

Mordaz em relação aos filisteus, era Schumann generoso para com os colégas, conquanto esses mesmos nem sempre fôsem generosos para com ele. Mendelssohn, por exemplo, desdenhava das suas obras musicais, alegando que um homem cujas faculdades críticas eram tão completas havia de ser suspeito como artista criador. Músico impiccável, saudado em toda a parte como o Mozart do século XIX, Mendelssohn zombava da falta de habilidade artística de Schumann. "E' notável", observou ele, em certa ocasião, "que um homem que conhece idéias tão bonitas seja tão desajeitado na sua execução". Ao que Schumann replicou, com discernimento profundo: "Se as circunstâncias que rodearam o meu desenvolvimento tivessem sido análogas às que cercaram o de Mendelssohn, destinado à música desde a primeira infância, eu teria ultrapassado a todos ao mesmo tempo".

As murmurações intentaram criar um abismo na amizade dos dois compositores. Mas conquanto pudesse ter perdido a fé em Mendelssohn, como homem, jamais vacilou Schumann em sua lealdade à música que Mendelssohn representava. Alguns anos após a morte deste último, o árbitro musical da sua geração, Franz Liszt, fez uma visita a Schumann. No decurso da conversação, Liszt observou que Meyerbeer, como compositor, era muito superior a Mendelssohn. Schumann, furioso, retorquiu que, comparado a Mendelssohn, Meyerbeer era um pigmeu, pois escrevera para um grupinho de Leipzig, ao passo que Mendelssohn compusera para o mundo inteiro. Proferindo estas palavras, agarrou Liszt pelos ombros, saudou-o com violência, e precipitou-se para fora da sala. Possuído da cólera ou do amor, Schumann nunca fazia coisa alguma pela metade.

V

Quatro anos após o seu casamento Schumann entregou o cargo de diretor do *Neue Zeitschrift* a um colega e, a partir de então, consagrou-se, inteiramente, à composição. Saiu de Leipzig e estabeleceu-se em Dresden. Aristocrata por virtude do gênio, permaneceu proletário em sua vida doméstica. Tornou-se pai orgulhoso, bem que estafado, de três filhas e três filhos. Padecia, continuamente, de acessos de melancolia e fazia viagens frequentes aos campos para tratar da saúde. Perturbavam-lhe o sono, pesadelos pavorosos relativos a hospícios. Uma condenação inexorável pairava sobre ele, dizia. Temia que estivesse perdendo o juízo.

Entrou numa corrida contra o tempo e mergulhou, desesperado, no trabalho. Sonatas para piano, quartetos para cordas, sinfonias, canções, um faiscante sortimento de jóias jorravam-lhe do reservatório do espírito que cedo havia de romper-se, com os nervos tensos a ponto de arrebentar, tinha medo da morte e tinha medo da vida. Quando estalou a rebelião de 1848 e a junta dos cidadãos lavrou um decreto exigindo que todos os homens fisicamente aptos pegassem em armas pela causa revolucionária, Schumann fugiu da cidade, na calada da noite, em companhia da esposa e dos filhos. E só voltou depois de haver sido sufocada a revolução pelos soldados realistas.

Aliado à sua angústia mental, pesava sobre ele o fardo da própria pobreza. Durante anos esperara, debalde, granjear nomeação para regente de uma orquestra. Sentira-se profundamente ferido quando Mendelssohn, demitindo-se, do cargo de maestro, recomendara para a sua vaga outro homem. Em 1849, entretanto, foi-lhe finalmente realizado o desejo. Os habitantes de Düsseldorf-do-Reno ofereceram-lhe o posto de diretor dos concertos cívicos. O estipêndio era pequeno. Düsseldorf não era um dos centros musicais da Alemanha. Para Schumann, porém, valia o oferecimento como escápula temporária às algemas do desespero. Aceitou-o.

O cargo foi, de feito, temporário. Schumann não brilhava como maestro. Até os bem-humorados burgueses de Düsseldorf, que não eram particularmente severos em suas apreciações musicais, começaram a exigir a demissão de Schumann. A sua interpretação da música, diziam, não era tão clara como poderia ser. "Ele está lutando contra forças acima do seu controle". Os renanos católi-

cos tinham uma queixa adicional contra o compositor, acusando-o de "aristocrata e snob". Irritava-os aquele "protestante de norte que evitava a sociedade". Schumann vivia arredado da maioria dos seus semelhantes. Era um homem de poderosas emoções e dificuldade de expressão. "Quando os meus pensamentos são mais eloquentes", lamentava-se, "é quando me vejo mais incapacitado de falar".

A comissão encarregada dos concertos de Düsseldorf tomou medidas para livrar-se dele. Aquilo foi para Robert um golpe tremendo. Excesso de gênio, carência de talento. Tal era o paradoxo daquele homem, que padecia da excitabilidade nervosa provocada por um cérebro demasiado fértil. Essa excitabilidade nervosa trouxera-lhe, de um lado, o fardo das aflições e, de outro, o condão de cantar. No decurso dos meses em que sofreu o seu maior vexame — a demissão da sociedade de concertos de Düsseldorf — escreveu a nobre *Quarta Sinfonia* em Ré menor, que lhe cantava continuamente aos ouvidos. Da mesma guisa cantavam as notas da *Primavera* e das *Sinfonias do Reno* — a doce música dos seus fracassos. A música não lhe permitia repousar. Sofria de alucinações auditivas. Sentia que as fôneas lhe fraguavam. Foi quando lhe adveio uma verdadeira bênção — uma mão nova e forte para carregá-lo o fardo de gênio para a frente e para cima. Um jovem admirador visitava-o e travara com ele amizade. Esse rapaz tocara algumas de suas próprias composições. Quando Schumann ouviu as primeiras notas, gritou uma vez dentro d'ele: "Você acaba de encontrar um filho!" Um novo meteorito refulgira no firmamento. Chamava-se Johannes Brahms.

VI

Schumann comemorou o seu décimo quarto aniversário de casamento numa atmosfera de relativa paz. Tocou para a esposa um grupo de canções que lhe dedicara quando eram os dois muito moços ainda. Clara confiou ao seu diário a felicidade que dela se apossou naquele dia. "Pode ser que pareça presunção dizê-lo, mas não é verdade que sou a mulher mais feliz da terra?" Não obstante isso, o palco já estava preparado para a grande tragédia. Schumann escrevera a um amigo uma carta em que se liam as seguintes palavras ominosas: "A música silenciou... A noite está principiando a cair..." Um conhecido de Schubert visitava-o. De repente, erguendo os olhos de um livro, perguntou o compositor com voz excitada: "Você sabe alguma coisa acerca das mesas que falam por meio de sinais?" E logo acrescentou, com acento misterioso: "As mesas sabem tudo!" A partir desse dia, começou a trançar-se no quarto e conversar carinhosamente com a sua mesa. "Vamos, mesinha, vamos, como são os primeiros acordes da *Quinta Sinfonia* de Beethoven?" E quando lhe parecia ouvir uma resposta, corrigia: "Mas o compasso é mais rápido, mais rápido!"

Os amigos ficaram seriamente alarmados. Ele queixava-se a Clara de que um acorde musical via a espancar-lhe os ouvidos, vedando-lhe o repouso. Pouco depois, decompunham-se as notas num milhar de sons majestosos. Já não lhe era penoso ouvi-los. Que maravilha! Brilhavam-lhe nos olhos visões do paraíso. Todos os ruídos tinham-se transformado em música para os seus ouvidos. Música esplêndida — como ele nunca ouvira na terra. "Sofro maravilhosamente".

Uma bela manhã, saltou da cama dizendo que os anjos lhe estavam cantando e que ele precisava copiar. "Você acredita, querida Clara, que eu lhe estou dizendo uma inverdade?"

Saiu depois impetuosamente de casa e precipitou-se no Reno. Foi salvo e mandado para um hospício — sítio terrível de visões que o tinham feito estremecer durante toda a vida. Seriam, porventura, pressentimentos...

Tal foi a tragédia do seu espírito. O artista hipersensitivo vivera uma vida de frustração mental. Não poderia ser feliz o final dessa história de um gênio tão poderoso com tão limitadas oportunidades de expressão, vulcão ativo de música pedindo pelas cinzas de um mundo desatento. Havia, forçosamente, de explodir.

Durante dois anos arrastou-se ele no meio dessa morte viva. Tirante uns poucos intervalos de lucidez, esqueceu-se da

DIABETE - OBESIDADE - MAGREZA

Modernos métodos de tratamento de ENGORDA, EMAGRECIMENTO, DIABETE e PRISÃO DE VENTRE. Aparelho digestivo e Nutrição (regimes) Glândulas da secreção interna METABOLISMO BASAL e TUBAGEM DUODENAL CLÍNICA ESPECIALIZADA DO

DR. ALARICO SOARES

Médico adjunto da Santa Casa e Médico Chefe da Seção de Obesidade e Magreza do Serviço de Nutrição da Policlínica Geral do Rio de Janeiro. Consultório: Edif. Góes — R. Alvaro Alvim, 27 - 3º and., sala 33 — Cinelândia. Fones: 225110 ramal 33 e 25-4380 - Consultas: Das 13 às 18 horas

COM 1947
CHEGOU O
NOVO TIPO



INDÚSTRIAS NEVE LTDA.

Rua Rosa e Silva 74 (Quase eq. Praça Marechal Deodoro). Fones: 5-1311 e 5-1322 — São Paulo

Vendas e exposição no Rio de Janeiro

INDUSTRIAS MURRAY S/A

RUA RODRIGO SILVA, 18



espôsa, esqueceu-se dos filhos. Vivia num mundo de música divina — aquelas harmonias celestiais que lhe roubavam o repouso. Pouco antes do fim, a esposa foi ao hospício e viu-o, então, pela primeira vez desde o dia em que ele fôra internado. Schumann tinha, nesse instante, quarenta e seis anos. Não passava, porém, do fantasma de um homem. Pareceu reconhecê-la por um breve e trêmulo momento. "Ele me sorriu... Pôs os braços em torno de mim. Mas com grande dificuldade, pois perdera quase completamente o controle dos membros..." A luz do sol é apenas uma lembrança irrisória na treva da tormenta. Ela procurou esquecer os quatorze anos de felicidade que tinham vivido juntos. "Não me era possível tolerar a idéia dessa felicidade enquanto eu me quedava sentada diante do sofrimento

dêlo". No instante, porém, em que ela se ergueu, ele a beijou. O beijo instintivo, confiante e indefeso de uma criança. "Nunca me esquecerei desse momento. Eu não renunciaria a esse beijo nem por todos os tesouros da terra".

O tesouro do Rajá

(Continuação da pág. 23)

curar uma tocha, temendo que os seus cúmplices abrissem o cofre-forte na sua ausência.

Nada havia, porém, de que ter receio. O que houve de mais claro nesta noite lugubre, foi a brilhante justificação dos meritos, tão gabados pelo reclame, dos cofres-fortes Chobbs desafiando toda a concorrência. Nada temos que ver com o

**Aos srs. distribuidores e assinantes
desta revista**

Rogamos indiquem sempre, com as suas remessas de dinheiro, nome e endereço certos a que as mesmas se destinam.



PRÍNCIPE DE GALLES

QUE CHARUTO DE GOSTO BOM!

MAS... PARA PESSOAS DE BOM GOSTO!

Produto COSTA PENNA BAHIA BRASIL



Metrolina

antisséptico.
adstringente
bactericida

O produto preferido pelas senhoras modernas para a sua HIGIENE INTIMA.

tumulto que produziu o fato entre o povo e os soldados indios de Mindapoore; basta que se saiba que o novo Rajá era pouco estimado pelo povo. Os conspiradores apoderaram-se da chave que estava presa ao pescoço do defunto e tentaram abrir a fechadura, empregando para este fim, todas as palavras inglesas que Samud Singh ouvira e conseguira mais ou menos reter na memória, mesmo palavras como Kemp e Gorbimey: tudo infrutuosamente.

No dia seguinte, conservando-se ainda intacto na pequena sala o cofre-forte, eles atacaram o madeiramento que o circundava, e fizeram-no voar aos pedaços; tiraram, com grande esforço, enormes blocos de pedra das muralhas; choviam os golpes sobre a porta invulnerável; gastavam-se as limas até o fio, tudo inutilmente. O esperto Golam Shah teve que explicar aos soldados e aos mollahs, da melhor forma que pôde, o que esperavam encontrar no cofre-forte. A explicação foi enormemente delicada, pois não ha circunstancia alguma que exija tão imperiosamente uma pronta distribuição de dinheiro como um movimento revolucionário.

Durante os dias que se seguiram, a situação em Mindapoore conservou-se singularmente tensa. Só uma coisa tornou-se notoria, foi a evidencia de que Azam Khan era dotado de uma fraqueza acabrunhadora. Primeiramente os soldados não quizeram dar crédito ao que lhes diziam sobre a resistencia do cofre-forte; uma deputação, como no Ocidente, insistiu, da maneira mais imprevisita, sobre o que falava o novo Rajá, a fim de constatar a veracidade das suas palavras. E, ainda mais, o populacho clamava em altos brados; pouco depois chegou um mensageiro portador de uma noticia alarmante: o novo Comissário da Rainha em Alapora ia chegar a toda pressa, afim de verificar a relação do fato, dada por Golam Shah e Samud Singh, em nome de Azim Khan.

O novo Comissário era moço e inexperienced; a cabeça quasi de tolo escondida sob o elmo colonial, cheio de zelo e desejo de se distinguir; e demais, ouvira já falar no tesouro. Segundo dizia, vinha com ordem expressa de tirar as coisas a limpo.

Ao chegar esta noticia alarmante, formou-se precipitadamente, a despeito das formas regulares, um conselho ao qual Azim não assistiu: ficou combinada por conluio uma contra-revolução. Tudo isto nunca foi sabido por Azim, somente ele ouviu um ruido de passos apressados atraz de si e sentiu o frio do cano de uma espingarda encostada ao pescoço...

Quando chegou o Comissário, Golam Shah, habil homem de estado, e Samud Singh, honesto soldado, achavam-se prontos para recebê-lo: havia duas mores, diversas testemunhas e uma historia-sinha muito simples. Depois da morte de Azim eles tinham ainda feito saltar os milos a um oficial que se tornara impopular aos soldados indios de Mindapoore. Eles disseram ao Comissário que Azim, tendo, conspirado contra o Rajá, ocasionara uma rebelião militar, e que o povo, que estimava o velho Rajá (como eles mesmo o estimavam) conseguira abafar a revolta: presentemente estava restabelecida a ordem e tudo voltara á calma habitual. E Golam explicou como Azim defendêra a vida mesmo no salão de honra, e como ele Galam saira ferido na luta, e como Samud matára Azim com sua própria mão.

O Comissário, que não era muito versado na lingua Hindú, enguliu todas essas petas. Tudo ao redor d'ele, na attitude das pessoas, no palacio, na cidade, parecia estar-lhe fazendo vêr claramente a verdade; Golam Shah sentia-a suspensa sobre a sua cabeça, como uma avalanche: entretanto o Comissário nada viu durante quatro dias; Golam e Samud iam e vinham continuamente, de um para outro lado, cochichando, exortando o povo á paz, prometendo atacar o tesouro logo que o Comissário se tivesse afastado da cidade. Mas, enquanto eles iam e vinham, naquela azafama, correu um boato alarmante: Golam e Samud, dizia-se, tinham conseguido abrir o cofre-forte e, pondo em lugar seguro o tesouro, tinham-no escondido e fechado. E agora, centenas de olhos brilhantes e escuradores espíavam-

nos curiosa e ayidamente, como eles tinham outrora espiado o velho Rajá.

— Não nos é possível continuar a residir nesta cidade disse Golam Shah a Samud, em um momento de clarividencia. O tesouro tornou-os loucos furiosos. A própria Gogonda não lhes bastaria.

Quando o Comissário descobriu a verdade, entregou-se a diversas pesquisas (tão inteligentes quanto o permitia a intelligência inglesa) afim de mostrar que não acreditava cegamente em tudo o que lhe diziam; nada porém adiantou. Ouvira falar em um tesouro e em uma enorme caixa. Golam e Samud também, mas não sabiam dizer onde era o escondirijo. Realmente eles tinham ouvido falar, por varias vezes, em um fabuloso tesouro, e em muitas outras histórias. Talvez existisse, com efeito, um tesouro.

Si o Comissário fosse dotado de um pouco mais de espirito de observação teria reparado que, no Salão de Honra, pairava sempre um cheiro fortissimo de polvora, o qual não tinha sufficiente explicação nos fatos que lhes contavam; e si ele tivesse pesquisado os quartos visinhos ao Salão de Honra, teria, sem dúvida, descoberto imediatamente o pequeno quarto em que se achava o tesouro, com a fechadura arrombada, o papel da parede arruinado e o cofre-forte no meio desta barafunda, sobresaindo da muralha, em parte demolida, mas sempre inviolavel e guardando intacto o magnifico tesouro do Rajá.

O fato é que a mão de Golam, envolto em panos, não o estava assim devido ao seu heroismo no combate, mas sim devido a certas operações desazadamente levadas a efeito em segredo.

Assim, vejamos a situação: o Comissário instalado no palacio, enviando informações erroneas ao Quartel General, esperando instruções; o cofre-forte sempre intacto; os cúmplices do crime resmungando cada vez mais e mais alto: Golam e Samud com receio, cada dia maior, de que o ruido chegasse aos ouvidos do Comissário.

Uma bela noite o Comissário ouviu lamar e bater docemente: ele era corajoso, levantou-se e, atravessando rapidamente o Salão de Honra, só e resolute, armado com a espingarda, procurou ouvir de onde vinha o barulho. Penetrava no Salão um raio de luz vindo de uma porta aberta que, durante o dia, estava dissimulada por uma tapeçaria. Parando, sem fazer bulha, na obscuridade do quarto contiguo, olhou para dentro do quarto de onde saia a luz. Estavam lá, em pé, Golam com um braço atado ao peito, segurando uma lanterna, enquanto Samud esgravatava na fechadura com pedaços de fio de ferro e pequenas chaves. Estavam ambos descalços e em trajes de viagem.

O Comissário, para um agente do Governo, possuia um espirito excepcionalmente pronto e ativo. Retirou-se, resvalando na escuridão.

Passados menos de cinco minutos, Golam e Samud, continuando na sua tentativa, ouviram o ruido de passos no salão de honra. Golam, abafando um gemido, apagou a lanterna; era porém já muito tarde. Um minuto depois, o tenente, de botas, vestido com um pijama, mas trazendo um par de revólveres, e seguido por dois soldados armados, surgiu na abertura da porta do quarto em que eles se achavam: estavam descobertos. Samud desarmou a espingarda e atirou-se ao chão: eram três contra um! Golam, com efeito, não era somente um estropeado, mas também um homem essencialmente pacifico.

Quando a noticia desta traição, saindo do palacio, se espalhou pela cidade, houve uma explosão de sentimento popular, e uma duzia de oficiais destemidos resolveu descobrir ao Comissário a conexão que realmente existia entre o procedimento de Golam, Samud e a morte do rajá. O primeiro que ousou apresentar-se ao alto funcionário foi um faquir desabrido pertencente á colônia que acampava em torno ao santuário. Depois de tê-lo escutado pacientemente, o comissário teve que desembaraçar o fio da sua narração de todo um tecido de maldições em que o santo homem o enredara.

O quarto que encerrava o tesouro estava em um estado tal que fazia crer que o



5 embalagens diferentes e ainda você encontrará nos barbeiros e cabeleiros de la. Ao lance de todos, BRYLCREEM assenta sem emplatar, dá brilho, torna os cabelos sadios e juvenis, perfuma suavemente; fixa mas permite repentear.

BRYLCREEM

O mais perfeito fixador do cabelo

palácio sofrera um assalto em regra. O tenente observava o cofre-forte crivado de golpes inúteis, quando o comissário lhe disse:

— Eis uma cousa estranha. Parece-me bem que temos aqui a chave do enigma.

— A chave, respondeu o oficial, a chave? foi justamente o que lhes faltou.

— Singular aliança do moderno e do antigo, continuou o comissário: um cofre-forte privilegiado para guardar o tesouro de um rajá!

— Com mil bombas! exclamou o engenheiro empurrando a porta do cofre-forte.

Ouviram-se exclamações em toda a sala. Cada um perguntava aos outros o que tinham visto.

— Uma cobra! declarou um.

O comissário perdeu um pouco da sua imperturbável dignidade.

— O que ha? perguntou, levantando-se subitamente.

O engenheiro apoiou-se ao cofre-forte, e murmurou duas palavras indistintas, precedidas de uma violenta praga.

— O que há? tornou a perguntar impetuosamente o comissário.

— O que há?... vidro quebrado, respondeu o engenheiro, em tom de voz surdo e furioso. Centenas de cacos de garrafas!

— Vejamos! ordenou o comissário, perdendo toda a dignidade.

— Vejo aqui whisky, e do bom, se não me engano, exclamou o engenheiro, cheirando a garrafa como verdadeiro conhecedor.

— Mil raios o partam! exclamou por seu turno o comissário.

Ao levantar a cabeça encontrou os olhares irônicos da multidão que enchia a sala.

— Eu... A sessão está suspensa! disse ele.

— Ah! que figura de imbecil deve ter feito ele! exclamou Mac Furk, que não gostava nem um pouco do comissário. Que figura asnática!... entretanto é bem simples quando se está ao corrente.

— Ao corrente de que? perguntou o agente da estação.

— O rajá bebia escondido! respondeu Mac Furk. Bebia whisky! Eu mesmo fui quem o ensinou a beber. Porém o pobre homem não ousava confessar que bebia, pois Mindapoorá é dos Estados muçulmanos o mais fanático que se pode encontrar nestas montanhas. O rajá foi sempre muito misterioso, gostava de fazer tudo sem testemunhas. Por esta razão é que ele comprou o cofre-forte, para esconder nele o objeto da sua paixão, para encerrar ali as suas garrafas de whisky. Ele quebrava as vazias, penso eu, para amontoá-las, quando já não havia mais espaço onde guardá-las inteiras. Caramba! Eu deveria ter pensado nisto. Porém, quando ouvia falar no tesouro do rajá, não conseguia estabelecer uma afinidade entre o tesouro, o cofre-forte e o whisky! Vejo agora que é bem simples!... Que decepção para Parkinson! Que logro levou ele!... Bom Deus! daria de boa vontade dois anos de vida para ver a cara de Parkinson ao abrir-se o cofre-forte.

— Acho que é necessário mandar alguém a Allapora, afim de telegrafar para a casa Chobbs.

O funcionário respondeu dizendo que era esta, com efeito, a sua intenção. Depois deu ordem para serem postados guardas adiante e atrás do cofre e ao redor do quarto, esperando a chegada de informações precisas a respeito da fechadura.

Foi assim que a Albion civilizadora tomou posse do tesouro do rajá. Muitas pessoas em Sinila, ao saber as notícias, enviaram felicitações ao comissário. A prontidão e decisão de que ele dera tão abundantes provas, eram objeto de mil elogios, e dizia-se em Mindapoorá que ele seria certamente agregado à Corôa e reintegrado no distrito que administrava.

Sómente um senhor vordo e idoso, chamado Mac Furk, morador em Allapora — um homem gordo, que seria estrepitosamente, e que tinha negócios secretos com alguns dos potentados do país — somente este não ouvira falar de nada, a não ser da morte do rajá e da partida do comissário. Nada sabia concernente ao tesouro, e era para lastimar que ele fosse tão ignorante a este respeito, pois fora quem, entre outras cousas, vendera ao

rajá o cofre-forte, e o único que poderia conhecer a palavra com a qual seria possível abrir a fechadura.

O comissário gostava de aparato; dizia, como excusa a este gosto, que o fausto é de primeira necessidade para quem trata com orientais. Aprisionou os quatro malfeitores, e, quando Chobbs enviou em fim as instruções sobre a abertura do cofre-forte, ele mandou arrastá-lo para o salão de honra, no intuito de abri-lo com maior solenidade. Sentou-se ele próprio no trono, enquanto o engenheiro atacava a fechadura sobre o tapete vermelho que forrava os degraus do estrado.

Bem no meio do Salão, fôra estendido um grande pano azul. Isto fazia lembrar ao comissário um quadro que ele vira em tempos: Alexandre, em Damasco, recebendo os presentes de Dário.

E' ouro, dizia um dos assistentes ao vizinho. Ouvi o ruído das moedas quando transportaram o cofre. Meu irmão estava entre os que trabalharam na transladação.

O engenheiro fez funcionar a fechadura. Os olhos de todos os que assistiam à operação tornaram-se mais brilhantes e ardentes, excetuando os do comissário, que tinha consciência das responsabilidades que assumira; sentado no trono, esforçava-se quanto podia por tomar um aspecto da Albion civilizadora.

Antologia brasileira...

(Continuação da pág. 15)

— Mas... êle... tinha-me encarregado de pedi-la em casamento, e eu entrei aqui sem saber quem vinha encontrar...

— Devêras?! exclamou a viúva Perkins.

E ei-la acometida de um ataque de riso:

— Ah! Ah! Ah! Ah! Ah!...

E deixou-se cair no divan:

— Ah! Ah! Ah! Ah! Ah!...

Salema aproximou-se da viúva, tomou-lhe as mãosinhas, beijou-as, e perguntou:

— Que hei de dizer ao meu amigo?

Ela ficou muito seria, e respondeu:

— Diga-lhe que quem tem boca não manda soprar.

ROBERT MITCHUM É ANTES DE TUDO UM RAPAZ MODESTO

(Continuação da pág. 21)

destaque. Seus últimos filmes na capital do cinema são "Correntes ocultas", com Katherine Hepburn; "Sagrado e profano", no qual trabalha ao lado de Greer Garson; e "Out of the past", película que a princípio recebeu o título do romance em que é baseada, "Build my gallows high"! "Angústia", com Laraine Day, e "Sua única saída", com Henry Fonda.

Não obstante a imensa popularidade cinematográfica que desfruta atualmente, Robert Mitchum é um dos artistas mais modestos e acessíveis no trato pessoal que já me foi dado conhecer em Hollywood. O homem tem um jeito todo especial de prestar atenção a todo mundo. Todos os funcionários dos estúdios em que trabalha, os mais humildes até, são seus amigos do peito e grandes admiradores de sua prodigiosa personalidade. Acho que isso é, aliás, a explicação mais plausível para os seus triunfos na opinião pública.

POMADA MINANCORA

Um verdadeiro tesouro!



**PARA FERIDAS, ECZEMAS,
INFLAMAÇÕES, COCEIRAS,
FRIEIRAS, ESPINHAS, ETC.
NUNCA EXISTIU IGUAL**

Contra dores

ASPIRINA



O remedio de confiança



Estude por Correspondência
desenho
mecânico e arquitetônico

GRÁTIS

CARTERA DE IDENTIDADE
COMPÊNDIO DE CALIGRAFIA
PAPEL ESPECIAL PARA DESENHO
SERVIÇO TÉCNICO DE CONSULTAS
ORIENTAÇÃO PROFISSIONAL
CÓDIGO OFICIAL DE OBRAS

Um futuro brilhante aguarda V. S. e uma nova vida cheia de possibilidades. Limitado a 100 N. A. ILUSTRAÇÕES. CURSOS S. S. S. S.

NÃO PERCA TEMPO E MANDENOS IMEDIATAMENTE O CUPOM AO: J. A. D. O.

Indústria mecânica e as obras arquitetônicas precisam de milhares de desenhos técnicos. V. S. pode tornar-se um destes privilegiados, ocupando um lugar de destaque e ganhando ordenados elevadíssimos. Estude em sua própria casa, a qualquer hora, pelo método prático e moderno da maior escola do Brasil.

DURAÇÃO DO CURSO: 25 SEMANAS
Sem nenhum conhecimento prévio da matéria ou preparo especial, tornar-se-á técnico em desenhos de máquinas, motores, aviões, construção de casas, fábricas, pontes, vias de comunicação, etc.

INSTITUTO UNIVERSAL BRASILEIRO

964

Caixa Postal 5058 — São Paulo

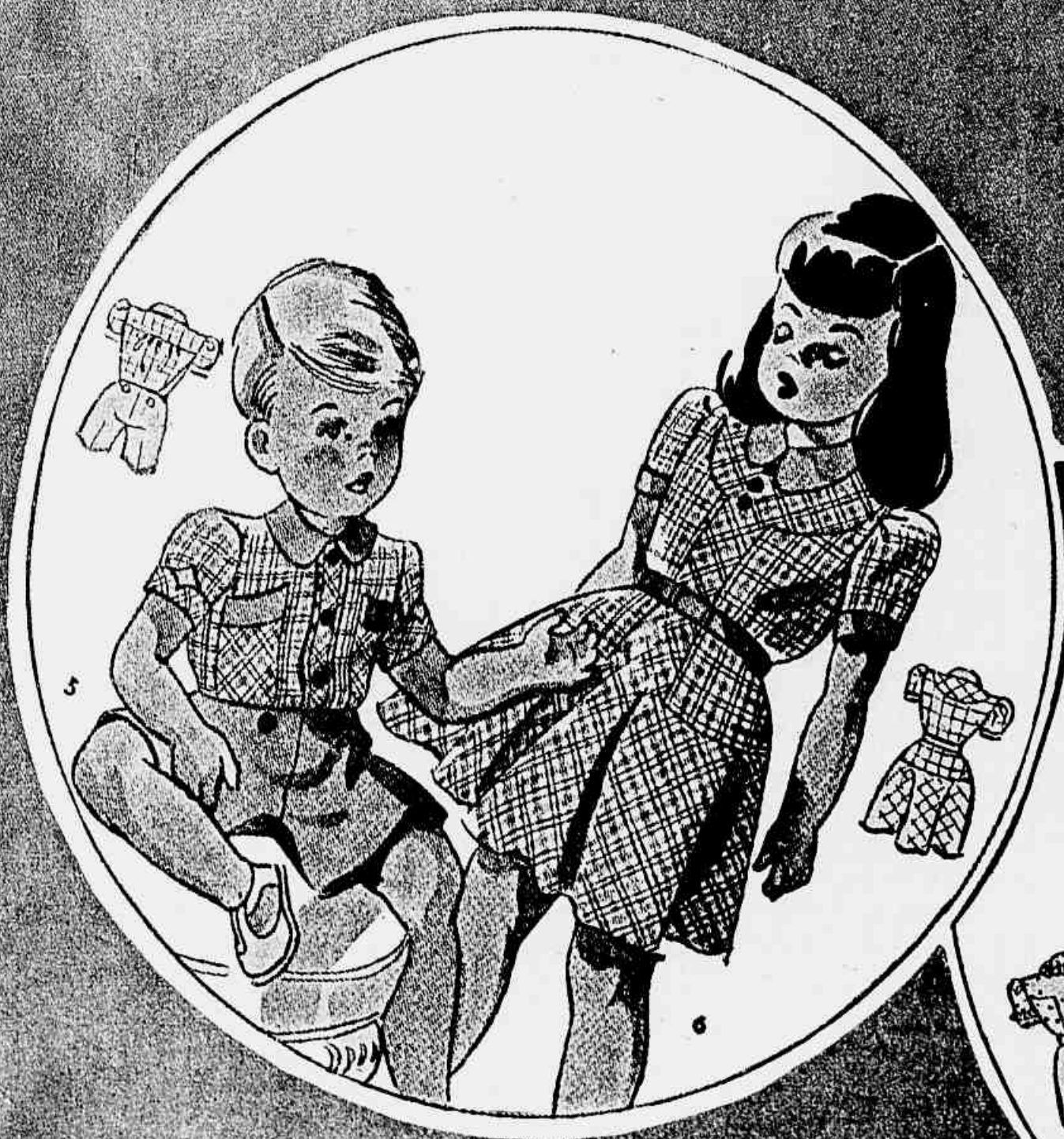
Sr. Diretor: Peço enviar-me grátis e sem compromisso as informações sobre o curso de desenho por correspondência.

NOME _____

RUA _____

CIDADE _____

ESTADO _____



P A R A CRIANÇAS

NADA fica mais encantador do que um casalsinho de irmãos vestidos da mesma maneira. Aqui apresentamos às nossas leitoras, si ela é a feliz mãe de um menininho e uma menininha, algumas sugestões bastante graciosas: 1) Para ele e para ela traje executado em fina lã, enfeitado com festões ao redor da gola. 2) Estes dois modelinhos, executados em "shantung" ou linho, têm como enfeite pespontos e botões. 3) Aqui, o vestido da menina é executado em tecido quadriculado, com gola e cinto em tecido unido. O traje do garoto, tem a blusa do mesmo tecido quadriculado e a calça de tecido usado para o cinto e a gola da menina. 4) Em tecido liso e outro com "gola" são executados estes dois modelinhos bastante graciosos.

O carreiro

(Continuação da pág. 23)

Houve uma paga, o velho lembrou-se:

— Ué! já tava m'isquecendo! Vai na frente, fio, qui já tamo chegando. Procura o João qui é pra dizer qui a Candida é pra já. Sá Rosa garante: o menino vem co'a panha...

Tonho sem largar o picão — era-lhe quasi um cajado — saiu pulando, enfiou-se como um saci pelo atalho do cafezal.

O velho continuou o caminho por entre o mar verde das folhas. Os primeiros apanhadores foram aparecendo.

— Bom dia, seu Pedro!

— Bom dia, sá Joana! Cumpade Mingo?...

— Logo adiante, com as balizas, e virou-se para o cafeeiro.

Os frutos de café, amontoados, brilhavam sob um sol molhado. O tempo firmava-se. Seu Pedro manobrou para a volta, chegou-se ao monte. Os bois mansamente obedeceram. Um simples aceno do picão e os bois moviam-se submissos, sem necessitarem de exclamações corretivas. Mas carreiro de verdade, mesmo com guias mansos, gosta é de gritar. É seu brado de virilidade, é a explosão do seu orgulho recalçado. Com os pés descalços, esquece a terra onde pisa, a vida de dureza, atrôa as montanhas com o seu brado, a esperança lhe volta, sente-se superior. É quasi um deus. Em carro de boi nem fazendeiro manda. O carreiro é onipotente, ele é quem ordena, é o único senhor. E por isso grita, brada, mesmo sem razão.

— Maiaaaado!... Vamo, boi d'uma figa!... Vorrta, Letrado, bandido!... Vaaaamo!...

Seu Pedro, porém, estava velho e triste. E a tristeza e a velhice não têm fôrças: apagam mesmo os brados de um carreiro que se preza, que é macho para correr.

O carreiro ajeitou as esteiras, abaixou-se para engraxar com sebo o eixo das rodas. O feitor chegou, deu bom dia.

— Bom dia, cumpade Mingo — seu Pedro retribuiu.

— Chuva doida, hein cumpade?...

— É mêmo. Chuva temporã, brava, zanga cum tudo. O romantismo zangou também...

Mingo consolou:

— Quando a chuva bate é assim mêmo, cumpade. A gente fica sentido...

Tonho chegou — já falei pro João, pai — sentou-se à beira da estrada. Ficaram os três vendo o movimento. Os camaradas iam e vinham trazendo café. O carro se enchia. As balizas eram

cornucopias derramando fartas os frutos graúdos, dum vermelho arroxeado, dinheiro em grão. Seu Pedro olhava as esteiras se estufando como ventre de mulher com cria, "barrigudas".

— A'panha est'ano tá bôa, cumpade Mingo.

— Se tá!... E só tamo no café véio. Deixe a gente pegarr na lavoura de dez ano... O doutor est'ano vai alem dos trezentos...

— Vai...

E ficaram mudos olhando o carro cheio, prenhe de uma riqueza tão próxima e tão longínqua. Houve um silêncio quasi religioso.

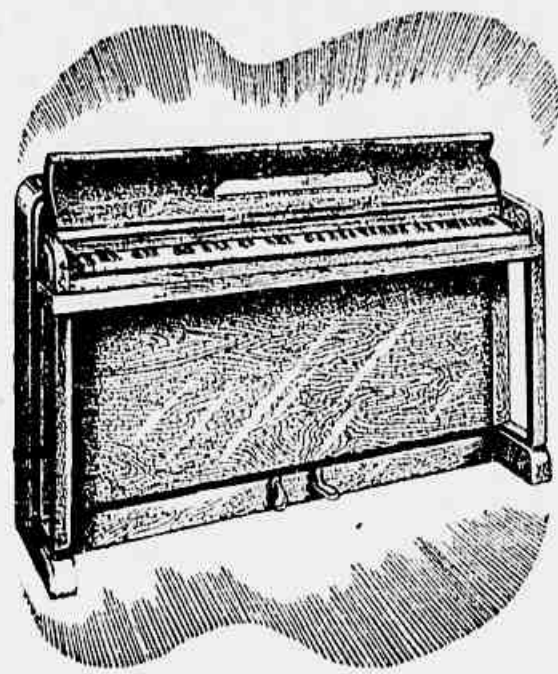
— Tá pronto, seu Pedro — o camarada falou.

Tonho levantou-se, ajeitou ainda as esteiras, foi para junto

dos bois. Seu Pedro despediu-se do Mingo, levantou o ferrão no ar.

E numa voz arrastada, pálida, descrente, falou sem animo:

— Vamos, Roxinho...



Pianos
KEMBLE

TIPO APARTAMENTO

em EXPOSIÇÃO

MESBLA

RUA DO PASSEIO, 48-56 - RIO

Seguiram ambos, pai e filho, pela mesma estrada comprida que eles não conheciam o fim. O carro de boi gemendo, gemendo, como se estivesse carregando todas as dores do mundo...

...é um prazer lavar roupa em casa



quando se usa
Sabão FLÔR

Fabricado com matérias primas selecionadas cuja fórmula garante a sua neutralidade absoluta.

Sabão FLÔR

lava tudo, especialmente roupas finas... e não estraga as mãos

CABELOS BRANCOS?
LOCÃO
Brilhante



a Beleza do Cabelo

**aumenta a
atração pessoal**

Para assegurar a vitalidade, o brilho, e evitar queda e o embranquecimento prematuro dos cabelos, não há melhor meio do que o uso diário do Tricófero de Barry.

Loção revitalizante, Tricófero de Barry tem a sua ação comprovada através de mais de um século de uso.

Dê aos seus cabelos o tratamento e o cuidado que merecem.

*Tricófero
de Barry*
EM USO DESDE 1801

CREME DE TOILETTE
RAINHA DA HUNGRIA
De Mme. Campos
BRANQUELA E AVELUDA A PELE
A VENDA EM TODA PARTE



RUGOL
O CREME
EMBELEZADOR DA PÉLE



MEDIDA ACERTADA DA CENSURA

O SERVIÇO de Censura de Diversões Públicas, órgão policial a quem a lei conferiu poderes gerais de amparo, defesa e fiscalização do direito autoral, acaba de adotar uma providência louvável na defesa dos interesses do compositor, nacional ou estrangeiro. Queremos nos referir às programações das estações de rádio submetidas à aprovação daquele Serviço nas quais, contrariando dispositivos legais, adotava-se a prática de fazer constar apenas os títulos dos programas, ao passo que se omitia lamentavelmente os títulos das composições musicais e respectivos autores. Como se sabe, a cobrança do direito autoral devido pelas irradiações de músicas é feita por número podendo-se, assim, facilmente calcular o prejuízo que a irregularidade vinha há muito tempo acarretando à economia dos compositores, quase sempre sangrada com o desconto de percentagens elevadíssimas, destinadas a cobrir muita coisa, inclusive instalações suntuárias de cujo conforto eles não participam. A providência em boa hora adotada pelo Sr. Melo Barreto, zeloso chefe do referido Serviço, foi imediatamente cumprida com o maior espírito de cooperação pela direção das nossas emisoras e, aos aplausos que ela tem merecido dos compositores de nossa música popular, juntamos sinceramente os nossos.

F. Corrêa da Silva.

AMAR FOI MINHA RUINA

*Samba de Augusto Mesquita e Jaime
Florence.*

Gravado por Gilberto Alves

Eu também posso dizer
— Amar foi minha ruína,
Que triste sina
Querer
Assim...
Sem conseguir te esquecer,
S' n'ho que vou te perder,
Não sei, meu Deus, qual será meu fim!

Este ciúme alucina,
Só desventura me traz...
Cavei a própria ruína,
Por te amar, amar demais...
Buscando a felicidade,
Eis a terrível verdade:
Jamais fui tão infeliz, jamais!

SOMETIME WE WILL MEET AGAIN

Do filme da UA "Carnegie Hall"

*Baseado no "Concerto para Violino",
de Tchaikowsky.*

*Fox de William Le Baron, Boris
Morros e Gregory Stone.*

Sometime, we will meet again,
Can't tell just exactly when,
But it was never intended
That stories like ours should be ended
They have to go on once they start;
If you doubt, ask you heart.
Sometime, we will meet again,
Don't know how, or where, but then,
Soon as the pages start turning
You'll find that you share in my yearning
To follow the story all through
So will I dear with you.
For I know in the ending you'll see,
That it's you, dear, with me.

CORAZÓN NO LE HAGAS CASO

*Tango de Armando Pontier e Carlos
Bahr.*

Corazón no le hagás caso
no te amargues por su ausencia

que no vale ni la pena.
Vamos, vamos!
Para que vas a tormarlo así
Si mo se lo merece
Corazón no le hagás caso
que aún se puede ser feliz!

II

Que importa
Si al fin de cuentas su desvío
nos mostró que no tenía,
ni franqueza ni cariño.
Acaso es mejor que así haya sido
Por eso aun que duele se. golpeado...
corazón!

Que nos importa
si todavía en nuestra vida
la esperanza es una amiga
que nos presta su ilusión...

I (BIS)

Corazón no le hagás caso
que a la vuelta de una esquina
otros sueños nos convidan!
Vamos, Vamos!
No te amargues porque al fin su amor

fué solo flor de un día
Corazón no le hagás caso...
que és inútil tu dolor...

ECLIPSE

Bolero de Margarita Lecuona

Eclipse de luna en el cielo...
Ausencia de luz en el mar...
Sufriendo de amargo desvelo,
Mirando la luna me puse a pensar...

Pensaba que ya no me amabas
Con honda desesperación,
Y en algo que siempre eclipsa
La luz de tu amor...
Eclipse de luna en el cielo...
Ausencia de luz en el mar...
Muy sola con mi desconsuelo,
Mirando la noche me puse a llorar...
Eclipse de amor en tus labios
Que ya no me quisieren besar...
Quisiera olvidar mis agravios
Y luego sonar...

MME. ZULEIDA GUERRA

PARTEIRA

Diplomada pela Faculdade de Medicina
do Rio de Janeiro

R. S. Francisco Xavier, 258 - Fone: 28-0430

**CABELLOS
BRANCOS**

CASPA
**Quêda
dos
Cabellos**

JUVENTUDE
ALEXANDRE

AGUA DE TOILETTE
RAINHA DA HUNGRIA
De Mme. Campos
LIMPA E FECHA OS POROS
A VENDA EM TODA PARTE

A Beleza é Obrigação

A mulher tem obrigação de ser bonita. Hoje em dia só é fêlo quem quer. Essa é a verdade. Os cremes protetores para a pele se aperfeiçoam dia a dia.

Agora já temos o creme de alface "Brilhante" ultra-concentrado que se caracteriza por sua ação rápida para embranquecer, afinar e refrescar a cutis.

Depois de aplicar este creme observe como a sua cutis ganha um ar de naturalidade encantador à vista.

A pele que não respira resseca e torna-se horrivelmente escura. O Creme de Alface "Brilhante" permite à pele respirar ao mesmo tempo que evita os pontos, as manchas e asperezas e a tendência para pigmentação.

O viço, o brilho de uma pele viva e sadia volta a imperar com o uso do Creme de Alface "Brilhante". Experimente-o.

É um produto dos Laboratórios Alvim & Freitas.

Senhoras!
Se a
Natureza Falha
MENAGOL
REGULA

Agência Zambardino
Rua Capitão Salomão, 67
Distribuidora desta revista
na capital de São Paulo.



LIVING-ROOM

Aqui está um modelo de "living-room", ótimo para ser aproveitado num palacete. A peça deve ser espaçosa e clara. Os móveis são de madeira óleo vermelha. Poltrona forrada em setim listrado bege e verde, berger forrada em setim bege. Cortinas de voile suíço branco. Portier e bandeaux em tecido chintz com fundo claro e ramagens polieromícas. Forração do piso com pasadeira de lã verde água.

MOBILIARIOS · TAPEÇARIAS · DECORAÇÕES

OFERECEMOS ORÇAMENTOS GRATIS

ASA
MARCA

UNES
REGISTRADA

A MAIOR E MELHOR ORGANIZAÇÃO DO BRASIL
AGORA SOMENTE

65 · RUA DA CARIOCA · 67

NAO TEM MAIS ANDREAS NEM FILIIS



CIA. DE CIGARROS
Souza Cruz